



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PósARQ)

Gislaine Carolina da Silva

O habitar de uma comunidade intencional: transsubstâncias fenomenológicas da
experiência vivida no espaço habitado da ecovila SitiOm em São Paulo/BR

Florianópolis
2022

Gislaine Carolina da Silva

O habitar de uma comunidade intencional: transsubstâncias fenomenológicas da
experiência vivida no espaço habitado da ecovila SitiOm em São Paulo/BR

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído.

Linha de Pesquisa: Comportamento Ambiental do Espaço Urbano e das Edificações.

Orientadora: Prof.a Maristela Moraes de Almeida, Dr.a.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Silva, Gislaine Carolina da

O habitar de uma comunidade intencional: transsubstâncias fenomenológicas da experiência vivida no espaço habitado da ecovila SitiOm em São Paulo/BR / Gislaine Carolina da Silva; orientadora, Maristela Moraes de Almeida, 2023.

131 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Significados do lugar. 3. Espaço habitado. 4. Habitar. 5. Fenomenologia da arquitetura. 6. Ecovila. I. Almeida, Maristela Moraes de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Gislaine Carolina da Silva

O habitar de uma comunidade intencional: transsubstâncias fenomenológicas da experiência vivida no espaço habitado da ecovila SitiOm em São Paulo/BR

O presente trabalho, em nível de mestrado, foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.a Soraya Nórr, Dr.a

Instituição UFSC

Arquiteta Cecília Heidrich Prompt, Dr.a

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Prof.a Maíra Longhinotti Felipe, Dr.a

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.a Maristela Moraes de Almeida, Dr.a

Orientadora

Florianópolis, 2022.

Dedico às vozes da minha cabeça.

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se à investigação do habitar no espaço habitado de uma comunidade intencional do tipo ecovila, partindo da premissa de que arquitetura e espaço habitado se concretizam em si mesmos como habitar humano. O pensamento estruturante do estudo tem como raiz teórica a ideia de habitar firmada pelo filósofo Martin Heidegger, que é o fio condutor na busca por compreender significados do habitar no espaço habitado de uma ecovila. O propósito desta investigação ancora-se na perspectiva fenomenológica, tanto na sua construção quanto no caminhar do processo de pesquisa. O objeto de estudo, espaço habitado da ecovila, diz respeito a tudo o que configura a ecovila enquanto lugar, desde aspectos espaciais e/ou físicos até dimensões sutis e/ou intangíveis que amparam e configuram o modo de viver da comunidade. Em consonância com a teoria estudada, o objeto de estudo e o propósito da pesquisa, experienciar o espaço habitado da ecovila mostrou-se a melhor maneira de compreendê-lo naquilo que ele é. Desse modo, a pesquisadora se dirigiu à ecovila SitiOm, no interior do estado de São Paulo, onde residiu por um mês ‘habitando’ ao modo de viver da ecovila. Ao habitar ao modo SitiOm, observou-se o desvelar de significados do/no espaço habitado da comunidade, sendo eles: O fazer com as próprias mãos; Integração com a natureza; O reaproveitamento de materiais; e O permanecido como espaço habitado. Os significados encontrados evidenciaram como o espaço habitado da ecovila transcende as dimensões físicas e/ou espaciais do lugar estando inerente nos aspectos mais sutis do seu existir. O estudo revelou a experiência como parte imprescindível para a compreensão da essência do habitar que, por sua vez, se mostrou incrustada ao espaço habitado da ecovila. Para além disso, o estudo trouxe reflexões quanto ao seu cunho procedimental e representativo, evidenciando como campo propício de investigação a busca por meios e formas que transmitam aspectos inerentes à arquitetura fenomenológica.

Palavras-chave: Habitar. Espaço habitado. Fenomenologia da arquitetura. Ecovila. Significados do lugar.

ABSTRACT

This research is dedicated to the investigation of dwelling in the inhabited space of an intentional community of the ecovillage type, based on the premise that architecture and inhabited space materialize in themselves as human dwellings. The structuring thought of the study has as its theoretical root the idea of dwelling established by the philosopher Martin Heidegger, which is the guiding thread in the search for understanding meanings of dwelling in the inhabited space of an ecovillage. The purpose of this investigation is anchored in the phenomenological perspective, both in its construction and in the course of the research process. The object of study, the inhabited space of the ecovillage, concerns everything that configures the ecovillage as a place, from spatial and/or physical aspects to subtle and/or intangible dimensions that support and configure the community's way of life. In line with the theory studied, the object of study and the purpose of the research, experiencing the inhabited space of the ecovillage proved to be the best way to understand it for what it is. Thus, the researcher went to the SitiOm ecovillage, in the interior of the state of São Paulo, where she lived for a month, 'inhabiting' the ecovillage way of life. When inhabiting in the SitiOm way, it was observed the unveiling of meanings of/in the inhabited space of the community, namely: Doing it with one's own hands; Integration with nature; The reuse of materials; and The remained as inhabited space. The meanings found showed how the inhabited space of the ecovillage transcends the physical and/or spatial dimensions of the place, being inherent in the most subtle aspects of its existence. The study revealed the experience as an essential part for understanding the essence of inhabiting which, in turn, proved to be embedded in the inhabited space of the ecovillage. Furthermore, the study brought reflections on its procedural and representative nature, showing as a favorable field of investigation the search for means and forms that transmit aspects inherent to phenomenological architecture.

Keywords: Dwell. Inhabited space. Phenomenology of architecture. Ecovillage. Meanings of place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema representativo do delineamento geral da pesquisa.	20
Figura 2 – Esboço sobre o pensamento de Heidegger sobre habitar e construir.....	25
Figura 3 – O que a palavra fenomenologia diz	37
Figura 4 – O que a palavra essencialidades diz.....	38
Figura 5 – Esquema das orientações epistemológicas da pesquisa.	51
Figura 6 – Desenho do processo de busca por evidências.	55
Figura 7 – Esboço das áreas temáticas abordadas no roteiro de entrevista.....	57
Figura 8 – Roteiro da entrevista semiestruturada.....	58
Figura 9 – Espiral de análise das informações obtidas.....	65
Figura 10 – Localização da ecovila e espaços habitados.	85
Figura 11 – Circuito das Palmeiras.	89
Figura 12 – A casa da árvore.....	90
Figura 13 – Teia da uva negra	91
Figura 14 – Mangueira com instalação de brinquedos.....	93
Figura 15 – Circuito de slacklines.....	93
Figura 16 – Vista posterior geral banheiro ecológico.	96
Figura 17 – Vista frontal banheiro ecológico.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios de seleção das ecovilas para estudo de campo	60
Quadro 2 – Síntese das fontes de evidências e formas de registro dos dados utilizadas durante o estudo de caso.....	63
Quadro 3 – Síntese do processo delineado: dos objetivos aos resultados.	67
Quadro 4 – Ecovilas contatadas e que retornaram com aceite positivo para a conversa.	69
Quadro 5 – Características das ecovilas quanto aos critérios estabelecidos.....	79
Quadro 6 – Resultado da aplicação dos critérios de seleção para ida à campo e ordem de contato das ecovilas.....	80
Quadro 7 – Base de dados selecionadas e resultados obtidos	121
Quadro 8 – Termos e fragmentos para busca nas bases de dados	122
Quadro 9 – Estratégias de busca utilizadas nas bases de dados	123
Quadro 10 – Documentos selecionados das bases de dados consultadas.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- ABRASCA – Associação Brasileira de Comunidades Alternativas
- BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- CAFe – Comunidade Acadêmica Federada
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
- GEN – *Global Ecovillage Network*, tradução: Rede Global de Ecovilas
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- NDLTD – *Networked digital library of theses and dissertations*
- OATD – *Open Access Theses and Dissertations*
- PQDT Global – *ProQuest Dissertations & Theses Global*
- TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
- TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
- VPN – *Virtual Private Network*, tradução: Rede Virtual Privada

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1.1	DO MEU MUNDO VIVIDO > ÀS PRÉ-REFLEXÕES NORTEADORAS > À PESQUISA.....	16
1.2	ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	21
2	RAÍZES TEÓRICAS-CONCEITUAIS.....	22
2.1	HABITAR.....	22
2.2	RESSONÂNCIAS DO PENSAMENTO DE HEIDEGGER NA ARQUITETURA.....	30
2.3	DA INTUIÇÃO DO ESPÍRITO À ESSÊNCIA DO SER – APONTAMENTOS SOBRE UMA FENOMENOLOGIA DA ARQUITETURA	36
2.4	COMUNIDADES INTENCIONAIS	41
2.5	INTERSECÇÕES ENTRE HABITAR, ARQUITETURA, FENOMENOLOGIA E COMUNIDADES INTENCIONAIS	46
3	O CAMINHO QUE SE FEZ CAMINHANDO.....	48
3.1	ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA CLÁSSICA.....	48
3.2	A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO.....	51
3.3	MEIOS INVESTIGATIVOS.....	54
4	DO ORDINÁRIO AO EXTRAORDINÁRIO – RUMO À PRESENÇA VIVIDA	68
5	DA PRESENÇA VIVIDA À PRESENÇA REFLETIDA – TRANSUBSTÂNCIAS DA EXPERIÊNCIA SITIOM	83
6	A ESSÊNCIA DO HABITAR NO ESPAÇO HABITADO SITIOM – DESVELANDO SIGNIFICADOS	100
7	CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E SUGESTÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS.....	118
	APÊNDICE A – Estratégias de busca e buscas realizadas em algumas bases de dados	121
	APÊNDICE B – TCLE Entrevistas.....	126

APÊNDICE C – Carta de anuência	127
APÊNDICE D – TCLE Estudo de campo	128
APÊNDICE E – TALE Estudo de campo	130

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As inquietações que motivaram a realização desta pesquisa de mestrado convergem-se em dois pontos principais, a saber: a sensação de que os cinco anos de graduação não teriam sido suficientes para eu me tornar arquiteta e o desejo de compreender o modo de viver das ecovilas. Não consigo precisar exatamente o momento em que tive conhecimento sobre as ecovilas, mas atribuo à minha primeira viagem de voluntariado em 2018 e, no mesmo ano, a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo assunto principal era bioconstrução, a minha maior aproximação com o tema. Deparar-me com essa forma de viver nada convencional e um tanto ousada para quem cresceu nos moldes convencionais de uma cidade do interior de Minas Gerais, instigou-me, pois parecia ser quase que uma ‘solução’ para os caminhos controversos que nós, seres humanos, estamos caminhando enquanto sociedade. E, então, pulsou em mim a vontade de ver e de entender como aquilo funcionava.

Dessa forma, o meu objeto de estudo esteve sempre bem claro para mim, contudo, ‘o modo de viver’ ainda parecia algo abstrato, subjetivo e amplo demais para ser tema de uma pesquisa científica. Com o ingresso no mestrado, fizeram-se necessárias lapidações no meu projeto inicial de pesquisa, e, apesar de algumas coisas estarem bem claras para mim, mesmo que apenas intuitivamente, como a necessidade de ir ao campo, outras como o tema de pesquisa ainda não estavam embasadas o suficiente. Depois de estudar, de pensar e de tentar me encaminhar por várias direções possíveis para a pesquisa, mas sempre voltar a escala zero, eis que me deparo com o texto *Construir, Habitar, Pensar*, do filósofo Martin Heidegger. Então, encontro na ideia de habitar que ele propõe, nome e definição para o que antes, eu vagamente, chamava de ‘modo de viver’.

Eis, então, que encontrei o ponto de partida? Não, o processo já havia começado muito antes, nas leituras ‘perdidas’ dos inúmeros possíveis temas que me acompanharam durante algumas semanas, dos objetivos que se faziam e refaziam, das tentativas frustrantes de fazer com que a pesquisa estivesse mais ‘focada’. Tudo fez parte, inclusive a certeza de que eu era a única pesquisadora do mundo que vivia um processo de pesquisa tão confuso/conturbado, pois antes estava claro para mim que o mestrado era um processo sistemático e linear de etapas a serem cumpridas, talvez essa idealização seja o pior equívoco que aspirantes a pesquisadoras possam cometer.

Somado aos desafios de principiante, uma pandemia emergiu fazendo com que toda a vida/rotina rompesse o seu fluxo habitual. As medidas impostas para conter a disseminação do

vírus da covid-19 fizeram-se necessárias e o isolamento social era fundamental. Isso implicava no distanciamento da atmosfera acadêmica que, nem existia mais, uma vez que a Universidade teve que fechar suas portas. A incerteza do amanhã atormentava nossa paz e o número crescente de mortes nos deixavam angustiadas, tristes e preocupadas com os nossos. A pandemia evoluía, o cenário pandêmico era crítico e, em meio ao caos, tivemos que nos adaptar à ‘nova realidade’. Durante esses anos de pandemia, período no qual maior parte desta pesquisa se realizou, fiz o melhor diante das condições que me foram possíveis.

De fato, o processo de realização da pesquisa que materializou esta dissertação não foi uma construção clara e linear, nem agradável em todo o seu percurso, ela oscilou entre momentos bons e confiantes e entre muitos dias solitários no fundo do poço. Para além de contextualizar o cenário em que a pesquisa se desenvolveu, a intenção de começar o trabalho com esse breve relato que, para mim, é uma confissão, é desromantizar e esclarecer pontos que eu gostaria de ter tido conhecimento antes de embarcar na aventura de fazer uma pesquisa de mestrado. Por fim, hoje entendo que, é todo o processo vivido que nos faz pesquisadoras e não as páginas que compõem uma dissertação.

O anseio de complementar os aprendizados da graduação e a intenção de compreender o habitar de ecovilas somaram-se e concretizaram-se nesta pesquisa de mestrado. Ditas essas breves palavras, expondo minhas inquietações e motivações pessoais, mostrando a gênese que deu o impulso inicial para que esta pesquisa se realizasse, apresento, nesta seção do trabalho, pontos importantes que tecem o cenário em que a pesquisa se insere, assim como as principais questões que norteiam o processo de pesquisa. Esse panorama visa situar a leitora dos principais aspectos que nortearam o trabalho. Outra coisa que deve ser dita, e que você talvez já tenha percebido, é que optei por utilizar no trabalho a linguagem no feminino, a intenção é enaltecer o papel de nós mulheres enquanto arquitetas e urbanistas, pesquisadoras, cidadãs, leitoras.

1.1 DO MEU MUNDO VIVIDO > ÀS PRÉ-REFLEXÕES NORTEADORAS > À PESQUISA

Como você habita o mundo?

Talvez, nunca paramos para refletir sobre isso, contudo estamos a todo momento a habitar. Trazer consciência para o modo como somos e estamos sobre a Terra diz respeito ao nosso habitar. Sim, habitar está em todos os âmbitos de nossa existência, dada a sua amplitude, mais do que refletir, decidimos viver. O nosso modo de viver pode ser visto como uma extensão

de nossas crenças, de valores e de intenções que, transformadas em escolhas e/ou atitudes, concretizam-se no habitar. Logo, habitamos: a Terra enquanto espécie humana, nossos países enquanto nação, nossa cidade enquanto cidadãs, nossos bairros enquanto moradoras, nossas casas enquanto habitantes, nosso corpo enquanto alma. Ou seja, habitar é da essência do nosso ser. Entretanto, uma vez que não refletimos a respeito do nosso modo de viver, habitamos a qualquer modo, de forma inconsciente, o que pode gerar modos de existir incoerentes com a essência de nosso ser e dissonantes das reais capacidades do *habitat* em que vivemos. Mas, então, haveria uma forma ‘correta’ de habitar? Estaríamos a habitar erroneamente?

Mais do que trazer respostas, este estudo se dedica a apontar questões a serem pensadas, questionadas e um singelo convite à reflexão acerca da temática estudada. Então, partimos do habitar vivido e suas consequências para expor o que tem lhe caracterizado. Começamos a pensar o habitar enquanto espécie humana que habita a Terra e depois partimos a refletir brevemente sobre habitar nas relações humanas e como esses dois enfoques culminam na orientação que este trabalho irá seguir.

A realidade nos apresenta dois acontecimentos que dizem muito sobre o habitar humano no Planeta Terra enquanto coletividade, são eles: o Antropoceno e a Pegada Ecológica. O primeiro diz respeito à alteração geológica na Terra causada pela espécie humana, o que revela um modo de existir degradante e insustentável a longo prazo. O segundo, Pegada Ecológica, é resultado de um cálculo que estima quanto de água e de área de terra uma pessoa, uma população ou uma atividade precisa para suprir suas necessidades no que diz respeito aos recursos que consome e resíduos que gera de acordo com o estilo de vida (FOOTPRINT, 2022). Os dois fatos são decorrentes da relação estabelecida entre o ser humano e o seu *habitat* natural, e sustentam a iminência de se repensar a maneira como se habita a Terra, principalmente no que diz respeito ao impacto humano gerado no Planeta.

O habitar que se revela na relação das pessoas com o meio em que vive também é inerente às relações humanas, uma vez que escolhemos a que modo desejamos e estabelecemos relações com outras pessoas. Logo, o habitar nas relações humanas pode induzir a uma certa inclinação de se habitar a Terra de um modo específico, ou seja, um modo de habitar coletivo que corresponda à maneira como desejamos estabelecer as nossas relações com o outro e com o Planeta que nos abriga.

Todas as dimensões da vida estão no âmbito do habitar, todavia este estudo tangencia o habitar em dois pontos distintos. Primeiramente, a pesquisa tem como foco de estudo o habitar no/do espaço habitado, ou seja, os lugares transformados e utilizados pelas pessoas, com a

conformação que consideraram pertinente para propiciar a realização das atividades necessárias à sua subsistência e que expresse, ainda, o modo de viver de uma pessoa ou de um grupo. O segundo ponto toca o habitar de forma indireta, mas intencional, que consiste no fato da pesquisa ter como objeto de estudo o espaço habitado de uma ecovila. Comunidade cujo modo de habitar se difere do convencional, no que diz respeito às relações humanas, à autossuficiência das atividades básicas de subsistência, que poderiam existir por um futuro indeterminado sem causar impacto ao meio, de modo que ele se apresente tal como é para as gerações futuras (GILMAN, 1991). Nesse sentido, o fenômeno das ecovilas exemplifica uma forma de habitar o mundo que considera as relações humanas, a relação do ser humano e o meio que habita, o que, por sua vez, configura um espaço habitado de acordo com o modo como a ecovila se relaciona com o meio.

Apresentado o cenário que conforma o habitar como tema de pesquisa e as problemáticas que o permeiam; o enfoque que este estudo se dedica – modo de viver de uma ecovila –; o objeto de estudo – espaço habitado desta –, se estabelece como pergunta norteadora da pesquisa: Quais significados do modo de viver do/no espaço habitado de uma ecovila? É no emergir desta inquietação que este trabalho busca compreender significados do habitar no espaço habitado de uma ecovila, ou seja, entender profundamente o que o modo de viver de uma ecovila, no que se refere ao espaço habitado, diz/mostra/desvela sobre e através de si.

O propósito da pesquisa nos encaminha para dois pontos de reflexão, primeiro a natureza da sua intenção e segundo ao seu proceder. É da natureza da intenção de um propósito que se revela seu proceder, e está intrínseco na questão norteadora a experiência vivida desse modo de viver como fator essencial diante do propósito desta pesquisa, e é em razão a essa essencialidade e ao modo como a pesquisadora relaciona-se com a realidade que se estabelece a abordagem teórica-metodológica deste estudo à luz da fenomenologia.

A fenomenologia enquanto corrente filosófica não emerge, neste trabalho, de uma única fundamentação, mas sim de influências de uma teoria filosófica clássica que dialoga com uma fenomenologia da arquitetura. Nesse sentido, se destaca a contribuição dos textos da filósofa Edith Stein (1924) e dos filósofos Martin Heidegger (1954) e Maurice Merleau-Ponty (1999). Apesar da natureza filosófica das obras, a leitura e a reflexão foram sempre na direção de uma aproximação com a arquitetura. Dessa forma, somaram-se contribuições de textos de arquitetos que, influenciados pela fenomenologia, direcionaram seus trabalhos, projetuais e/ou teóricos na orientação de uma arquitetura fenomenológica. Com destaque para Juhani

Pallasmaa (2013, 2017), Tadao Ando (2013), Norberg-Schulz (2013), Kenneth Frampton (2013) e Yi-Fu Tuan (1983).

O referencial metodológico ancora-se no próprio embasamento teórico da fenomenologia e na perspectiva do método fenomenológico proposto por Max van Manen (2016), tendo como plano de fundo entrincheiramentos da pesquisa qualitativa usual. O método fenomenológico que aqui se fala não consiste em etapas e um passo a passo rígido a ser seguido, na verdade ele é regido pela própria teoria da fenomenologia, o que faz com que a própria prática a um modo fenomenológico lhe confira qualidades inerentes de um modo de proceder. Dessa forma, são as qualidades que desenham a fenomenologia enquanto teoria que configuram o método fenomenológico deste trabalho. Nesse sentido e em alinhamento com o propósito do estudo, delinear-se os seguintes objetivos específicos: (a) Experimentar fenomenologicamente o modo de viver de uma ecovila; (b) Descrever a experiência vivida no espaço habitado da ecovila; e (c) Identificar significados do espaço habitado.

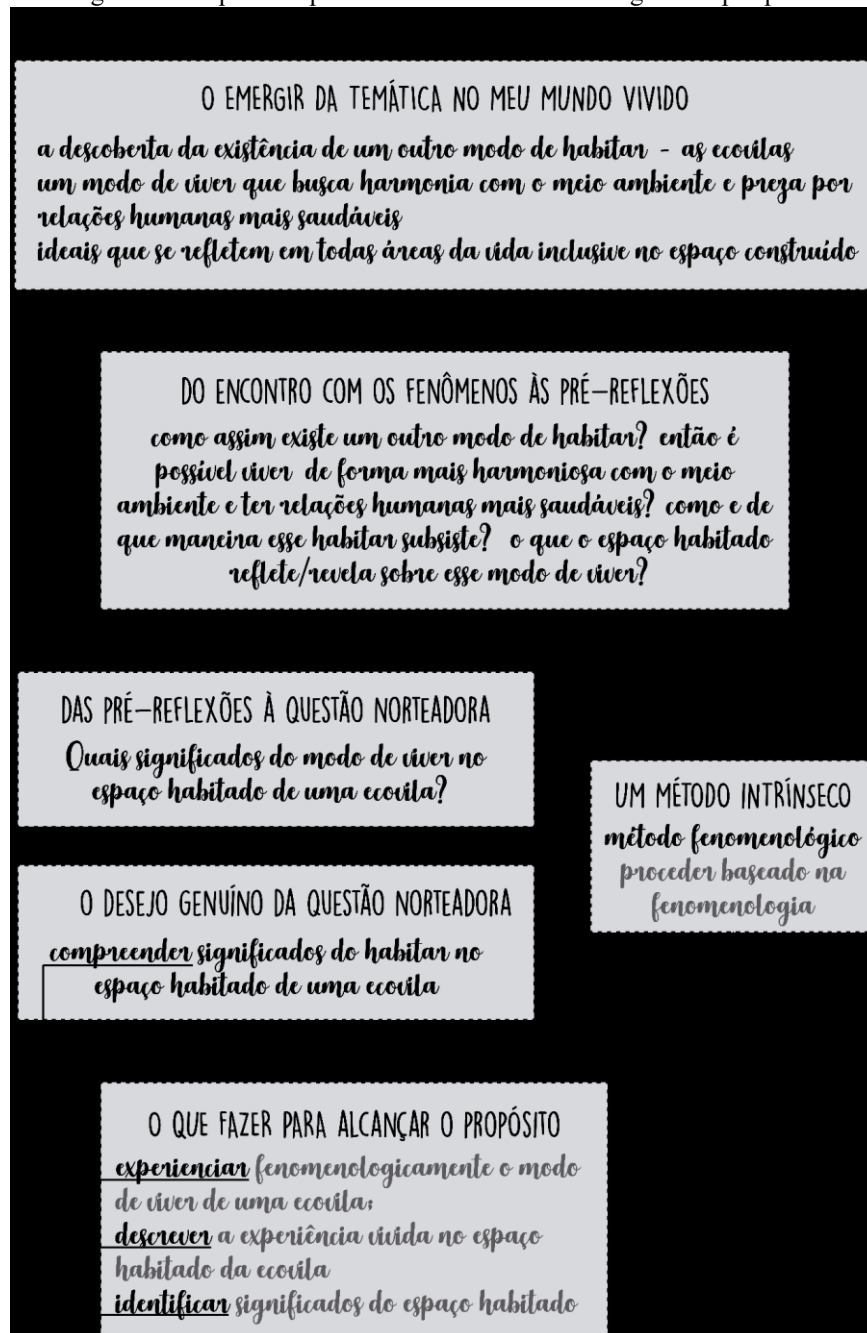
A pesquisa em questão mostra-se relevante por conectar assuntos caros à disciplina da arquitetura. O habitar pode ser visto como condicionante do fazer arquitetônico que singulariza a arquitetura e o espaço de comunidades intencionais, uma vez que é composto por escolhas e desejos humanos que configuram características e conformações específicas. Todavia, a própria arquitetura configura-se como habitar, na medida em que sua concepção está imbuída de um modo de se configurar no mundo. A conexão entre os assuntos aqui expostos parte de uma visão holística da arquitetura, entendendo-a como um habitar que concretiza um modo específico de ser e de estar no espaço, de um indivíduo ou de um grupo, e, assim, oferece condições para que uma maneira de viver específica aconteça. Além disso, o estudo visa relembrar o caráter transdisciplinar da arquitetura e sua veia filosófica, assim como sua essência.

Quanto à fenomenologia, a busca por uma fenomenologia da arquitetura vem acontecendo há algumas décadas, mas ainda há pouca aplicação da fenomenologia enquanto instrumento na prática arquitetônica (BULA, 2015). A fenomenologia da arquitetura tem sido discutida e vem se inserindo de forma lenta, tanto na prática profissional quanto nas contribuições teóricas e no ensino de arquitetura. Assim, este estudo esforça-se em demonstrar e consolidar a fenomenologia da arquitetura como estudo que alcança um entendimento profundo acerca da arquitetura, contribuindo, desse modo, para o avanço das bases norteadoras de uma arquitetura fenomenológica.

De acordo com que foi exposto, a pesquisa configura-se pela via do interesse intelectual, pois visa aprofundar a questão do habitar no espaço habitado de uma ecovila pela

ótica fenomenológica. Na qual se esforça em avançar e popularizar a fenomenologia na disciplina da arquitetura, tanto como teoria potencial de estudo e de ensino de projeto, quanto na prática arquitetônica projetual. Para além disso, o estudo empenha-se em revelar como a arquitetura e o espaço habitado configurados por outra forma de viver podem trazer novas perspectivas sobre a disciplina arquitetônica e outras formas de habitar. De acordo com o que foi exposto, fez-se uma representação esquemática do delineamento geral da pesquisa, conforme esquema a seguir.

Figura 1 – Esquema representativo do delineamento geral da pesquisa.



Elaboração própria (2021).

1.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Com o intuito de alcançar o propósito deste trabalho, a dissertação foi organizada nos seguintes capítulos:

No primeiro capítulo, intitulado ‘Considerações iniciais’, apresentamos o cenário e o contexto em que esta pesquisa emergiu, assim como as questões centrais que nortearam e delimitaram o estudo. Além disso, mostramos os principais pontos relevantes que justificam e demonstram a relevância da pesquisa, a questão norteadora, os objetivos, geral e específicos, e a organização da dissertação.

O segundo capítulo evidencia as raízes teóricas-conceituais em que a pesquisa se apoiou, expondo o pensamento acerca do habitar desenvolvido pelo filósofo Martin Heidegger e os aspectos que trazem a fenomenologia da arquitetura como ótica coerente para abordagem do assunto. Além disso, expomos, brevemente, por meio da interpretação de textos de arquitetos, a busca por uma fenomenologia da arquitetura.

No capítulo três, apresentamos o caminho investigativo escolhido para a realização deste estudo, demonstrando, de forma detalhada, os fundamentos epistemológicos em que o percurso metodológico se apoiou e os meios utilizados na execução da pesquisa. Assim como, o modo como se estruturou a ida ao campo.

O quarto capítulo relata tudo o que foi realizado desde a aproximação de ecovilas até o aceite para o estudo de campo. Buscou-se relatar os percalços e fazer um paralelo entre a pesquisa planejada e aquela efetuada.

No capítulo cinco, exibimos uma descrição da experiência vivida no espaço habitado da ecovila em estudo, apoiada em representações do lugar e do que emergiu na experiência vivida. Observações quanto os aspectos físicos e espaciais que conformavam os ambientes em estudo também foram retratados.

O capítulo seis apresenta significados que foram desvelados no/do espaço habitado da ecovila que compõem este trabalho. E reflexões acerca dos significados desvelados.

Por fim, o capítulo sete traz as considerações finais acerca do trabalho desenvolvido e confronta os objetivos do trabalho e os achados alcançados. Para além disso, aponta reflexões do processo de realização da dissertação, assim como do caminho de pesquisa escolhido e sugestões para trabalhos futuros.

2 RAÍZES TEÓRICAS-CONCEITUAIS

Esta seção do trabalho apresenta as raízes teóricas e conceituais que estruturam o pensamento em que a autora se orientou para realização desta pesquisa, que se divide em três pontos principais. O primeiro momento é uma exposição do tema habitar sob olhar do pensador Martin Heidegger, que se concretizou por meio da leitura ativa e reflexiva do ensaio *Construir, Habitar, Pensar*. Após introduzir o tema e questões fundamentais inerentes a ele, o segundo momento dedica-se a expor como as ideias de Heidegger influenciaram o pensamento de arquitetos na direção de uma fenomenologia teórica e prática da arquitetura, isso ocorreu por meio da leitura de escritos desses profissionais sobre a arquitetura. No terceiro momento, se apresenta o objeto de estudo que a pesquisa vai investigar. Por fim, se correlaciona os assuntos que conformam este estudo.

2.1 HABITAR

A ideia de habitar em que este trabalho se apoia é aquela exposta pelo filósofo Martin Heidegger na conferência¹ *Mensch und Raum*² em Darmstädter, em 1951, por meio do pronunciamento do ensaio intitulado originalmente como *Bauen Wohnen Denken* e traduzido, neste trabalho, como “Construir Habitar Pensar”. Esse ensaio, assim como, “A coisa” e “... Poeticamente, o homem habita...”, complementares e contemporâneos a ele, foram escritos após a Segunda Guerra Mundial, momento em que a Alemanha passava por reconstrução social e política (SHARR, 2007). Ainda segundo o mesmo autor, entre 1939 e 1945, um quinto das casas alemãs tinham sido destruídas e as produções de Heidegger, mencionadas anteriormente, foram uma resposta direta aos desafios que a Alemanha vivia. Mediante raízes filosóficas, Heidegger traz sua perspectiva a respeito da crise habitacional e sua estreita relação com habitar e construir.

Martin Heidegger foi um filósofo que nasceu em 1889, no sudoeste da Alemanha, em Messkirch, Suábia, e faleceu em 1976 sendo enterrado na sua cidade natal. Ao longo de sua vida, Heidegger escreveu várias obras tendo atuado também como professor. O pensamento de Heidegger teve grande influência de Edmund Husserl, fundador do movimento

¹ “Conferência realizada em 5 de agosto de 1951, no âmbito do II dos “Diálogos de Darmstadt” (*Darmstadter Gesprächs II*) sobre “O homem e o espaço”. Impressa juntamente com a publicação desse diálogo pela Neue Darmstadter Verlagsanstalt, 1952, p. 72s.” (HEIDEGGER, 2012).

² Original do alemão e traduzido livremente para o português como Homem e Espaço.

fenomenológico, no entanto, a fenomenologia seguida por Heidegger acabou por se distanciar daquela proposta por Husserl (LOPARIC, 2004). Apesar de Heidegger não ter qualquer formação em arquitetura, sua teoria influenciou muitos arquitetos a repensar questões importantes que tangem a disciplina arquitetônica. Nesse sentido, a corrente fenomenológica defendida por Heidegger influenciou, e continua a influenciar, muitas arquitetas simpatizantes por uma fenomenologia da arquitetura e, para além disso, suas reflexões acerca do habitar e do construir mostram-se contemporâneas e pertinentes para discussões atuais.

Começemos pelo título *Construir Habitar Pensar*. A expressão não traz uma compreensão imediata, uma vez que desconsidera os critérios de composição de frases. O título se constitui de três verbos independentes, com grau de importância equivalentes, mas integrados de alguma forma, já que não há qualquer pontuação que os desassocie. Com isso, deduz-se, inicialmente, que o ensaio tratará dessas três dimensões integradas entre si, o que é confirmado por Richard Sennett (2018, p. 149): “A ausência de vírgulas indica que os três conceitos constituem uma única experiência [...]”. Contudo, durante a argumentação aqui exposta, talvez essa complementariedade não fique tão evidente, mas será retomada no final da explanação.

Para Heidegger (1954), a essência das coisas nos chega por meio da linguagem, nesse sentido, a linguagem não é apenas um meio de expressão, mas sim o meio pelo qual se comunicam ideias. Desse modo, ele busca pensar os significados de habitar e de construir por meio da linguagem conduzindo o seu pensamento sempre ao âmbito originário da palavra. Poderia se pensar, superficialmente, que construir se refere simplesmente à ação de edificar alguma coisa e que habitar consiste no ato de morar, porém Heidegger nos prova que tais palavras, em sua essência, não se reduzem a interpretação rasa e superficial que fazemos comumente. Heidegger salienta que o construir do qual ele trata não se refere às técnicas de construção, mas sim de um retorno do construir a sua essência, “aquilo que é”.

Construir e habitar estão intrinsecamente relacionados, a meta do construir é o habitar, todavia, é no próprio habitar que o construir se consolida. A ideia de habitar é o ponto de partida para Heidegger desenvolver seu pensamento. Quaisquer locais que ofereçam ao homem um abrigo para se desempenhar alguma atividade, se assim ele o fizer, ele o estará a habitar: “Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação.” (HEIDEGGER, 1954, p. 125). O habitar não se limita a algo propriamente construído, não está restrito à habitação e nem à preexistência de edifícios.

O habitar transcende uma estrutura física específica e a própria ideia de ‘morar’, que via de regra, se limita a uma casa ou a um apartamento, o habitar se estende a todos os lugares que se pode estar no mundo. Contudo, a expressão ‘estar em casa’ é utilizada com frequência quando queremos demonstrar que um determinado lugar nos traz aquela sensação de proteção, de abrigo ou simplesmente de bem-estar ao desempenhar uma atividade em algum lugar. Talvez, por se reportar sempre a sensação de ‘estar em casa’ ao próprio lar, em detrimento a outros lugares, essa ideia do habitar ancorado na habitação tenha se consolidado.

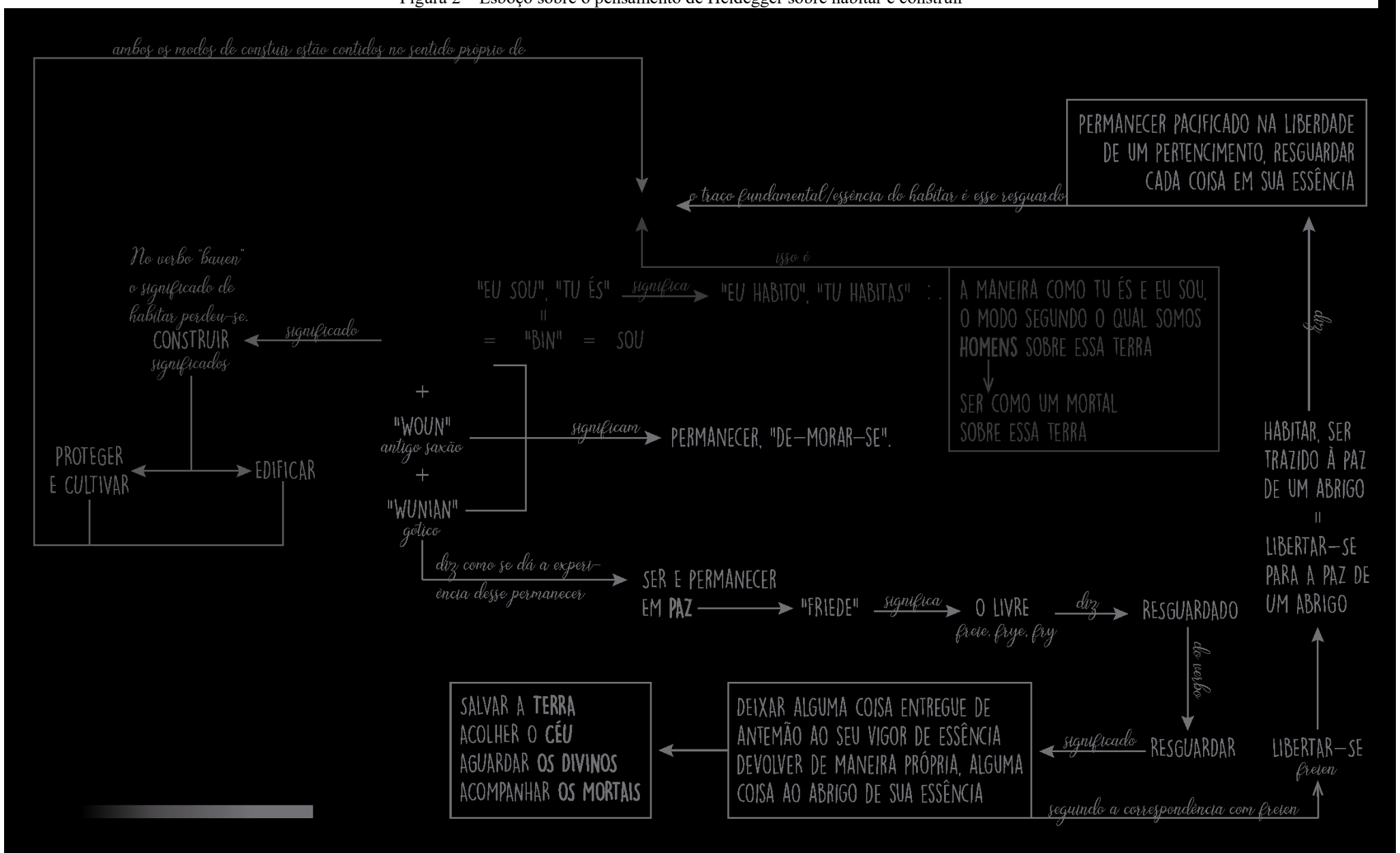
Apesar da finalidade do construir ser o habitar, Heidegger (1954) afirma que essa não é uma mera relação de meios e de fins, trata-se de uma relação complexa que é explicada por meio da linguagem, em que os significados das palavras conduzem suas ideias a respeito do habitar e do construir. Neste estudo, o pensamento de Heidegger também é apresentado por meio da linguagem, apesar do entendimento da autora ter se consolidado por meio de mapas mentais feitos no decorrer da leitura. Por isso, segue na próxima página um esquema (Figura 2) que sintetiza, de forma mais visual e intuitiva, o que foi compreendido das explicações e do pensamento de Heidegger acerca do habitar e do construir.

Por se tratar de uma explicação que se dá por meio da linguagem, parece pertinente resgatar uma observação realizada por Heidegger (1954, p. 128): “[...] nas palavras essenciais da linguagem, o que nelas se diz propriamente cai, com muita facilidade, no esquecimento, em favor do que se diz num primeiro plano.”. Nesse sentido, fica um convite à leitora de ler as explicações que se apresentam deixando de lado as concepções existentes, na medida em que isso seja possível, e se abrir para se aprofundar na essência da palavra e no que ela diz.

Heidegger começa o ensaio buscando responder a pergunta “O que é o habitar?” e recorre a palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir: “*buan*”, para comprovar que o significado da palavra construir era originalmente habitar. A palavra “*baun*” não diz apenas habitar, ela diz: permanecer, morar, e “[...] acena como devemos pensar o habitar que aí se nomeia.” (HEIDEGGER, 1954, p. 126). Essa fala de Heidegger sugere que existe um certo ‘modo’, um ‘como’ de se permanecer, morar e, conseqüentemente, pensar o habitar. Contudo, isso não parece ser o suficiente para Heidegger definir o habitar.

“*Baun*” (construir) vem do verbo “*bauen*” que, por sua vez, também significa construir. No entanto, no verbo “*bauen*”, construir perdeu o significado de habitar, contudo o verbo originalmente diz: “que amplitude alcança o vigor essencial do habitar.” (HEIDEGGER, 1954, p. 127). Orientado por essa afirmação, Heidegger revela que a palavra “*bauen*” é a mesma palavra alemã “*bin*”, que equivale ao verbo ‘ser’ nas conjugações: ‘eu sou’, ‘tu és’ logo, se o

Figura 2 – Esboço sobre o pensamento de Heidegger sobre habitar e construir



verbo ‘ser’ equivale a ‘habitar’: ‘eu habito’, ‘tu habitas’. A presença do ‘eu’, ‘tu’ implica, obrigatoriamente, a existência humana para a ocorrência do habitar; o que, por sua vez, é comprovado pelo que a palavra “*bauen*” diz: “[...] o homem é a medida que habita”. (HEIDEGGER, 1954, p. 127). Dito isso, se faz saber os dois significados de “*bauen*” (construir): proteger e cultivar e; edificar. Apesar de “*bauen*” não ter mais o significado original de habitar, esses dois significados de construir estão contidos dentro do habitar.

Em seguida, Heidegger se empenha em pensar no que consiste o vigor essencial do habitar, mais uma vez ele se ancora na linguagem para tal. Assim como a palavra “*bauen*” diz: permanecer, ‘de-morar-se’, o gótico “*wunian*” diz isso e, ainda, especifica como se dá essa experiência: ser e permanecer em paz. A palavra ‘paz’ significa ‘o livre’, que diz em sua origem: resguardado e, resguardar, significa devolver: “[...] de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). A palavra resguardar encontra significado próprio na expressão ‘libertar-se’, ou seja, “libertar para a paz de um abrigo.” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). Tudo isso culmina no resguardo que Heidegger considera o traço fundamental do habitar que, então, diz: “permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). Cada coisa? Mas, que coisas seriam essas?

No decorrer de sua explanação, alguns pontos importantes foram mencionados e que agora são retomados. Quando Heidegger (1954, p. 127, grifo nosso) diz “[...] ser como um mortal sobre essa terra [...]”, ele infere ‘sob o céu’ que, por sua vez, é “permanecer diante dos deuses” (1954, p. 129, grifo nosso), na conjuntura dos homens, ou seja, dos mortais. Os quatro elementos: a terra, o céu, os deuses/divinos e os mortais estariam interligados entre si de forma originária. “Resguardar cada coisa em sua essência” (HEIDEGGER, 1954, p. 129) seria, então, ter os quatro elementos atuando conforme sua essência natural, característica que qualifica o habitar como habitar.

Logo, no âmbito do habitar, os quatro atributos são compreendidos tendo a figura do homem como ator que os interliga. Habitar sobre a terra “não é assenhorar-se da terra e nem tampouco submeter-se à terra” (HEIDEGGER, 1954, p. 130), mas sim deixar a terra continuar a existir como terra. Habitar sob o céu é estar sincronizada ao ciclo natural das estações e das estrelas em seu fluxo orgânico sem qualquer interferência e, mais uma vez, deixar o céu existir como céu. Habitar é aguardar os deuses, “Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade.” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). Logo, é observar o divino que se manifesta na terra, no céu e nos mortais. Os mortais habitam reconhecendo que estão conduzidos à morte, portanto

estão de passagem, por isso devem honrar esse percurso respeitando terra, céu e divino, ou seja, deixando-os existir no seu vigor de essência.

Mas como o habitar acontece na prática diante esses quatro elementos? Habitar, apesar de ser mais que um “[...] demorar-se junto as coisas.” (HEIDEGGER,1954, p. 131), acontece quando essas ‘coisas’ preservam a terra, o céu, o divino e os mortais em seu conjunto. ‘As coisas’, em que os mortais se demoram, são lugares que, muitas vezes, tem uma arquitetura que os conformam. A arquitetura enquanto ‘coisa’ deve, por sua vez, admitir que os quatro elementos aconteçam em sua essência. Dessa forma, Heidegger se encaminha para a segunda parte de seu texto que consiste em responder a pergunta: “Em que medida construir pertence ao habitar?”

Para Heidegger, construções são uma reunião integradora, dos quatro elementos, na qual surge um lugar que comporta espaços dentro de um limite no qual, alguma coisa, dá início a sua essência. Dessa forma, só se pode, de fato, edificar uma construção quando se tiver pensado a essência de cada coisa que a construção exige para sua realização, isto é, os lugares que propiciam aos quatro, terra, céu, divinos e mortais, estância e circunstância.

De acordo com o exposto presume-se que a arquitetura, enquanto coisa construída, deve preservar a quadratura, pois isso é o traço fundamental do habitar. Por sua vez, é o construir que conduz os quatro elementos, a coisa construída, logo esse construir deve deixar aparecer a essência da quadratura, pois “[...] ao habitar pertence um construir e que dele recebe a sua essência.” (HEIDEGGER,1954, p. 140). Dessa forma, construir e pensar são indispensáveis para o habitar, contanto que sejam tratados conjuntamente mesmo permanecendo em seus limites.

Heidegger finaliza o ensaio pontuando que a maior crise “[...] consiste em que os mortais devem primeiro aprender a habitar.” (HEIDEGGER,1954, p. 140), e esta antecede a própria crise habitacional que a Alemanha vivia no pós-guerra e quaisquer outras crises habitacionais. A emergência de que nós, mortais, devemos conduzir o construir a partir do habitar e que devemos pensar na direção do habitar é apontada por Heidegger como iminente e necessária.

Entender o habitar sob a perspectiva do filósofo Martin Heidegger mostra que, apesar de seu pensamento ser conduzido pela sua formação profissional, suas reflexões evidenciam o caráter interdisciplinar da arquitetura. De acordo com seus pensamentos, o habitar é condicionado por quatro elementos, sendo eles: terra, céu, divinos e mortais. Logo, o modo como se é/está nessa terra deve honrar cada um dos elementos deixando que cada um permaneça sendo o que é. Trazendo esse pensamento para a arquitetura, infere-se que quaisquer ‘coisas construídas’ devem acontecer de forma a se encaixar nas preexistências que tangem, céu, terra,

divinos e mortais, ou seja, se inserir de forma harmônica no que já existe deixando-os permanecerem sendo o que é.

Logo, para que a terra continue sendo terra, a arquitetura não deve prejudicá-la, a Terra deve, mesmo após a existência da arquitetura, continuar sendo aquilo que é. As coisas edificadas devem permitir que a Terra continue a dar frutos ao florescer e que as águas continuem o seu fluxo em seu percurso. A arquitetura deve estar em harmonia com os ciclos do céu, acolhendo as particularidades de suas estações e de seu clima. Na consolidação da arquitetura, o divino deve se manifestar.

Sem a existência da vida humana, terra, céu e divinos coexistiriam em harmonia, contudo a simplicidade da quadratura não estaria completa. Todavia, a existência de nós, mortais, na Terra, tem se mostrado a principal fonte de desequilíbrio e impacto no meio. Essa dicotomia parece residir no distanciamento de nós, seres humanos, com o verdadeiro sentido de habitar. O ser humano, tal como uma árvore, integra o sistema de vida no Planeta Terra, onde cada um tem o seu papel para o equilíbrio geral do sistema, no entanto, o que tem se observado, é que o ser humano não tem agido de forma coerente para a manter essa relação harmônica, se é que isso um dia aconteceu. Quanto maior a integração do ser humano no ecossistema da Terra, enquanto parte que compõe e contribui de forma positiva para que as relações aconteçam de maneira harmônica, mais o sistema estará em equilíbrio. No entanto, as atividades humanas estão desconexas do curso natural do meio ao qual integra que, toda a Terra já está, em algum nível, sofrendo consequências das ações humanas dissonantes com o meio ambiente, uma prova disso é que o planeta está vivenciando o Antropoceno.

O termo Antropoceno, proposto pelo químico Paul J. Crutzen e pelo biólogo Eugene F. Stoermer (2000), refere-se à era geológica na qual a humanidade desempenha atividades que geram crescentes impactos na Terra e na Atmosfera. Os autores designam o final do século XVIII como a data de início do Antropoceno, pois se trata de um período em que os efeitos das atividades humanas mostraram-se notáveis, marcado especialmente pelo início do crescimento de gases na atmosfera, pela invenção do motor a vapor e pela mudança dos meios bióticos na maioria dos lagos (CRUTZEN; STOERMER, 2000). Nesse sentido, somos levados a questionar a existência de fenômenos puramente naturais, pois o impacto causado pela humanidade no mundo já tem efeitos em todo o meio. Assim, desconsiderando o aspecto temporal, um fenômeno “natural” que acontece hoje não está sob as mesmas condições que um fenômeno idêntico em outro período anterior ao Antropoceno, ou seja, as consequências das ações humanas já influenciam em certo grau os ciclos da natureza. Dessa forma, a necessidade de se

repensar o habitar que, por sua vez, engloba todas as ações e modos de ser e estar sobre a Terra é iminente, uma vez que o modo como a sociedade está vivendo no Planeta mostra-se insustentável, dada a capacidade de regeneração biológica do Planeta Terra.

Um sistema criado para medir o impacto humano na Terra é chamado de Pegada Ecológica. Originalmente nomeado por *Ecological Footprint*, o sistema foi criado no início de 1990, por Mathis Wackernagel e William Rees, como parte da pesquisa de doutorado de Wackernagel, na Universidade de British Columbia (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2022). O cálculo da Pegada Ecológica considera diversos aspectos da vida humana atual e, com base nessas informações, calcula-se quantos planetas seriam necessários se todos os seres humanos tivessem o mesmo estilo de vida da pessoa respondente. Em 2003, a *Global Footprint Network* foi criada, a organização possui um banco de dados de Pegada e biocapacidade de diversos países, em 2007, lançou uma Calculadora da Pegada Ecológica *on-line*³, em que cada pessoa pode calcular a sua Pegada Ecológica.

O nosso estilo de vida está diretamente relacionado ao modo como habitamos o Planeta. E, para reduzirmos nossa pegada ecológica, devemos repensar e mudar aspectos da vida cotidiana que minimizem o impacto gerado no nosso *habitat*. Para isso, é necessário tomarmos consciência de que a forma como estamos habitando o mundo é insustentável, uma vez que consumimos e degradamos o Planeta em uma velocidade maior que a sua capacidade de regeneração. Para solucionar esse problema, devemos repensar sobre o modo como o habitamos e buscarmos meios e alternativas que minimizem o nosso impacto sobre a Terra.

Dado o fato de que o fazer arquitetônico e urbanístico também reflete a escolha de um modo de habitar a Terra, a profissional arquiteta e urbanista deve perceber, no que concerne a sua competência, a importância do seu papel no habitar. Somos nós, profissionais arquitetas e urbanistas, que temos a responsabilidade de incentivar e de oferecer formas menos impactantes de se fazer arquitetura e urbanismo, e assim habitar, ao modo que nos é possível de forma a honrar o meio que nos abriga. Dessa forma, estar atentas para escolhas mais conscientes e sustentáveis que tendem a gerar menos impacto, assim como optar, sempre que possível, por reformas em vez de começar uma obra do zero e/ou reaproveitar materiais, refletem escolhas de um habitar mais consciente. A arquitetura, enquanto habitar, confere a nós, arquitetas e urbanistas, uma parcela de responsabilidade com o todo.

³ Acesso em: <http://www.footprintcalculator.org/home/en>.

2.2 RESSONÂNCIAS DO PENSAMENTO DE HEIDEGGER NA ARQUITETURA

Heidegger, ao dar importância significativa para a linguagem fazendo com que a própria nos conduza à essência das palavras habitar e construir, faz com que nós, arquitetas, atentemos à influência desta na disciplina arquitetônica. No que diz respeito à influência da linguagem na arquitetura, Frampton (2013) aponta que adquirimos o hábito de usar sinônimos demais na nossa linguagem especializada e isso nos afasta do entendimento de distinções necessárias à disciplina da arquitetura e urbanismo, ele cita como exemplo o fato de os termos arquitetura e construção ainda não terem sido distinguidos devidamente. O não entendimento de significados e diferenças entre os termos interfere diretamente na prática arquitetônica, uma vez que é impossível criar algo sem saber do que se trata.

Em concordância com Frampton, Pallasmaa (2013) também reconhece a linguagem debilitada da arquitetura e aponta que tentativas têm sido realizadas para enriquecer o idioma. Todavia, seus apontamentos não se limitam à linguística, ele avança em direção à arquitetura relatando que “O empobrecimento do significado intrínseco da arquitetura também tem sido objeto de numerosos estudos teóricos recentes.” (PALLASMAA, 2013, p. 483). Em relação a sua fala, infere-se que os problemas que dizem respeito à linguagem na arquitetura não se restringem apenas ao idioma e ao vocabulário em si, mas se estendem para linguagem arquitetônica e, conseqüentemente, à arquitetura, uma vez que ela também diz algo.

A influência dos escritos de Heidegger extrapola a concepção de suas ideias acerca do habitar e do construir e chama a atenção para a linguagem enquanto meio utilizado para expor seus pensamentos. O olhar para a linguagem na disciplina arquitetônica revela um grande hiato na arquitetura, tanto para o cuidado com os termos da língua especializada quanto para a própria linguagem arquitetônica.

Em relação ao habitar, Frampton (2013) faz alguns apontamentos que evidenciam questões centrais que dificultam a contribuição da arquitetura no âmbito do habitar. Apesar de não os ter correlacionados diretamente na sua explanação, partimos do pressuposto que a própria arquitetura é, em si, um habitar, logo, tudo o que é próprio da disciplina arquitetônica toca a esfera do habitar.

Para começar, retomemos o fato já mencionado da não distinção entre arquitetura e construção. Seria essa distinção da mesma ordem do habitar e do construir? O construir estaria para a construção assim como o habitar estaria para a arquitetura? Me parece que sim, pois a construção está no campo da prática – do edificar – e distante de uma série de qualidades e de

intenções que a arquitetura é dotada. Todavia, é na construção que a arquitetura se materializa, esta se concretiza naquela, no entanto, é preciso estarmos atentas, se nós, arquitetas, fizermos construções e não arquitetura estaremos a habitar de maneira ‘equivocada’, posto que não estaremos concebendo em essência a arquitetura.

A ideia de Frampton (2013) sobre um ‘platô homeostático’ aponta para o equilíbrio necessário entre lugar, produção e natureza como aspectos que deveriam integrar a prática arquitetônica para que ela se constituísse como um bom habitar, uma vez que a relação harmônica das três significaria o respeito e a não interferência nos fluxos de origem.

Sobre a prática arquitetônica, Ando (2013, p. 494) afirma que “A criação arquitetônica funda-se na ação crítica”, assim sendo, a arquitetura se constitui na e da leitura da realidade. Ele ainda aponta quatro pontos principais que devem ser considerados na criação arquitetônica: lógica transparente, abstração, natureza e lugar.

A arquitetura enquanto abstração do real é resultado de reflexões acerca da realidade que se materializam em uma configuração tridimensional em escala humana. Como abstração do real, as decisões devem ser claras e coerentes revelando a conexão do todo arquitetônico, a denominada lógica transparente. Para Ando (2013), a arquitetura contemporânea deve proporcionar às pessoas a presença da natureza, uma vez que ela perdeu sua abundância e nossa percepção sobre ela enfraqueceu. O encontro entre natureza e ser humano configura um estado de tensão que “[...] poderá despertar as sensibilidades espirituais latentes no homem contemporâneo.” (ANDO, 2013, p. 497).

O último ponto nomeado como ‘lugar’ se refere à incumbência da arquitetura de “[...] descobrir e revelar as características formais de um sítio [...]” (ANDO, 2013, p. 497), somado às tradições culturais, ao clima, aos costumes culturais, entre outros aspectos. Logo, em uma relação recíproca, a arquitetura nasce do sítio e de suas circunstâncias, ao mesmo tempo que o transforma. Nesse texto, Ando expõe que é papel da arquitetura enaltecer o sítio. Todos os pontos mencionados por Ando (2013) para a criação arquitetônica estão orientados por uma perspectiva fenomenológica ancorada em questões fundamentais, para que a arquitetura se materialize considerando aspectos essenciais de sua disciplina.

No que concerne ainda à questão do lugar, observa-se o uso indiscriminado da palavra espaço em vez de lugar, o que é uma questão central para Frampton (2013), no que ele diz: “Isso também não seria mais que especulação vazia se não pudéssemos oferecer como prova nossa total incapacidade para criar lugares; uma incapacidade que prevalece em nossas escolas de arquitetura e nos monumentos da elite [...]” (FRAMPTON, 2013, p. 477). A questão do

lugar, para além das problemáticas que se referem à linguagem, instigou vários teóricos além de Frampton, o que sinaliza a importância do assunto na disciplina arquitetônica.

O limiar entre espaço e lugar comunica-se com a necessária distinção mencionada anteriormente. A arquitetura não se reduz à mera configuração de espaços, ainda que a composição espacial seja parte inextricável do fazer arquitetônico, pois, se assim fosse, não se trataria de arquitetura, mas sim de construção. É fato que um bom projeto de arquitetura articula os espaços com intenção para atender determinada finalidade, de forma que todo o conjunto arquitetônico comunique-se harmoniosamente.

Para Frampton (2013, p. 478): “A pré-condição física mínima para a definição do lugar é a colocação consciente de um objeto em si e por si na natureza [...] Ao mesmo tempo, a mera existência de um objeto não garante coisa alguma.” Deste apontamento, nos atentemos para duas questões, a primeira delas é a dimensão da consciência posta por Frampton e a segunda é que a existência de um objeto não garante ao local onde está posto a condição de lugar. A dimensão da consciência aponta que um lugar não é dado de forma arbitrária, ele surge de um desejo consciente do ser humano. O segundo ponto nos sugere que a existência do lugar vai para além da dimensão física, ao mesmo tempo que um objeto físico marca o lugar, ele não é suficiente, é preciso que algo se some a ele dotando-o de sentido. A mim parece que o que Frampton quer dizer é que um lugar precisa de vida, que ele é palco onde relações e fenômenos devem acontecer, essa é sua essência, não a cumprindo, ele não pode ser nomeado como lugar.

Entende-se que o lugar deve estar inextricavelmente ancorado ao sítio no qual está situado, nas condições naturais e culturais específicas, em uma conformação harmônica. É essa coerência de atributos que estabelecerá uma consonância com o indivíduo que, por sua vez, reconhecerá nesse lugar um pouco de si, da sua cultura e de suas origens. Para além disso, o caráter de um lugar constitui-se pelo modo como ele é configurado, nas palavras de Norberg-Schulz (2013, p. 452): “[...] o caráter do lugar depende de como as coisas são feitas, e é, por isso mesmo, determinado pela realização técnica (a ‘construção’)”. Ou seja, a arquitetura enquanto um modo de habitar se constitui como fator que atribui caráter ao lugar.

Um lugar propicia que determinadas ações aconteçam, o que acaba conferindo uma ideia de “função” do lugar que, na verdade, é apenas uma consequência intencionada, viabilizada por um conjunto de elementos interconectados e orientados a possibilitar que certas ações aconteçam. Simplificar o lugar à finalidade de cumprir uma ‘função’ o reduz de tal forma que questões essenciais à particularidade de um lugar são desconsideradas, de modo que se faz uma generalização, em que apenas o mínimo (função) é cumprida. É preciso considerar

novamente que o lugar só cumpre de fato uma ‘função’ de forma plena se suas características e seus aspectos forem coerentes entre si e com a cultura do sujeito. Nesse sentido, não dotar um lugar de peculiaridades que permitam uma conexão com a identidade do sujeito, além de não cumprir sua função, se torna um lugar sem identidade.

Para Tuan (1983, p. 13): “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.”. Dessa forma, todo o espaço que comporta um fenômeno se torna lugar para àqueles que vivenciaram o acontecimento, pois, a partir desse momento, houve experiência e se atribuiu um significado ao espaço. Por outro lado, também é lugar as conformações espaciais arranjadas à um modo específico, ou seja, uma composição de elementos e escolhas que conformam um arranjo particular. É nessa correspondência que, podemos inferir que o lugar se funda no habitar, uma vez que é por meio dele que estabelecemos relações, fazemos escolhas, tomamos decisões e atribuímos valor e significado ao que nos cerca.

O indivíduo pode atribuir valor e significado a um lugar por diversos motivos. Pode ser em decorrência da relação estabelecida com outras pessoas – por exemplo: ser mal atendida em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), ou o contrário; pode ser resultante de uma experiência individual no espaço – uma oração e uma conexão com o divino em um templo, por exemplo; ou ainda pelas possibilidades imaginadas que um espaço pode propiciar àquele indivíduo – por exemplo, quando uma pessoa vai olhar uma casa para comprar. Em todos os casos, o espaço se tornou lugar, mas, para além disso, o indivíduo pode, desde o primeiro momento, ter uma identificação com o lugar, em maior ou menor grau, e isso pode acontecer devido à identificação, mesmo que inconsciente, com a atmosfera do lugar e/ou a lembranças de lugares já vivenciados que despertaram alguma conexão com este.

No último exemplo, a casa ainda pode ter elementos arquitetônicos como esquadrias de madeira de peitoril baixo que relembre o indivíduo brincadeiras na janela da sua casa de infância e isso, por si só, já cria uma identificação da pessoa com aquele lugar simplesmente por deixar aquela lembrança mais vívida e próxima. A mente humana guarda memórias afetivas que são despertadas mais fortemente quando são associadas com os sentidos, seja por meio do toque, do cheiro, do paladar, da audição ou da visão. Quanto mais sentidos forem aguçados, mais ‘real’ as lembranças se tornam. A memória e os sentidos são questões recorrentes nas obras de Juhani Pallasmaa na experiência da arquitetura.

As primeiras identificações com o lugar podem ser frutos das lembranças da infância e do contexto cultural em que se esteve inserido, com o passar tempo, outras experiências vão

se sobrepondo e o indivíduo passa a ter autonomia de escolha e de conformação dos lugares. A configuração estabelecida, mesmo que feita de forma intuitiva e/ou automática, é formada por aspectos e elementos que não são arbitrários, pois tudo o que compõe o ambiente, e até mesmo a falta de elementos nele, revela muito sobre o indivíduo que ali habita.

Para Papanek (1995, p. 113), essa personalização do espaço acontece desde que o ser humano vivia nas cavernas: “Sabemos que o Homem é um animal que cria a ordem e, por conseguinte, pode presumir-se que, mesmo quando vivia em cavernas, deixava marcas da sua personalidade nos espaços que ocupava.”. A personalização dos espaços pode ser entendida como a atribuição de características e de qualidades a um lugar ou ambiente, que, via de regra, estão intrinsecamente relacionadas à personalidade e à identidade da pessoa que a produz.

Segundo Tuan (2013, p. 19, grifo nosso), “Os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos”. Nesse sentido, consciente ou inconscientemente, os indivíduos personalizam seus espaços como uma extensão de suas próprias personalidades, o que, por sua vez, acaba propiciando uma identidade para o lugar. Mesmo que esse lugar, por si só, já esteja ancorado em outros aspectos que também constituem sua identidade, como as condicionantes locais do sítio onde está inserido e as decisões pessoais de quem o projetou.

A relação do indivíduo com o lugar pode variar de acordo com vários fatores e um deles é o período de permanência no local, quanto mais tempo uma pessoa fica em um lugar, maior o grau de intimidade que se estabelece entre ela e o lugar. Em locais de alta permanência, como a casa e o ambiente de trabalho, é natural que as pessoas acabem os adaptando ou os modificando, de modo que eles se tornem mais ‘agradáveis’ e com a personalidade de seus habitantes.

Quando não há tanta intimidade com o lugar, a personalização pode se iniciar a partir de alterações, de modificações e de acréscimos de elementos que visam melhorar questões ergonômicas entre a pessoa e o ambiente, mas as qualidades atribuídas ao ambiente também expressam questões íntimas da dimensão humana. As pessoas podem atribuir características ao lugar que constituam uma materialização do seu estado de espírito, uma lembrança de sua essência e/ou de seu propósito, ou seja, pode colocar um pouco de si, da sua subjetividade individual humana, de forma concreta.

Tanto a relação do indivíduo com o lugar quanto a própria personalização do espaço são decorrentes do habitar humano. É no habitar, modo que somos e estamos sobre a Terra, que quaisquer coisas se tornam possíveis. Logo, o habitar parece ser o primeiro âmbito do ser

humano no mundo e, desse modo, não pode ser visto como uma ação arbitrária, mas como uma ação provida da essência humana.

Pallasmaa (2017) ao refletir sobre a obra de arte, o artista e seus papéis no mundo, conclui que as essências são aquilo que verdadeiramente importam para ambos em detrimento das explicações racionais, logo a arte possibilita o conhecimento essencial das coisas. Nesse sentido, o autor condiciona esse acesso às essências por meio da experiência do ser e do seu modo de existir, em que ambos ocorrem mediante a experiência encarnada, o que viabiliza uma possível identificação com uma obra de arte. A ocorrência da identificação é um encontro com o nosso ser-no-mundo de maneira intensificada.

Nessa direção, a arte atua como a superfície limítrofe entre o eu e o mundo, portanto a arquitetura transcende seus aspectos funcionais e utilitários, sendo “[...] o contorno da consciência e a externalização da mente.” (PALLASMAA, 2017, p. 70). A arquitetura, enquanto ‘superfície limítrofe’, vai ao encontro de Heidegger (1954) que aponta que limite não é onde uma coisa termina, mas onde uma coisa dá início a sua essência. E, sendo coisas concretas, tanto arquitetura quanto arte, não são nada além de si mesmas, ainda que possam ter intenções e conteúdos simbólicos atribuídos em si, isso é secundário a sua verdadeira essência. Dessa forma, a arquitetura não é símbolo ou representação de alguma coisa, mas é a sua maneira, a coisa em si, e por ser a coisa em si, ela é capaz de fazer emergir sensações e emoções em quem a vivencia.

Sendo a arquitetura esse limite entre o eu e o mundo, Pallasmaa (2017) traz o conceito de espaço existencial como sendo a fusão entre o espaço interior da mente e o espaço exterior do mundo. Por conseguinte, o espaço existencial vivido estrutura-se nos valores e nos significados, de um indivíduo ou de um grupo, que são refletidos nesse espaço. Dessa forma, a tarefa da arquitetura é “[...] fazer a mediação entre o mundo e nós mesmos e proporcionar um horizonte de entendimento de nossa condição existencial.” (PALLASMAA, 2017, p. 75). Nesse pensamento, apesar de não haver referência ao habitar, pode-se inferir que a maneira como nós habitamos é um reflexo de nós, seres humanos, uma vez que é carregado por nossas escolhas e pelo nosso modo de agir perante o mundo.

É possível identificar em outras obras⁴ de Juhani Pallasmaa um aprofundamento em questões específicas que tangem a arquitetura e o urbanismo que se relacionam com a ideia do

⁴ A autora se refere especificamente aos ensaios: “Identidade, intimidade e domicílio: observações sobre a fenomenologia do lar”; “O senso de cidade: a cidade percebida, recordada e imaginada”; “O espaço habitado: a experiência incorporada e o pensamento sensorial”.

habitar. Em sua teoria, Pallasmaa (2017) traz a consciência dos sentidos como fator essencial para que o habitar aconteça de forma plena, com presença e em sua essência. Nessa condição, as dimensões: memória, identidade e intimidade, recorrentes em suas obras, são interpretadas como pontos determinantes no acontecimento do habitar. É na memória que fica registrado muito da construção do indivíduo enquanto ser e de seu repertório de vivências ao longo da vida, influenciando, dessa forma, a maneira como se habita. Todas as experiências vividas contribuem para a formação da identidade dos indivíduos, logo essa identidade é refletida no habitar, uma vez que o modo que as pessoas são/estão sobre a Terra acontece de acordo com as particularidades que lhe constituem enquanto ser. A dimensão da intimidade está no âmbito do habitar, na medida em que permite ao indivíduo uma familiaridade com o lugar, pois é somente no habitar que essa intimidade se cria e se consolida.

Nesta subseção, buscou-se evidenciar indícios do habitar heideggeriano na disciplina arquitetônica por meio do entendimento do que arquitetos acreditam a respeito da arquitetura e partes essenciais que lhe compõe. Para além disso, foi possível observar ainda que outras questões apontadas por Heidegger (1954) foram também compartilhadas por profissionais que se dedicavam à arquitetura e sua teoria. Com esse panorama que expõe um pouco o intercruzamento do pensamento de Heidegger e a disciplina arquitetônica, o trabalho segue na direção de entender como a fenomenologia da arquitetura insere-se nesse contexto.

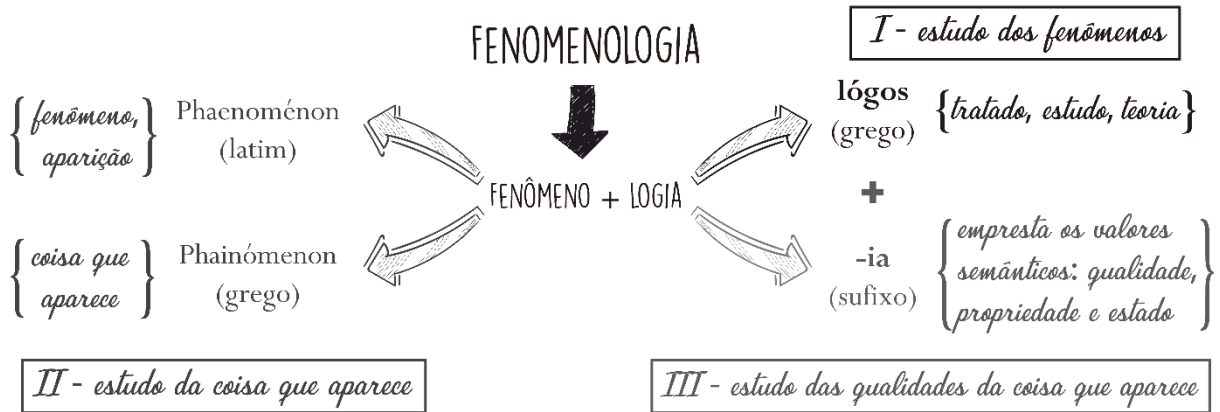
2.3 DA INTUIÇÃO DO ESPÍRITO À ESSÊNCIA DO SER – APONTAMENTOS SOBRE UMA FENOMENOLOGIA DA ARQUITETURA

A fenomenologia enquanto corrente filosófica pertence originalmente ao campo da filosofia, tendo como fundador da escola fenomenológica Edmund Husserl (STEIN, 1924). Todavia, segundo Bula (2015), a prática fenomenológica já acontecia séculos antes da fenomenologia se instaurar como disciplina por meio de reflexões de pensadores clássicos como Sócrates, Platão e outros. Contudo, é em Martin Heidegger que se tem as principais referências utilizadas na construção de uma fenomenologia da arquitetura.

Antes de adentrar à fenomenologia da arquitetura e à arquitetura fenomenológica, algumas considerações e reflexões sobre a fenomenologia enquanto disciplina filosófica se fazem necessárias. Primeiro, é preciso esclarecer que não se pretende aqui filosofar sobre a fenomenologia, uma vez que a autora não tem formação adequada para isso, mas sim trazer

pontos e reflexões da teoria já consolidada que nos orienta a refletir sobre uma fenomenologia da arquitetura. Começemos por tentar entender o que a palavra fenomenologia nos diz:

Figura 3 – O que a palavra fenomenologia diz



Elaboração própria (2021).

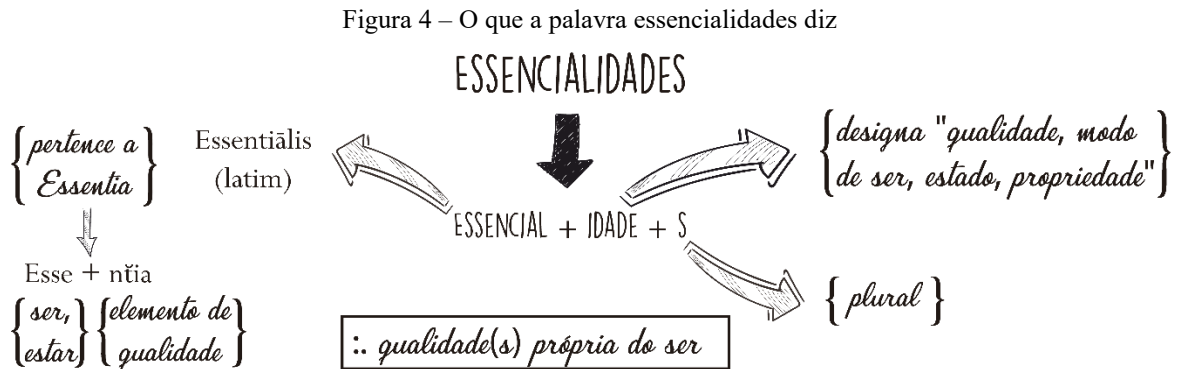
De modo natural, poder-se-ia prontamente deduzir a fenomenologia como o estudo dos fenômenos, pois, de fato, no primeiro momento, é isso que ela diz. Contudo, isso pouco revela, aprofundemos então ao que nos diz a palavra fenômeno e chegaremos a: ‘estudo da coisa que aparece’. Ainda assim, me parece vago e, na esperança de encontrar um sentido mais ‘completo’, recorro ao sufixo ‘-ia’ que, no geral, empresta ao termo valores semânticos de qualidade, propriedade e estado (PEZATTI, 1990-2001). Logo, chego à fenomenologia como ‘estudo das qualidades da coisa que aparece’. Com esse achado, posso concluir que não é uma tarefa simples chegar na essência de uma coisa por meio da linguagem, uma vez que não me senti contemplada com o que a palavra fenomenologia me disse.

Após a tentativa frustrada de identificar na própria palavra o que ela é, encaminho-me para a literatura existente e dentre as referências encontro em Edith Stein (1924) alento perante meu desapontamento. Em seu artigo intitulado *O que é fenomenologia?*⁵, a filósofa traz questões oportunas e, ao mesmo tempo, esclarecedoras, fazendo a seguinte observação quanto ao nome fenomenologia:

Ele é uma verdadeira fatalidade, pois quase sempre dá motivo para mal-entendidos. De fato, aos fenomenólogos não interessa os “fenômenos” no sentido usual, as “meras aparências”, mas, justamente, as essencialidades* últimas objetivas. Mas o nome consagrou-se nos últimos 20 anos e não pode mais ser abandonado. <*Wesenheiten (n.d.t.)>. (STEIN, 1924, p. 217).

⁵ Do original: Was ist Phänomenologie?

De fato, o nome fenomenologia não aponta para as “essencialidades últimas objetivas”, contudo direciona prontamente para os fenômenos. Há complexidade tanto se tratasse dos fenômenos quanto das essencialidades, no entanto a palavra essencialidades parece se aproximar mais daquilo que é fenomenologia e isso é a própria linguagem quem diz.



Elaboração própria (2021).

Merleau-Ponty (1999, p. 1), sem entrar no mérito da linguística, afirma, sem rodeios, no prefácio de seu livro *Fenomenologia da percepção*: “A fenomenologia é o estudo das essências [...]”. Logo, se a questão central da fenomenologia são as essências, encontrá-las, defini-las e conceituá-las fazem parte do seu escopo.

Se tratando das essencialidades/essências, logo a fenomenologia se dedica ao que é próprio do ser, ao que lhe é imutável e intrínseco, que pertence a sua natureza originária e indissociável. Mas como encontrá-la? A resposta parece residir em uma particularidade da fenomenologia enquanto método: “O espírito *encontra* a verdade, ele não *produz*. E ela é *eterna* – se muda a natureza humana, se muda o organismo psíquico, se muda o espírito dos tempos, então podem bem mudar as opiniões dos homens, mas a verdade não muda.” (STEIN, 1924, p. 217). Ou seja, a verdade já está dada no próprio ser, não há nada a ser ‘produzido’, é necessário tão somente o reconhecimento do que, por natureza, lhe é inerente.

Nos atentemos, portanto, ao sujeito ‘espírito’, ele não foi utilizado ao acaso, ele pertence a um ser, de onde se infere que somente seres dotados de espírito/alma são capazes de reconhecer no outro a sua verdade/essência, contudo não é o ser racional que o encontra, mas sim o espírito que lhe habita. Ao se tratar de um reconhecimento que vem do espírito, infere-se certa subjetividade, pouco apreciada pela ciência tradicional, nesse sentido, Stein (1924) aponta que uma particularidade do método é o seu caráter intuitivo. A intuição enquanto algo que

emerge do espírito nos direciona à verdade, à vista disso, é preciso estar atenta a ela, pois ela é o primeiro passo em direção à essência do ser ou de uma coisa.

Diante o que foi exposto, ao pensar em uma fenomenologia da arquitetura, estaremos a refletir sobre a essência da arquitetura, sobre aquilo que lhe é próprio e que só pode ser compreendido por meio da experiência na e da arquitetura. Entender a arquitetura fenomenologicamente implica o encontro da intuição, da consciência e da percepção humana com a arquitetura e seus espaços, suas texturas e suas atmosferas. É nesse encontro que a essência da arquitetura se revela, pois mesmo se constituindo da esfera material, a arquitetura concretiza-se no intangível, nas relações e nos fenômenos que abriga. Dessa forma, o caráter primeiro de existência de qualquer arquitetura parece consistir em ser palco para que a vida humana aconteça.

Nesse sentido, vale ressaltar que a busca pela essência da arquitetura não é algo novo ou que tenha derivado da fenomenologia. Essa indagação é esforço antigo que muitos teóricos e intelectuais já buscavam antes mesmo do surgimento da fenomenologia da arquitetura como disciplina. Como exemplo, temos a famosa tríade vitruviana: *utilitas*, *firmitas* e *venustas*⁶, concebida por Marcus Vitruvius Pollio como os elementos fundamentais da arquitetura greco-romana. Apesar de não se falar a todo momento que se busca a essência da arquitetura, todas as tentativas de sistematização e/ou de categorização da arquitetura podem ser consideradas tentativas de encontrar o que é da essência de sua disciplina e que ainda não foi contemplado pelas teorias vigentes.

Quando se pensa em uma fenomenologia da arquitetura, estamos falando de um modo de percepção que considera o que lhe é mais profundo em detrimento de seus aspectos físicos e materiais. Trata-se de uma disposição perante a arquitetura de reconhecer o que lhe é próprio e genuíno, despida dos aspectos que tendem a enquadrá-la a um estilo, ou a representação de algo. Para que esse reconhecimento aconteça, o sujeito deve se despir de suas concepções arraigadas e estar receptivo para enxergar/sentir a essência da arquitetura, pois somente quando estiver livre das influências de seu conhecimento poderá reconhecer na arquitetura sua essência. É no desvelar do sujeito e da arquitetura que ambos se revelam, e é nesse encontro de essências que a verdadeira arquitetura se manifesta.

⁶ Trata-se dos três princípios considerados fundamentais à arquitetura por Marcus Vitruvius Pollio. *Utilitas* se refere ao caráter funcional da arquitetura, *firmitas* a aspectos que tangem sua construtibilidade e *venustas* no que se refere a sua estética.

Juhani Pallasmaa (2013) define a fenomenologia da arquitetura como “‘olhar, contemplar’ a arquitetura a partir da consciência que a vivencia, com o **sentimento arquitetônico** em oposição à análise das propriedades e proporções físicas da construção ou de um quadro de referência estilístico.” (PALLASMAA, 2013, p. 485, grifo nosso). Ao trazer a expressão sentimento arquitetônico, Pallasmaa nos alerta para uma particularidade sutil da arquitetura e ressalta a relevância desse aspecto em detrimento dos outros. Pallasmaa ainda acrescenta: “A fenomenologia da arquitetura busca a linguagem interna da construção.” (PALLASMAA, 2013, p. 485). Logo, para além dos aspectos físicos e funcionais, a arquitetura, no seu íntimo, diz algo, que é revelado pelo sentimento arquitetônico que ela transmite.

Ainda quando se fala em fenomenologia da arquitetura, é fundamental considerar a interdependência do todo, pois reduzir a complexidade da vida em dados fragmentados constitui uma decomposição da realidade, em que a soma das partes não resulta na existência real. Fragmentações ocasionam uma visão direcionada sobre algo específico e, se esse enfoque não for reorientado ao todo ao qual pertence originalmente, as descobertas acabam não sendo úteis na sua essência. Todavia, a visão fragmentada não é do âmbito da fenomenologia da arquitetura, pois ela considera o todo conforme se apresenta na realidade, uma vez que são os elementos e suas interconexões que constituem a essência do lugar.

Nessa direção, Pallasmaa (2013) aponta sobre a ilusão do elementarismo, como ela tem dominado a ciência moderna e como essa visão também predomina no ensino e na prática da arte e da arquitetura. Em suas palavras: “Todo fenômeno estudado é dividido em seus elementos e relações básicas e visto como a soma desses elementos. [...] os significados de uma obra de arte nascem do todo, uma visão que integra as partes e não são de modo algum a soma dos elementos que a formam.” (PALLASMAA, 2013, p. 483-484). Apesar de concordar com Pallasmaa, pensar e fazer arquitetura contemplando a integridade que lhe é inerente não é uma tarefa fácil, pois, para além da fragmentação do conhecimento no ensino da arquitetura, muitos de nós, seres humanos, já crescemos condicionados à subdivisão da vida, em que o todo é apresentado em fragmentos separados e não como um único sistema harmônico.

Compreender e aceitar a natureza complexa da vida e, por conseguinte, da arquitetura é um primeiro passo para não reduzi-la a um aglomerado de paredes, de portas e de janelas, de piso e de teto. A arquitetura não pode ser reduzida a aspectos físicos e quantitativos, pois o que a configura, por mais mensurável que seja, possui uma inter-relação particular com os outros aspectos que compõem o todo. Ou seja, não é o que tem no lugar que define a sua complexidade,

mas sim o arranjo desses elementos no espaço e no tempo, e o significado que o habitante atribui a ele.

Enquanto a fenomenologia da arquitetura diz respeito à percepção e à interpretação da essência da arquitetura, a arquitetura fenomenológica se refere à criação intencional e consciente de uma arquitetura que seja, em si mesma, a materialização do que é mais profundo e genuíno de sua disciplina. Mas isso não deveria ser o propósito de toda e qualquer arquitetura? Por que adjetivar a palavra arquitetura se isso a tornaria redundante, uma vez que é remetê-la aquilo que é? Talvez por isso não se encontre muitos desdobramentos do termo na teoria vigente, a mim parece que pensar em uma arquitetura fenomenológica enquanto uma forma do fazer arquitetônico se trata de um apelo, para que, nós arquitetas, curiosas com o novo termo, nos lembremos e retomemos a essência da arquitetura em nosso modo de projetar e lecionar.

De qualquer modo, a arquitetura fenomenológica está na esfera do fazer, da prática, e, por isso, no âmbito das perguntas: ‘O quê? Para quê? Para quem? e Como?’ Logo, está no seu escopo aspectos que a constituem e a conformem como arquitetura. Nesse sentido, os apontamentos da subseção anterior considerados por Frampton (2013) e Ando (2013) parecem ser recomendações para a concepção de uma genuína arquitetura ‘fenomenológica’.

Logo, arquitetura fenomenológica deve consistir em uma manifestação da realidade, não sendo alheia ao contexto em que emerge, mas revelando-o em suas entranhas e, como manifestação do habitar, deve honrar natureza e local onde será inserida, cuidando das decisões projetuais e dos modos de produção arquitetônica que serão utilizados visando à integração ao meio e aos seus elementos em oposição à interferência nos fluxos naturais originais. E, por fim, ter em mente, durante toda a criação arquitetônica, que a arquitetura se constituirá como lugar e por isso terá o poder de despertar sensações e emoções em seus habitantes em um encontro entre o seu espírito e a essência do lugar. Demonstrada a base teórica e conceitual que embasa este trabalho, seguimos para a apresentação do objeto de estudo que a pesquisa irá se dedicar.

2.4 COMUNIDADES INTENCIONAIS

Viver com outros seres humanos é algo inerente ao indivíduo, o ser humano é um ser sociável e gregário como a maioria dos outros animais. Nessa perspectiva, ao se buscar na história as origens dos grupos humanos, percebe-se que tudo começou com agrupamentos de pessoas, não necessariamente consanguíneas, mas que viviam coletivamente. Com o passar do tempo é que a ‘família’ tornou o grupo social “padrão”, onde, então, as pessoas conviveriam

entre si e compartilhariam parte de suas vidas até que estas constituíssem suas próprias famílias. Atualmente, percebe-se que o padrão de família nuclear composto por mãe, pai, filhas e filhos, já não abrange muitas conformações familiares emergentes. Nesse sentido, há pessoas que acabaram por constituir a sua própria “tribo”, rede ou grupo de pessoas com as quais decidiu intencionalmente viver compartilhando um propósito comum, as chamadas comunidades intencionais.

Há um movimento de pessoas que estão migrando para um estilo de vida mais coletivo e coerente com seus valores, à vista disso, as comunidades intencionais do tipo ecovila se destacam como uma opção para o que muitos buscam. As comunidades intencionais não seguem um modelo rígido e preestabelecido, uma vez que há inúmeras possibilidades de como podem acontecer dada as particularidades de cada caso. Dessa forma, para abranger tantas possibilidades, a definição de comunidade intencional acaba sendo um conceito amplo além disso, é preciso atentar para as dimensões qualitativas que o próprio termo comunidade sugere, como aponta Lubochinski (2017, p.32): “Comunidade é uma dimensão afetiva que nos foi sequestrada pelos interesses vigentes na era industrial e é essencialmente humana: somos/fomos tribos e esta memória está marcada em nosso DNA”.

O conceito de comunidade intencional utilizado neste trabalho é estabelecido pela Fundação para Comunidade Intencional⁷ (FIC), uma organização sem fins lucrativos que apoia e promove as comunidades intencionais como caminhos para um mundo mais sustentável. A FIC possui um diretório onde estão registradas diversas comunidades de todo o mundo, além disso, disponibiliza uma gama de informações e de publicações sobre comunidades intencionais. O órgão define uma comunidade intencional como “um grupo de pessoas que optaram por viver juntas ou compartilhar recursos com base em valores comuns.” (FIC, 2021).

Apesar de comumente se relacionar o termo comunidades intencionais diretamente às comunidades alternativas *hippies* que surgiram no movimento de contracultura nas décadas de 60 e 70, há outras circunstâncias na história que também configuram pontos importantes na construção desse ideário de comunidade intencional que se tem hoje. Acredita-se que os primeiros agrupamentos humanos de caçadores-coletores inauguraram a experiência de coabitação humana sendo o primeiro exemplo de vida em comunidade – caracterizada pelo ato da tribo compartilhar recursos igualmente (BEE BREEDERS, 2022). Tal fato pode ter ocorrido simplesmente como uma estratégia de sobrevivência, de todo modo é válido considerar o fato

⁷ Tradução livre do original: Foundation for Intentional Community.

pois ele nos atenta a pensar sobre as diferenças entre os termos coabitação, vida comunitária e comunidade intencional.

O verbo coabitar, do latim *cohabitare*, significa partilhar o mesmo espaço de habitação. Logo, a coabitação não deve ser vista ou utilizada como sinônimo de vida em comunidade, uma vez que esta envolve outros aspectos muito mais complexos para além do mero compartilhamento de espaços. A vida comunitária além de compartilhar recursos requer o pensamento coletivo em detrimento ao pensamento individual, o cuidado com o outro e, ao mesmo tempo, o respeito à privacidade dos indivíduos. Uma comunidade intencional preza pela vida comunitária e, para além disso, partilha com seus membros um propósito comum e caminham coletivamente em direção a ele.

Metcalf (2012) acredita que, provavelmente, a comunidade intencional mais antiga foi desenvolvida por volta de 525 a.c. por Pitágoras, apesar de se saber pouco sobre a comunidade e as visões compartilhadas: “Várias centenas de membros, inspirados por caminhos intelectuais e místicos, tornaram-se vegetarianos estritos, evitavam a propriedade privada, viviam e comiam juntos e procuravam criar uma sociedade ideal⁸” (METCALF, 2012, p.22). O autor afirma ainda que, ao longo da maior parte da história que se tem conhecimento, podem ser encontradas comunidades intencionais.

Nesse sentido, o site *Intentional Communities Desk* (2021) criou uma linha do tempo de comunidades intencionais, sem a pretensão de ser uma declaração definitiva, mas sim um indicador dos momentos mais significativos da teoria e prática das comunidades. A cronologia proposta elenca diversos acontecimentos e iniciativas dentro do contexto que podem ser considerados marcos significativos para o movimento comunitário que se tem consolidado hoje.

Para além do anseio por dados que consolidem uma arqueologia de como se iniciou o movimento da vida em comunidade, a busca por um conceito que consiga abranger a complexidade que consiste o significado de comunidade intencional também é um desafio. Conforme dito anteriormente, a definição do termo é ampla e isso possibilita inúmeras formas de se viabilizar que uma comunidade intencional aconteça, o que por um lado é bom, pois não restringe quaisquer possibilidades de manifestações, mas, por outro, dá margem para que aspectos essenciais sejam negligenciados.

Somado às problemáticas no que tange a uma conceituação mais específica, que define de forma eficaz o termo, e, ao mesmo tempo, englobe as diversas dimensões que lhe dizem

⁸ Do original: “Several hundred members, inspired by intellectual and mystical paths, became strict vegetarians, eschewed private property, lived and ate together, and sought to create an ideal society.”

respeito, há ainda as interpretações estereotipadas e equivocadas que os indivíduos alheios à vida em comunidade fazem e propagam. Nessa perspectiva, Metcalf (2012) discursa sobre como, em filmes e livros, as comunidades são retratadas de forma imprecisa e que não é possível, por meio da representação destes, ter uma ideia fidedigna das comunidades reais.

As imprecisões quanto à definição e à compreensão sobre o que são comunidades intencionais se expandem para suas subcategorias, como é o caso das ecovilas que, apesar de terem surgido há algum tempo, a conceituação do termo ainda é discutida nas pautas sobre a temática. A complexidade dos aspectos e das dimensões que envolvem ecovilas também é um fator que dificulta afirmar se determinada comunidade se enquadra no tipo ecovila, conforme aponta Mattos:

Não é simples afirmar se uma comunidade é ou não uma Ecovila, uma vez que não existem critérios específicos, mas algumas características as distinguem das demais comunidades intencionais ou projetos ecológicos, principalmente: o foco na vida comunitária e a busca pela sustentabilidade em seus diversos aspectos; uma forte conexão com a natureza; a gestão participativa, além de serem, em grande maioria, centros de educação e treinamento. (MATTOS,2017, p. 22).

Dada a problemática, Jackson (2016) questiona o quanto uma definição mais restrita do termo seria mais desejável ou se seria preferível uma definição que englobasse as diversas dimensões que compõem uma ecovila. O estabelecimento de critérios rígidos para se denominar uma comunidade como ecovila pode desconsiderar projetos e iniciativas que se enquadram em diversos aspectos que caracterizam uma ecovila.

Segundo a Rede Global de Ecovilas⁹ (GEN, 2020), ecovilas são comunidades intencionais, rurais ou urbanas, que funcionam como laboratórios vivos voltados para um estilo de vida de baixo impacto e de alta qualidade de vida. Apesar de existir essa definição muitas, ecovilas não se denominam pelo termo ‘ecovila’; comunidade sustentável, ecoaldeia, assentamento sustentável, eco-comunidade, são outras expressões que também são utilizadas por esse tipo de comunidades, uma vez que elas não precisam se denominarem como ‘ecovila’ para serem reconhecidas como tal.

Uma das definições de ecovila mais utilizada é a proposta por Diane e Robert Gilman em 1991. A elaboração do conceito foi resultado de uma pesquisa que estavam fazendo para *Gaia Trust*¹⁰, sobre os melhores exemplos de ecovila, a definição estabelecida foi:

⁹ Do original: Global Ecovillage Network.

¹⁰ *Gaia Trust* é uma associação com sede na Dinamarca, fundada em 1987, com a intenção de apoiar a transição para uma sociedade sustentável.

“Assentamento completo em escala humana, no qual as atividades humanas são integradas de forma inofensiva ao mundo natural de uma forma que apoia o desenvolvimento humano saudável e pode ser continuado com sucesso por um futuro indefinido.”¹¹ (GILMAN, 1991). Todos esses aspectos foram considerados fatores essenciais na conformação das ecovilas, mas de acordo com a definição é notável a amplitude de cada aspecto assim, os autores também se dedicaram a esclarecer cada uma das questões na pesquisa que fizeram.

Talvez essa relação direta das ecovilas com o meio ambiente justifique o fato de muitas delas terem a permacultura como fio condutor dentro da proposta de vida comunitária. A palavra permacultura foi cunhada por Bill Mollison e David Holmgren em meados de 1970 e ela pode ser definida como “paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontrados na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, fibra e energia para prover as necessidades locais” (HOLMGREN, 2013, p.33). Ou seja, um ciclo sistêmico de interação com o meio em toda sua complexidade inclusive o modo como as pessoas se organizam e interagem com o habitat natural.

Apesar de ainda não se dispor de dados registrados que comprovem o crescimento de comunidades e de ecovilas no Brasil, Perissé e Loschi (2019) afirmam que há, cada vez mais, comunidades no Brasil que se autodenominam ecovilas, o que ocasiona novas demandas para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para retratar nos censos agropecuário e demográfico. O avanço no número de comunidades e ecovilas pode ter raízes diversas, mas destacam-se dois: o declínio do individualismo vivido por algumas pessoas e a busca por mais qualidade de vida.

Maffesoli (1998) acredita que a sociedade está vivendo um período de declínio do individualismo, no qual as pessoas buscam se integrar em grupos com pensamentos semelhantes dando origem, assim, ao que o autor nomeou de Tribos Urbanas. Estas se formam quando pessoas compartilham interesses, afinidades, pensamentos e hábitos em comum, incluindo até este a forma de se vestir. Nesse sentido, a tribo urbana aconteceria a nível somente de relações, no entanto, no caso das comunidades intencionais do tipo ecovilas, para além das relações, há uma convivência diária, visto que os membros desse tipo de comunidade moram no mesmo lugar, partilham espaços coletivos, trabalham comunitariamente, entre outras atividades coletivas.

¹¹ Do original: “*human-scale, full-featured settlement, in which human activities are harmlessly integrated into the natural world, in a way that is supportive of healthy human development and can be successfully continued into the indefinite future.*”.

Outro ponto é a questão da qualidade de vida, expressão que pode ser questionada dada a sua amplitude e o caráter pessoal que cada pessoa pode atribuir. De forma geral, a qualidade de vida que muitas pessoas têm vivido no meio urbano não as propiciam a qualidade de vida que consideram ideal. Seja por passar muito tempo no trânsito para ir ao trabalho, seja pela poluição sonora diária, seja pela falta de infraestruturas urbanas de lazer. São inúmeros aspectos que somam para que uma pessoa construa para si o que considera como um ideal de qualidade de vida nas cidades. Nesse sentido, questiona-se também se a arquitetura destinada ao morar propicia a qualidade que seus habitantes demandam. Para além dos aspectos que tangem a arquitetura e o urbanismo, outros aspectos da qualidade de vida, como a busca individual de cada pessoa por um modo de vida mais coerente com os seus princípios e valores, podem também impulsionar o crescimento de comunidades intencionais de diversos tipos.

Para além da relevância do estudo de ecovilas no que tange à necessidade do mundo atual, Mattos (2017, p. 21) aponta também que “[...] as Ecovilas têm se destacado pela contribuição efetiva na criação de outros modos de se viver.” O que demonstra a validade do habitar de ecovilas e instiga ao entendimento desse modo de habitar, uma vez que ele é uma realidade de um outro modo de habitar o mundo.

2.5 INTERSECÇÕES ENTRE HABITAR, ARQUITETURA, FENOMENOLOGIA E COMUNIDADES INTENCIONAIS

Tendo exposto os assuntos e os pensamentos que norteiam este trabalho, esta seção se dedica a elucidar, brevemente, de acordo com a perspectiva da autora, em que as temáticas se tocam e convergem para esta dissertação. Para começar, é preciso relembrar que o mestrado que dá origem a esta dissertação, assim como eixo de partida, é a formação da autora, que é a área da arquitetura e urbanismo. Por se tratar de um campo transdisciplinar, ele toca outras áreas, o que permite que essa conversa entre áreas seja estabelecida. Nesse sentido, a arquitetura pode ser vista como uma ramificação da filosofia, uma vez que a arquitetura estuda o espaço que o ser humano habita, e a filosofia de forma mais ampla estuda todas as questões que tocam a existência humana. Desse modo, o tema principal que envolve esta pesquisa de arquitetura vem da filosofia e, dada sua amplitude, o tema investigado é reorientado à arquitetura, de modo que é realizado sob um olhar a respeito de um aspecto da experiência humana com foco específico na arquitetura.

A arquitetura é vista como uma manifestação do habitar que configura um modo e escolhas específicas de uma forma de se habitar o mundo. Contudo, a arquitetura enquanto

habitar não é, na maioria das vezes, resultado de um desejo/modo exclusivo de habitar, da profissional arquiteta. Reconhecemos e destacamos que a futura habitante de uma edificação também tem peso e influencia nessa manifestação do habitar projetada por arquitetas e materializada pelas mãos daqueles que a edificam. Uma vez que aquela deve se reconhecer na arquitetura que irá habitar, deve se sentir abraçada e contemplada diante de suas necessidades e de seus anseios e, para tal, esta também sugere, pede materiais específicos, e quaisquer outras particularidades que manifeste sua identidade. Contudo, nos detemos a estudar a arquitetura enquanto habitar no que tange à competência da profissional arquiteta e de como a própria arquitetura em si revela indícios de um modo específico de habitar.

Estabelecida a relação entre habitar e arquitetura, a fenomenologia para além de ser a lente para se olhar para a arquitetura é, em si própria, uma lente usada ao habitar, uma vez que é um modo de enxergar o mundo em detrimento de tantos outros. Nesse sentido, a fenomenologia pode ser vista como uma ótica pela qual se escolhe conceber o habitar. A fenomenologia enquanto método observa o habitar naquilo que é. A fenomenologia da arquitetura busca a essência da realidade que se manifesta no lugar e, por isso, se mostra como meio coerente de se encaminhar o trabalho.

As comunidades intencionais, enquanto objeto de estudo, materializam uma forma de habitar que se difere do que se tem convencionalmente, e expressam uma tentativa de um habitar mais coerente com o meio. Por isso, identificar os significados do habitar no espaço habitado de uma ecovila pode trazer à luz como isso acontece na realidade e demonstra ainda como outro modo de habitar é possível. É, nessa junção, que habitar, arquitetura, fenomenologia e comunidades intencionais se convergem e dão luz a este trabalho.

3 O CAMINHO QUE SE FEZ CAMINHANDO

A metodologia aqui exposta tem a intenção de evidenciar o percurso decorrido da questão norteadora até uma possível ‘solução’. A escolha da metodologia da pesquisa é livre e definida pela autora, contudo a própria pergunta de pesquisa dá indícios de qual caminho seguir. A metodologia definida dialoga com as raízes teóricas-conceituais, estabelecendo, assim, uma abordagem teórica-metodológica que integra teoria, caminho e instrumentos de investigação rumo à ‘solução’ do problema de pesquisa.

O percurso metodológico escolhido para a execução de uma pesquisa está intrinsecamente relacionado ao modo como a pesquisadora enxerga e se posiciona diante da realidade que se apresenta. Dessa forma e em concordância com Merriam (1998), a pesquisa se inicia com a análise da própria orientação da pesquisadora quanto aos princípios básicos sobre a natureza da realidade, sobre a finalidade de se fazer pesquisas e do tipo de conhecimento a ser produzido. Nesse sentido, a escolha do caminho de investigação pode diferir de uma pesquisadora para outra, mas ambas serão válidas se estiverem apoiadas em uma metodologia coerente ao propósito da pesquisa.

Esta seção do trabalho apresenta o caminho metodológico e os procedimentos utilizados durante a pesquisa, que estão em consonância ao modo como a autora compreende e se relaciona com o mundo. Assume-se o caráter transdisciplinar dos fenômenos, em oposição a fragmentação do conhecimento, como fio condutor de toda a pesquisa, buscando, desse modo, uma visão global do tema e do objeto de estudo. A orientação escolhida não é de caráter arbitrário e/ou subjetivo, uma vez que está ancorada em teorias do conhecimento já consolidadas, o que valida o conhecimento alcançado como científico.

3.1 ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA CLÁSSICA

As definições conceituais sobre a matriz metodológica utilizada neste trabalho são aqui expostas, a fim de esclarecer os conceitos utilizados e evidenciar o arcabouço teórico consultado. De acordo com Taylor e Bogdan (1997), a metodologia diz respeito à forma como abordamos um problema e buscamos respostas para este, ou seja, é a maneira como se decide percorrer um caminho de pesquisa que se inicia em um problema e se direciona rumo às respostas. Dessa forma, as principais escolhas que nortearam o desenvolvimento do estudo são

apresentadas juntamente com o seu aporte teórico, embasando, assim, as escolhas para realização da pesquisa.

Entre as diversas perspectivas teóricas predominantes de abordagem nas ciências sociais este estudo segue o caminho da perspectiva fenomenológica, também chamada de interpretativista, que compreende os fenômenos sociais sob o ponto de vista do indivíduo e de acordo com a análise de como o fenômeno é vivenciado. A autora entende que todo e qualquer fenômeno que se apresenta está inserido em um contexto específico que o moldou, dessa forma ele não pode ser visto e interpretado como algo indissociável de um todo maior, ou seja, tudo se relaciona entre si de forma que é preciso considerar os acontecimentos no seu contexto global. Diante disso, a perspectiva fenomenológica se alinha com a visão de mundo da autora e possibilita que o objeto de estudo – espaço habitado da ecovila – seja abordado de forma ampla, visando contemplar aspectos importantes que tangenciam o habitar.

A própria questão de pesquisa “Quais significados do modo de viver no espaço habitado de uma ecovila?” já direciona, pela própria natureza da pergunta, na direção do método qualitativo de pesquisa, uma vez que a questão não pode ser respondida por um sim ou não, mas por descrições e interpretações sobre como o habitar se desvela em uma ecovila. Merriam (1998) aponta que todos os tipos de pesquisa qualitativa partem do princípio de que a realidade é construída por meio da interação do indivíduo com seu mundo e que o interesse de pesquisadores qualitativos é compreender como as pessoas dão sentido ao seu mundo. O propósito deste trabalho se alinha com esse conceito, já que investigar o habitar é buscar uma compreensão de como pessoas que moram em ecovilas dão sentido e edificam seu mundo por meio do modo de viver e das relações estabelecidas com o meio.

Alguns autores classificam a pesquisa com base em critérios. Para melhor entender as características deste estudo, usaremos a classificação proposta por Gil (2002; 2008) para qualificar esta investigação segundo os moldes tradicionais. De acordo com sua finalidade ou natureza, a pesquisa pode ser classificada como “pura”¹² e “aplicada”¹³. A pesquisa pura almeja produzir conhecimentos científicos com o intuito de avançar na teoria e colaborar para o avanço da ciência sem pretensões de aplicação e de resultados práticos. Já a pesquisa aplicada se interessa na aplicação e nas consequências práticas do conhecimento aplicado a uma realidade. (GIL, 2008).

Este estudo provém, inicialmente, da ordem intelectual, uma vez que intenta registrar como uma comunidade do tipo ecovila habita. Dessa forma, quanto à natureza/finalidade, esta

¹² Também nomeada como básica ou teórica.

¹³ Também chamada como pesquisa prática.

investigação se qualifica como pura, já que visa gerar conhecimentos sobre a arquitetura enquanto manifestação do habitar em uma ecovila; contribuindo, assim, na construção de um banco de estudos sobre a temática. Ressalta-se, ainda, que pesquisas aplicadas, em muitos casos, surgem da leitura de pesquisas puras e/ou as utilizam como aporte para sustentar suas teorias. Logo, apesar do estudo ser de caráter majoritariamente de natureza pura, há oportunos caminhos para possíveis pesquisas aplicadas.

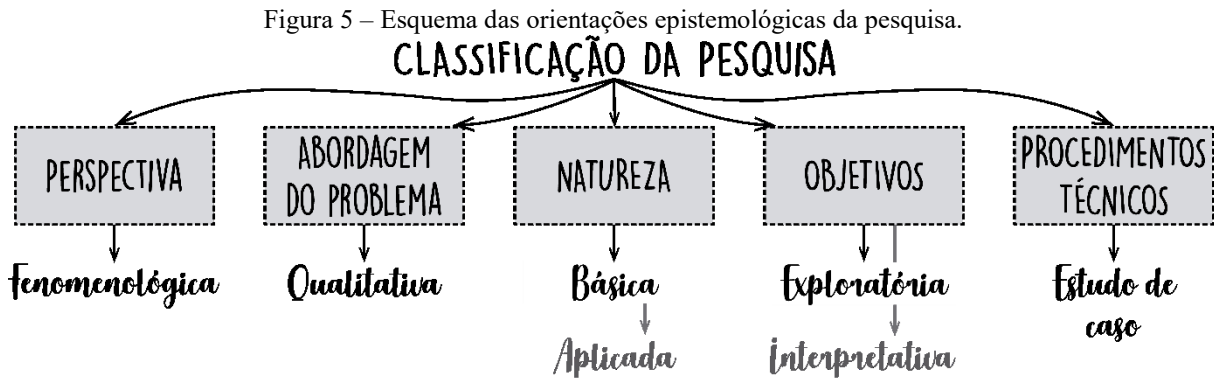
Quanto aos objetivos ou ao nível da pesquisa, este estudo se caracteriza, inicialmente, como exploratório, uma vez que busca, no primeiro momento, explorar e aproximar os assuntos habitar, arquitetura, fenomenologia e comunidades intencionais do tipo ecovilas. Esta etapa foi realizada por meio de levantamentos bibliográficos sobre os assuntos. Após a aproximação com a temática, a pesquisa assume-se como interpretativa pois, seguida à descrição do habitar experienciado na ecovila, a autora dedica-se a refletir sobre o vivido.

O procedimento escolhido para buscar respostas para a pergunta de pesquisa foi, inicialmente, o estudo de caso, pois ele possibilita olhar o fenômeno habitar de maneira mais holística, considerando o contexto que o permeia, e ainda permite que os dados sejam alcançados e registrados por fontes de evidências e técnicas de registros diversas. Isso gera uma multiplicidade de dados coletados que podem ser cruzados, além de alcançar um conhecimento mais profundo sobre o fenômeno estudado. A perspectiva teórica sobre estudo de caso em que este trabalho se baseia é aquela proposta por Yin (2001), que define a estratégia estudo de caso e duas definições técnicas como:

1. Um estudo de caso é uma investigação empírica que
 - investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando
 - os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.
- [...] 2. A investigação de estudo de caso
 - enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado,
 - baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado,
 - beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. (YIN, 2001, p. 32-33).

De acordo com a definição do procedimento estudo de caso, fica subentendida a necessidade da ida ao campo, já que um fenômeno não se dissocia do seu contexto. Na segunda parte da sua explicação, Yin (2001) foca em como se dá a investigação e, nesse sentido, nota-se a versatilidade no uso de fontes de evidências, ou seja, nas diversas possibilidades de coletar

informações nos estudos de casos. De acordo com o que foi exposto, a pesquisa caracteriza-se, inicialmente, conforme o esquema abaixo (Figura 5).



Elaboração própria (2021).

O esquema representa, em síntese, as orientações epistemológicas em que este estudo se ‘enquadra’, contudo é importante mencionar que a pesquisa não se construiu em razão dos fundamentos expostos, ao contrário, depois de delineada, percebeu-se que o estudo tinha características equivalentes à classificação apresentada. Essa relação é pontuada, a fim de enaltecer a importância do desenho de pesquisa enquanto etapa que possibilita propor alternativas e mescla de métodos, assim como novos modos de fazer pesquisa sem a obrigatoriedade de seguir o que já está consolidado na literatura, avançando, dessa forma, em novas possibilidades de se fazer pesquisa.

3.2 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO

Assumimos, nesta pesquisa, a existência de um limiar tênue entre a fenomenologia enquanto vertente filosófica teórica e a fenomenologia como método de pesquisa, na medida em que uma é a prática do que a outra diz. Isso pode parecer redundante devido ao próprio termo fenomenologia ter inculido em si um caráter de ação. Mas essa distinção é realizada em virtude da natureza processual do método, que estando melhor compreendido auxiliaria a autora na execução da pesquisa.

Não se ousa aqui dizer que esta pesquisa foi executada utilizando puramente a fenomenologia como método, uma vez que este estudo se construiu durante o caminho e alguns entendimentos que aconteceram no decorrer do processo surgiram depois que alguns passos já haviam sido dados. E como esta dissertação é um relato de confissões de todo o processo vivido,

é preciso honrar os atravessamentos ocorridos no percurso. Logo, a pesquisa orientou-se inicialmente pelos fundamentos da pesquisa qualitativa usual, conforme exposto anteriormente, contudo, esta seção busca evidenciar como a fenomenologia enquanto método se insere no trabalho.

A princípio, é preciso dizer que o conhecimento da autora sobre investigação científica teve como base os modelos básicos de pesquisa: qualitativa e quantitativa. A autora se afeiçoou à pesquisa qualitativa, mas, à medida que foi tecendo entendimentos sobre a fenomenologia, o olhar sobre o método utilizado foi se modificando. Nesse sentido, a necessidade de um método de pesquisa fenomenológico coerente com aporte teórico e conceitual compartilhado pela pesquisadora se fez presente. Contudo, a fenomenologia visa à compreensão dos fenômenos e, considerando a diversidade e as particularidades das possibilidades de fenômenos existentes a serem experienciadas, seria incoerente pensar em um método fenomenológico rígido e com um passo a passo estabelecido para toda e qualquer pesquisa fenomenológica. Mas, então, como fazer uma pesquisa científica fenomenológica sem ter um método fenomenológico que oriente o caminho a seguir?

Atentemo-nos e cuidemos com o uso da palavra método. Ao que nos foi enraizado, pensar em método significa pensar em esquemas e modelos rígidos a serem seguidos, porém, quando falamos em pesquisa fenomenológica, a conotação sobre o termo muda um pouco. Merleau-Ponty (1999, p.2) reflete sobre isso quando aponta: “a fenomenologia se deixa praticar e reconhecer como maneira ou como estilo; ela existe como movimento antes de ter chegado a uma inteira consciência filosófica.”. Logo, a prática fenomenológica é imbuída de um caráter que lhe é próprio, um certo modo e ela se deixa praticar nesse modo, pode-se dizer que este seria o traço essencial para se chegar à fenomenologia. Fica nas entrelinhas que a própria disposição de perceber as coisas a um ‘modo fenomenológico’ é o método primordial para a prática da fenomenologia, mas em que esse modo consiste? O que o caracteriza? O que muda quando a fenomenologia chega à consciência filosófica?

Cada descoberta sobre a fenomenologia nos abre para muitos questionamentos, mas limitemo-nos aqui a focar na questão do método fenomenológico. Tomando o pensamento de Merleau-Ponty (1999) acima evidenciado, esta pesquisa, mesmo não tendo a ‘aplicação’ de qualquer ‘método’ dito fenomenológico, poderia ser considerada um estudo fenomenológico, uma vez que sempre esteve imbuída de um olhar que se voltava para a realidade naquilo que ela é. Pensar em um método fenomenológico, mais do que considerar etapas a serem cumpridas e esquemas a serem seguidos, é pensar em um ‘modo de proceder’ a “deixar e fazer ver por si

mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo.” (HEIDEGGER, 2005, p.65). Para Heidegger, é isso que a palavra fenomenologia diz. E é, nesse sentido, que fazer fenomenologia é em si uma prática fenomenológica e, portanto, o próprio método fenomenológico.

Mesmo sabendo disso, a pesquisadora ainda se inquietava. Havia um hiato latente sobre o modo de proceder que a perseguia. Era preciso mais, mais entendimento e exemplos da prática fenomenológica, mais conhecimento das particularidades de uma pesquisa fenomenológica, mais sobre tudo, limitado pelo tempo e pelo material que a pesquisadora dispunha. É, dessa inquietação, que os escritos do filósofo Max van Manen, em seu livro *Phenomenology of Practice*, tomam lugar neste estudo.

No livro, o autor busca por meio de uma abordagem agógica da fenomenologia ser em si mesmo um exemplo de prática fenomenológica, uma vez que este reconhece que o conhecimento raso da fenomenologia pode conter ideias simplificadas que dificultem a realização de uma fenomenologia da prática (VAN MANEN, 2014). Basicamente, o autor visa ensinar como se faz uma investigação fenomenológica sendo em si um próprio exemplo disso. De fato, talvez não tenha forma mais coerente de mostrar o que é uma fenomenologia na prática se não naquilo que ela é, contudo isso implica um mergulho mais profundo de entendimento e, no caso desta pesquisa, especulações de como aplicar o que foi apreendido.

Van Manen (2014, p. 41, tradução livre, grifo nosso) também se alinha ao pensamento de Heidegger e Merleau-Ponty e ainda acrescenta: “[...] talvez seja melhor pensar no método básico da fenomenologia como a adoção de uma certa atitude e a prática de uma certa **atenção às coisas do mundo como as vivemos**, e não como as conceituamos ou teorizamos, e como as tomamos como garantidas.”¹⁴. Destaca-se no trecho como o autor qualifica a maneira de praticar a fenomenologia dita por Merleau-Ponty e, para além disso, aponta para um aspecto essencial da fenomenologia: a preponderância da experiência sobre a teoria. A fenomenologia interessa o que se dá na realidade tal como ela está.

O caráter experimental de se tentar aplicar um método fenomenológico neste estudo é iminente além do que a pesquisa foi atravessada e confrontada várias vezes pelas estratégias e pelos instrumentos de investigação qualitativa. Dessa forma, não se pretende aqui ser um exemplo, mas sim expor o que se considerou e como se tentou construir e percorrer um trajeto

¹⁴ Do original: “[...] may be best to think of the basic method of phenomenology as the taking up of a certain attitude and practicing a certain attentive awareness to the things of the world as we live them rather than as we conceptualize or theorize them, and as we take them for granted.”.

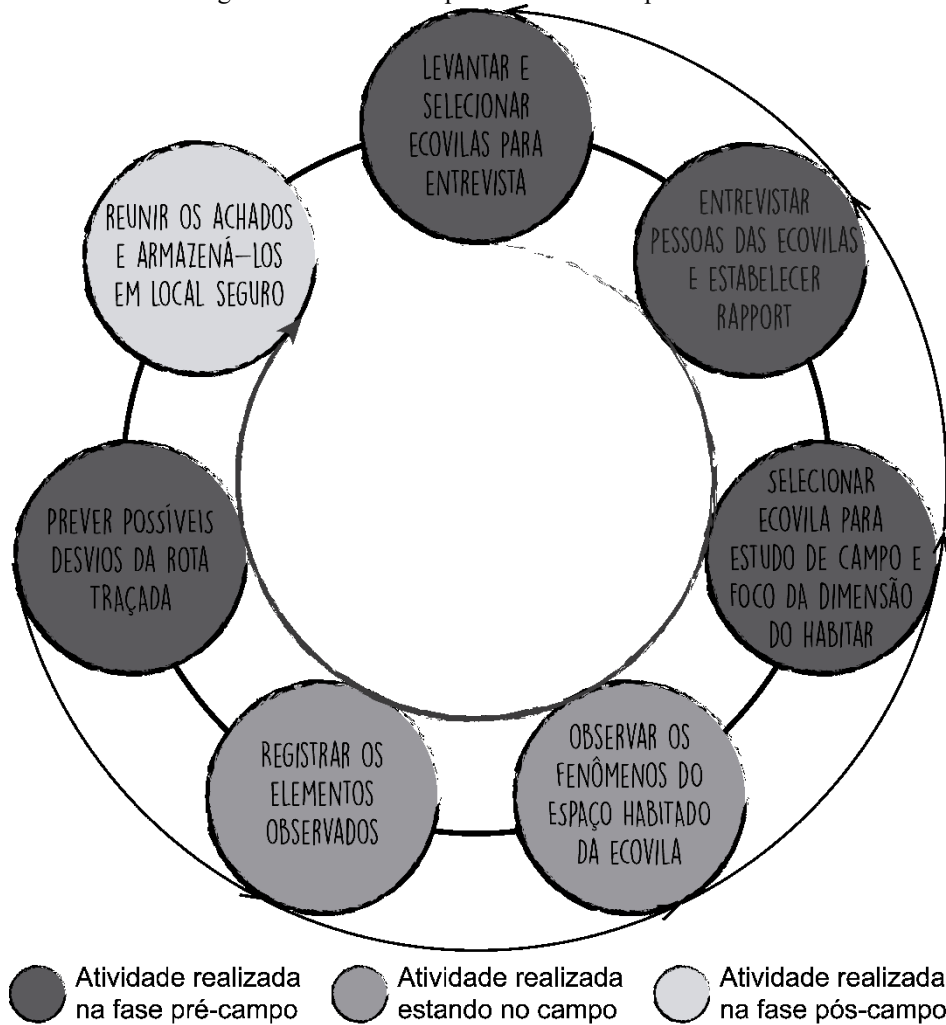
rumo a um método fenomenológico para uma investigação da fenomenologia da arquitetura e seus atravessamentos. Ou seja, aprender com a própria prática, as possibilidades e os desafios de se fazer uma pesquisa fenomenológica.

3.3 MEIOS INVESTIGATIVOS

Uma vez que os fenômenos que interessam a esta pesquisa estão no campo, o primeiro passo do estudo consistiu em traçar um desenho de como ocorreria o processo de busca por evidências. Baseado no conceito de ‘coleta de dados’ proposto por Creswell (2014), se propôs um conjunto de ações interrelacionadas intencionadas a mediar o processo de ida ao campo na direção de respostas ao problema de pesquisa. À vista disso, a busca por evidências não se restringiu apenas ao ato de colher manifestações do fenômeno no campo, mas, ao contrário, abrangeu um conjunto de ações que, conectadas entre si, almejavam alcançar um propósito. Dessa forma, a busca por evidências envolveu pensar aspectos que aconteceriam antes da ida ao campo, durante o campo e após a saída do campo¹⁵. Toda essa cadeia de ações foi pensada conforme o esquema abaixo (Figura 6).

¹⁵ Os aspectos estabelecidos foram influenciados pelo texto de Zuleica Maria Patrício, intitulado Introdução à Prática de Pesquisa Socioambiental, o qual orienta o trabalho de campo em três fases: Entrando no campo; Ficando no Campo e Saindo do Campo.

Figura 6 – Desenho do processo de busca por evidências.



Fonte: Baseado em Creswell (2014). Elaboração própria (2021)

O desenho pensado para o processo de busca por evidências começou pelo levantamento das ecovilas existentes dentro do perímetro brasileiro e posterior seleção de um grupo preliminar para serem convidadas a participar de uma entrevista. Posteriormente, um membro de cada ecovila compartilha com a pesquisadora o modo de viver da comunidade por meio da entrevista, esse momento propicia também a criação de *rapport* com uma pessoa de cada uma das ecovilas entrevistadas. Após as entrevistas, é definida uma ordem de chamada para convite das ecovilas para participar do estudo de campo e, de acordo com as particularidades da ecovila selecionada, estabelecer o foco da dimensão do habitar. Todo o planejamento traçado até aqui é previsto para acontecer na fase pré-campo.

Posterior ao aceite da ecovila, a pesquisadora vai até o campo para observação do fenômeno e do registro das evidências, essas duas etapas aconteceriam no momento em que a pesquisadora estivesse no campo. Após todo esse esboço traçado, a pesquisadora, ainda na fase

pré-campo, retoma todo o planejamento delineado na busca por possíveis problemas que poderiam acontecer nas etapas planejadas, visando encontrar alternativas para eventuais imprevistos. A última etapa do processo de busca por evidências proposto, que aconteceria na fase pós-campo, consiste em armazenar os achados e acondicioná-los em segurança para posterior análise. Após esse panorama do desenho proposto, os parágrafos que se seguem detalham como aconteceu cada um dos momentos.

Levantamento e seleção das ecovilas para entrevista

Inicialmente, é preciso esclarecer que o universo delimitado na pesquisa se restringiu às ecovilas localizadas no Brasil, logo o primeiro passo da busca por evidências foi levantar as ecovilas existentes no território brasileiro. Para isso, foram utilizadas três fontes de busca principais: a Organização sem fins lucrativos *Foundation for Intentional Community* (FIC), a Instituição de Caridade *Global Ecovillage Network* (GEN) e buscas na internet que englobaram redes sociais e *blogs*.

Com o panorama das comunidades, se fez uma seleção de ecovilas para aprofundar o conhecimento sobre elas por meio de uma entrevista em profundidade com uma pessoa-moradora de cada ecovila. A ideia inicial foi conversar com ecovilas de diversas fases, para isso, se estabeleceu, inicialmente, como critério de seleção, o tempo de existência das comunidades, que foi caracterizado pela autora da seguinte forma: consolidadas (ecovilas com mais de 21 anos de existência); ecovilas com existência de período médio – estabelecidas (existência entre nove a 21 anos); e ecovilas que começaram o processo de comunidade mais recentemente – aspirantes (primeiros nove anos). A ideia de utilizar esse critério de escolha foi entender um pouco de todas as fases experienciadas por uma ecovila, desde a sua formação inicial até a sua consolidação. A esse critério somaram-se as informações obtidas das ecovilas nas buscas pela internet, uma vez que as existências dessas informações contribuíram para o entendimento prévio sobre as comunidades e conseqüentemente a seleção para a entrevista de uma em detrimento de outra.

Estabelecidos pela autora critérios de seleção, a amostragem de ecovilas caracterizou-se como não-probabilística¹⁶ conforme definição de Gil (2008). O tamanho da seleção preliminar, também definido pela autora, foi pensado de forma a não ser pequeno demais a ponto da pesquisa

¹⁶ Amostragem que não apresenta fundamentação matemática ou estatística, baseando-se unicamente dos critérios estabelecidos pela pesquisadora.

se tornar enviesada e, ao mesmo tempo, não ser grande demais de modo a desviar o foco da pesquisa. Logo, se pensou que seis ecovilas abarcariam um grupo bom de exemplos de ecovilas, intencionando idealmente, contatar e convidar duas de cada fase para entrevista.

Entrevista com pessoas das ecovilas e criação de *rapport*

A intenção de conversar com moradoras das ecovilas consistiu em aprofundar o entendimento sobre o modo de vida das comunidades pré-selecionadas, uma vez que muitos aspectos do modo de viver não poderiam ser descritos na internet e ninguém melhor que uma pessoa que vive na ecovila para explicar o estilo de vida da comunidade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma pessoa-moradora de cada comunidade baseada em áreas de interesse que guiarão o rumo da conversa (Figura 7). Utilizar-se-á o termo pessoa-moradora para se referir a qualquer pessoa que esteja vivendo na ecovila seja como voluntária, moradora fixa ou quaisquer outras formas de poder viver na comunidade.

Figura 7 – Esboço das áreas temáticas abordadas no roteiro de entrevista



Elaboração própria (2021)

Para a entrevista, estruturaram-se as áreas temáticas: pessoa, motivações, rotina, vida comunitária, conflitos, questão da terra e, espaço construído. Tais âmbitos foram considerados relevantes pela autora e que invariavelmente permeariam em algum grau a vida em comunidade e que orientou a elaboração de um roteiro de entrevista. Nesse sentido, buscou-se entender três dimensões: Quem; Como; Onde. A primeira dimensão procurou entender quem é o informante e suas motivações para viver em comunidade, a dimensão “Como” explorou aspectos que configurariam a vida em comunidade. Por fim, o enfoque da dimensão “Onde” foi

entender aspectos do lugar que propiciam que a vida comunitária aconteça. O roteiro de entrevista elaborado segue abaixo.

Figura 8 – Roteiro da entrevista semiestruturada.

QUESTÕES NORTEADORAS
<p>1 – QUEM É A/O (NOME DA INFORMANTE)?</p> <p><i>O objetivo da pergunta é que a pesquisadora possa entender um pouco sobre quem é a pessoa que lhe fala. A pergunta visa instigar a pessoa - moradora a falar um pouco de si de acordo com o que ela própria se sinta confortável e queira compartilhar a respeito de si.</i></p>
<p>2 – QUAIS AS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES E/OU ACONTECIMENTOS QUE TE FIZERAM QUERER VIVER EM COMUNIDADE?</p> <p><i>Após entender um pouco sobre quem é a informante tento por meio do questionamento entender o que motivou a pessoa moradora a querer e a permanecer vivendo em comunidade.</i></p>
<p>3 – VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE A COMUNIDADE, A ROTINA E UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO NOME DA COMUNIDADE?</p> <p><i>A pergunta é ampla com o intuito de fazer com que a informante filtre a sua resposta respondendo assim o que considera mais relevante.</i></p>
<p>4 – VOCÊ PODE FALAR UM POUCO SOBRE A VIDA COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE?</p> <p><i>O objetivo da pergunta é entender um panorama geral de como a ecovila funciona, aspectos da gestão da ecovila e quaisquer outros aspectos que forem relevantes.</i></p>
<p>5 – VOCÊS UTILIZAM ALGUM MECANISMO DE GESTÃO DE CONFLITOS? VOCÊ PODE FALAR UM POUCO SOBRE?</p> <p><i>A pergunta parte do entendimento de que ao conviver com outras pessoas o conflito é iminente. No entanto, o termo conflito não se refere a algo negativo mas sim, as divergências que permeiam a vida cotidiana.</i></p>
<p>6 – VOCÊ PODE FALAR UM POUCO SOBRE A QUESTÃO DA TERRA NESSE SISTEMA DE VIDA COMUNITÁRIO?</p> <p><i>A questão visa que a pesquisadora fale sobre o lugar que abriga a comunidade. Se o terreno é ou não da própria comunidade e como foi esse processo.</i></p>
<p>7 – VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE O ESPAÇO CONSTRUÍDO DA COMUNIDADE? O QUE É COLETIVO E O QUE É PRIVADO?</p> <p><i>Ao entender um pouco sobre a questão do terreno onde a ecovila se insere, esta pergunta visa que a informante relate um pouco sobre como é o espaço físico que conforma a comunidade, como é a questão dos espaços coletivos e privados.</i></p>

Elaboração própria (2021).

A informante responderia às perguntas em nome da ecovila a qual faz parte, exceto pelas perguntas dirigidas especificamente à informante. A entrevista foi executada de forma

remota por meio de alguma plataforma, o que possibilitaria o contato com qualquer ecovila do Brasil. As conversas foram gravadas com permissão prévia das informantes e, posteriormente, foram transcritas, a fim de facilitar o acesso às informações obtidas durante a conversa. Esse contato inicial, além de possibilitar um melhor entendimento de como a comunidade se organizava e de possíveis indícios de como acontecia o habitar na/da ecovila, foi uma forma de estabelecer *rapport* com uma pessoa-moradora de cada comunidade, prevendo um futuro contato para a realização da pesquisa de campo. Não foram estabelecidos critérios para entrevistar um perfil específico de informante. Quanto ao contato, optou-se por fazê-lo via *e-mail* ou pelo *WhatsApp* disponível no *site* das comunidades.

A entrevista em profundidade, diferente dos outros tipos de entrevista, é flexível e dinâmica, assemelhando-se a uma conversa informal com a entrevistada. Desse modo, os interesses da pesquisadora são apresentados de forma, aparentemente, despretensiosa, a fim de que a informante falasse livremente sobre o assunto e o que lhe é mais significativo acerca dele sem influência da pesquisadora.

A utilização da entrevista enquanto método para um melhor conhecimento sobre as comunidades intencionais já foi empregado antes, e algumas resultaram em trabalhos que hoje são referências sobre a temática. Esse é o caso do livro *Creating a Life Together*, que é resultado da busca de Diana Christian por descobrir o que as comunidades fizeram para darem certo. Em busca por uma resposta para a sua pergunta, a autora visitou algumas comunidades e entrevistou os seus fundadores.

Eu queria saber sobre os dez por cento bem-sucedidos, aqueles grupos que conseguiram criar suas comunidades. O que eles fizeram para dar certo?
Tenho buscado a resposta para essa pergunta desde então, em meus anos como editora da revista *Communities* e visitando dezenas de comunidades e entrevistando muitos fundadores de comunidades. E acabei encontrando um padrão bem definido. [...] *Creating a Life Together* é uma visão geral desse processo, obtida de alguns dos mais inovadores e bem-sucedidos fundadores de comunidades da América do Norte.”¹⁷
(CHRISTIAN, p. XV, 2003, tradução nossa).

Os dados coletados em entrevistas contêm informações valiosas, pois é uma fonte primária de informações por vir diretamente do próprio morador que vive e se relaciona na

17 “I wanted to know about the successful ten percent, those groups that actually created their communities. What did they do right?

I’ve sought the answer to this question ever since, in my years as editor of *Communities* magazine, and by visiting dozens of communities and interviewing scores of community founders. And I’ve seen a definite pattern. [...] *Creating a Life Together* is an overview of that process, gleaned from some of the most innovative and successful community founders in North America.”

comunidade, além de ser informações a serem concomitantes à realização da pesquisa. Após a realização das entrevistas, foram realizadas as transcrições de todas elas, para que mediante esses registros fosse possível averiguar os relatos das pessoas informantes sobre as ecovilas.

Seleção da ecovila para estudo de campo e foco da dimensão do habitar

Para realização dessa etapa, as entrevistas executadas na fase anterior são essenciais, pois é por meio das informações reveladas nestas que se têm informações para se fazer um ranqueamento de qual ecovila iria para a etapa da pesquisa de campo. Para selecioná-las, estabeleceram-se alguns critérios de acordo com o propósito deste estudo e, posteriormente, se compôs uma hierarquização de ordem de contato das ecovilas. Prevendo um possível empate, foram estabelecidos dois critérios de seleção e um de desempate. Os parâmetros de seleção foram a existência da vida comunitária e as manifestações do habitar no espaço habitado, o critério de desempate foi a facilidade de mobilidade da pesquisadora até a ecovila. Diante esses quesitos, estabeleceram-se os seguintes indicadores de classificação e os aspectos a serem considerados (Quadro 1).

Quadro 1 – Critérios de seleção das ecovilas para estudo de campo

	Vida comunitária			Manifestações do habitar no espaço habitado			Facilidade de mobilidade		
Classificação	Alta	Média	Baixa	Alta	Média	Baixa	Fácil	Média	Difícil
Aspectos considerados	Existência da vida comunitária			Preexistências do lugar			Fácil: ecovila mais próxima à SC Difícil: ecovila mais distante de SC Média: ecovilas localizadas entre os extremos		
	Tomada de decisões			Alterações feitas no espaço					
	Integrantes do coletivo								

Elaboração própria (2021)

A vida comunitária foi um critério estabelecido por esta ser uma das características essenciais de uma ecovila, uma vez que a finalidade é entender como a ecovila, ou seja, um conjunto de pessoas guiados por um propósito habita o lugar em que se inserem. A existência da vida comunitária permitiria que a pesquisadora entendesse por meio das próprias pessoas-moradoras como elas contam a história do espaço, as decisões envolvidas, os “porquês” e os

“comos” do espaço habitado ser tal como ele é. Além de poder vivenciar no dia a dia da ecovila como esse habitar se manifesta cotidianamente na comunidade. O critério foi classificado como alta, média e baixa e essa classificação envolveu considerar os seguintes aspectos: a atual existência da vida comunitária, a forma de tomada de decisões e a quantidade de pessoas envolvidas no coletivo.

A existência da vida comunitária é primordial quando se pensa a estrutura social das ecovilas, um atributo considerado relevante, nesse sentido, é a forma de tomada de decisões. O aspecto é relevante para este estudo, pois pensar o habitar de uma ecovila significa entender como habita o coletivo que a integra. Saber que as decisões tomadas são uma concordância de todo o coletivo e não direcionadas por deliberações de uma só pessoa, é falar de um espaço habitado de fato, pela ecovila enquanto coletivo. Considerar esse aspecto não deseja invalidar outras formas de organizações e sistemas de gestão de outras ecovilas, mas, para a pesquisa, o aspecto é considerado relevante conforme foi explicado. Outro atributo considerado é a quantidade de pessoas envolvidas efetivamente no coletivo. A quantidade é importante, pois ecovilas com poucos membros poderiam não evidenciar tão prontamente a complexidade da vida comunitária.

As manifestações do habitar no espaço habitado surgem como critério por ser o principal interesse deste trabalho e o que será de fato observado durante a estadia no campo. Foram utilizados os parâmetros baixa, média e alta para caracterizar este critério de forma a identificar, previamente, conforme relatado nas conversas com moradores, o potencial das manifestações do habitar na ecovila. Isso incluiu considerar a quantidade de alterações realizadas no espaço e as preexistências do lugar onde a ecovila se inseriu.

As preexistências do lugar é um fator considerável quando se pensa o habitar, uma vez que quanto maior a quantidade e a qualidade de infraestruturas existentes, maior a probabilidade das ecovilas adaptarem os espaços para as suas realidades. Contudo, isso não invalida o habitar da ecovila como veremos adiante, mas ameniza o entendimento de como esse habitar do/no espaço habitado se manifestaria sem a influência das infraestruturas existentes, ou seja, de forma mais ‘genuína’. Nessa direção, surge o aspecto da quantidade de alterações feitas no espaço, pois quanto maior a quantidade de alterações, maior os indícios de como e quais atributos do habitar da ecovila. Esse aspecto é essencial, uma vez que o trabalho se dedica a entender a dimensão do habitar que tange ao espaço habitado.

Diante desses dois critérios de seleção e prevendo a possibilidade de um empate na classificação das ecovilas, estabeleceu-se um critério de desempate, caso houvesse, que serviria

exclusivamente para decisão e não como parâmetro de classificação. Esse critério foi a facilidade de mobilidade da pesquisadora até a ecovila para o estudo de campo. Como a área geográfica do estudo abrangeu todo o Brasil e levando em consideração a vastidão do território brasileiro, as ecovilas geograficamente mais próximas de Florianópolis (SC), lugar onde a autora residia na época, seriam classificadas como de acesso fácil, enquanto as mais distantes seriam classificadas como de difícil acesso, e as ecovilas localizadas entre as localidades extremas seriam classificadas como de média facilidade de acesso.

Observação dos fenômenos do/no espaço habitado da ecovila e registro dos elementos observados

Para colher as evidências acerca do habitar no espaço habitado da ecovila selecionada, utilizou-se a experiência vivida como principal fonte de evidência. Todavia, nota-se que a própria experiência vivida está imbuída de algumas ‘etapas’, as quais a pesquisa qualitativa deu nome. Logo, os parágrafos seguintes especificam como a experiência vivida seria encaixada nos moldes tradicionais da pesquisa, em que seriam utilizadas as seguintes fontes de evidências: observação direta; observação participante e artefatos físicos¹⁸. Assim como a obra de arte, a arquitetura também é um artefato físico, uma vez que há tangibilidade de, pelo menos, alguns de seus aspectos. Como já demonstrado, a arquitetura e o espaço habitado das ecovilas são o foco deste estudo. Diferentemente de outros estudos de caso em que os artefatos físicos têm uma importância significativamente menor (YIN, 2001), este estudo só acontece porque há a existência deles, nesse sentido, a própria arquitetura configura-se como uma fonte de evidência. O registro dos artefatos observados será efetuado por meio de fotos, de vídeos e de desenhos.

De todas as fontes de evidências utilizadas, a técnica da observação participante é a mais relevante para o estudo, pois é ela que garante a vivência nos espaços conformados pelo habitar das ecovilas em estudo, oferecendo, assim, a oportunidade de se experienciar o lugar tal como ele acontece, no contexto e na atmosfera em que está inserido. Nesse sentido, a defesa por uma fenomenologia da arquitetura faz com que não haja outro modo mais apropriado para se alcançar os objetivos da pesquisa, prezando o aporte teórico conceitual que guia o estudo. As informações coletadas tiveram como principal fonte de registro o diário de campo, tendo

¹⁸ As referências teóricas e conceituais das fontes de evidências utilizadas estão dispostas em Yin (2001).

como apoio secundário o registro em vídeos, gravações e fotos¹⁹ para registrar momentos importantes ou detalhes que se mostrarem relevantes durante a experiência. Esses registros foram feitos depois de determinada sensação, percepção ou uso, ou o quanto antes for possível.

Por se tratar da arquitetura enquanto manifestação do habitar, a observação direta se faz necessária, uma vez que ela é o recurso que permite evidenciar aspectos físicos, materiais e técnicos de forma mais criteriosa. Não se pensou nenhum protocolo de observação para ser seguido, pois esta estratégia é empregada com o intuito de acrescentar informações complementares e adicionais aos dados obtidos durante a observação participante, elevando, assim, a confiabilidade das informações relatadas pela pesquisadora. Dessa forma, o aporte de registro utilizado durante a observação direta foi o registro fotográfico do lugar e seus elementos almejando evidenciar aspectos que conformam os lugares. De acordo com o que foi exposto, elaborou-se o seguinte quadro síntese (Quadro 2).

Quadro 2 – Síntese das fontes de evidências e de formas de registro dos dados utilizados durante o estudo de caso

Fonte de evidências	Forma de registro	Relevância da fonte
Observação participante	Relatos no diário de campo, vídeos, gravações e fotos	Relata a experiência do fenômeno tal como acontece na realidade de seu contexto
Observação direta	Fotografias	Fornecer informações complementares e adicionais àquelas obtidas durante a observação participante; Eleva a confiabilidade das informações relatadas
Artefatos físicos	Fotos e desenhos	Sem os artefatos de estudo esta pesquisa não poderia se realizar

Elaboração própria (2021).

O quadro acima faz uma síntese das fontes de evidências ‘selecionadas’ para o estudo de campo e como cada fonte foi registrada para posterior análise. Todas elas estão no campo da experiência vivida e só podem se concretizar por meio dela.

Preveno possíveis desvios da rota traçada

¹⁹ Todos os registros que envolveram fotos, gravações ou vídeos resguardaram a privacidade das moradoras e/ou das voluntárias da ecovila.

As fases traçadas indicaram como cada uma deveria acontecer, porém esta etapa do desenho do processo de busca por evidências consiste em rever as etapas anteriormente propostas, prevendo e buscando possíveis soluções para as dificuldades que poderiam surgir durante todo o processo de ida ao campo. Nesse sentido, surgiram as seguintes inquietações: a aprovação, ou não, da pesquisa pelo Comitê de Ética, o registro preciso de citações importantes durante a observação participante e os desafios de ser uma pesquisadora iniciante na coleta dos dados em campo e na observação-participante. Considerando as dificuldades elencadas, a pesquisadora refletiu sobre possíveis soluções.

No que tange à aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética, a autora pesquisou a respeito e notou que havia divergência entre professoras e pesquisadoras quanto a real necessidade de aprovação no Comitê de Ética das pesquisas na área das ciências sociais aplicadas. Nesse sentido, a pesquisadora optou por submeter ao Comitê a etapa da pesquisa de campo uma vez que, ela ainda não havia sido desenvolvida. Quanto ao registro preciso das citações durante a observação participante, a autora abriu um bloco de notas no celular para registrar, assim que possível, a citação que seria posteriormente transcrita no diário de campo. Se ponderou, também, a opção de um caderninho de bolso, mas pensou-se que o celular chamaria menos atenção e possibilitaria o registro ser executado de maneira mais discreta e imediatamente após fala, acontecimentos, *insights* e outros. Os desafios de ser uma pesquisadora iniciante foi uma questão levantada, pois para além de ser a primeira experiência da autora em pesquisa de campo, o caráter qualitativo da pesquisa trouxe certa insegurança para uma pesquisadora iniciante. Nesse sentido, a autora buscou ler mais pesquisas qualitativas e livros de metodologia que mostravam a aplicação dos instrumentos propostos.

Reunião dos achados e armazenamento em local seguro

Por fim, a última etapa do desenho da busca por evidências consistiu em antever o armazenamento dos achados, uma vez que são eles que constituem uma parte de grande importância deste trabalho. Diante das diversas fontes de evidências e das formas de registro dos indícios, todos os achados foram digitalizados e armazenados em pastas no computador, inclusive os registros escritos. Tudo foi salvo em arquivos e na nuvem como *backup*. Esta etapa acontece durante a fase pós-campo, e é dela que se parte para a análise dos achados.

DA BUSCA POR EVIDÊNCIAS PARA A ANÁLISE DOS ACHADOS OBTIDOS

Tendo como base o desenho de busca por evidência exposto, foi delineado um processo de como as informações coletadas seriam analisadas. A proposta de análise é baseada em Creswell (2014), que acredita que a análise de dados qualitativos acontece de modo circular, em círculos analíticos e não em uma abordagem linear. Partindo da busca por evidência, o processo de análise consiste em cinco etapas: organização das informações; leitura, anotações e reflexões; descrição e interpretação e relato, conforme evidenciado no esquema abaixo (Figura 9).

Figura 9 – Espiral de análise das informações obtidas



Fonte: Baseado em Creswell (2014). Elaboração própria (2021)

Os parágrafos que seguem explicam mais detalhadamente cada uma das etapas. A começar pela organização das informações, que consiste em pegar as informações armazenadas e separá-las por categorias, que, por sua vez, serão organizados em pastas sobre um respectivo ambiente ou edificação. Após essa distribuição, os dados serão nomeados com o nome que melhor o represente, a fim de facilitar a localização dos arquivos.

Com todos os dados organizados, a pesquisadora inicia a etapa de leitura, anotações e reflexões. Nesta fase, a pesquisadora fez leitura de todo o material coletado, deixando vir lembranças, aspectos importantes que devem ser tratados, palavras-chave, ideias, *insights* etc. Seguiu-se a recomendação de que mais de uma leitura fosse realizada, e que isso fosse feito de forma tranquila, afim de deixar vir o que as informações dizem.

Após a apreciação dos dados, aconteceu a etapa de descrição e de interpretação, que consiste na descrição detalhada das informações. Usa-se o conceito de descrição detalhada estabelecido por Creswell (2014, p. 150): “*Descrição detalhada* significa que os autores descrevem o que eles veem. Esses detalhes são fornecidos *in situ*, isto é, dentro do contexto do ambiente da pessoa, local ou evento.”. Posteriormente, as informações são transformadas em códigos – nomes que descrevem a informação – e, em seguida, esses códigos são agregados e transformados em temas. Essa ideia de temas proposta por Creswell (2014) assemelha-se ao conceito de análise temática de Braun e Clarke (2012, p. 57, tradução nossa): “análise temática é um método para identificar, organizar e oferecer uma visão sistemática dos padrões de significados (temas) de um conjunto de dados²⁰”. Apesar da semelhança de análise proposta pelas autoras, optou-se por seguir conforme orienta Creswell (2014).

A etapa de representação corresponde à maneira definida pela autora de representar os dados, nesse sentido, opta-se por representar as informações em texto descritivo narrativo ilustrado por imagens do lugar. Por se tratar de uma pesquisa sob um olhar fenomenológico, acredita-se que a escolha de representar as informações na forma de descrição da experiência vivida se aproxima mais do fenômeno experienciado.

O relato aqui é visto sob duas óticas, a primeira é que toda a dissertação é, em si, um relato da pesquisa como um todo, uma vez que tudo o que é tratado de uma maneira ou de outra atravessam a pesquisa. Uma segunda perspectiva diz mais especificamente sobre o relato da vivência em campo, nesse sentido, trata-se das escolhas de como as informações foram condensadas e apresentadas ao leitor. À vista disso, o relato contém interpretações da autora e de moradores das ecovilas sobre o habitar que se apresentaram por meio da escrita de descrições que contenham a essência do habitar para ambos.

²⁰ Do original: “TA is a method for systematically identifying, organizing, and offering insight into patterns of meaning (themes) across a data set.”

Quadro 3 – Síntese do processo delineado: dos objetivos aos resultados

	Específico I	Específico II	Específico III
Objetivo	Experienciar fenomenologicamente o modo de viver de uma ecovila	Descrever a experiência vivida no espaço habitado SitiOm	Identificar significados do espaço habitado
Como alcançar	Pesquisando exemplos de ecovilas; Entrevistando as ecovilas; Indo e vivenciando a ecovila	Vivenciando o modo de viver da/na ecovila e registrando observações sobre as experiências vividas	Entendendo e reconhecendo o que o espaço habitado diz
Estratégias utilizadas	Pesquisa exploratória, Entrevistas em profundidade, Imersão no campo de estudo	Escrita narrativa em linguagem poética e representações ilustrativas sobre o espaço habitado	Análise das descrições feitas e reconhecimento de significados
Fontes consultadas	FIC, GEN, redes sociais e <i>sites</i> próprios das ecovilas; Conversas com pessoas moradoras das ecovilas; O próprio espaço habitado	Experiência e sensações experienciadas decorrentes da presença vivida no espaço habitado SitiOm	A experiência vivida na ecovila; Descrição da experiência vivida feita anteriormente
Resultado/ Capítulo	DO ORDINÁRIO AO EXTRAORDINÁRIO – RUMO À PRESENÇA VIVIDA	DA PRESENÇA VIVIDA À PRESENÇA REFLETIDA – TRANSUBSTANCIAS DA EXPERIÊNCIA SITIOM	A ESSÊNCIA DO HABITAR NO ESPAÇO HABITADO SITIOM – DESVELANDO SIGNIFICADOS

Elaboração própria (2022)

4 DO ORDINÁRIO AO EXTRAORDINÁRIO – RUMO À PRESENÇA VIVIDA

Esta seção do trabalho dedica-se a relatar como a aproximação com a ecovila em estudo ocorreu e todo o processo que permeou este encontro, de acordo com o percurso traçado. Logo, esboça-se, aqui o passo a passo realizado desde a aproximação das ecovilas existentes no território brasileiro até o aceite de uma ecovila para realização da imersão no campo de pesquisa.

Em busca de uma noção do cenário global das ecovilas brasileiras existentes, os diretórios da GEN e a FIC foram consultados. Ambos, apoiam o movimento de comunidades e de ecovilas, e com o intuito de criar uma rede colaborativa, possuem diretórios onde ecovilas e comunidades podem se registrar, criando, assim, conexões entre as comunidades e as pessoas. Para se cadastrar a essas entidades, a comunidade deve fornecer informações sobre o projeto para a plataforma como palavras, que definem o projeto, o *status* da comunidade, os membros, uma breve apresentação da comunidade, entre outras informações. Tais dados contribuíram no entendimento prévio sobre algumas questões específicas a respeito das comunidades.

Apesar das plataformas GEN e FIC hospedarem diretórios de ecovilas e de comunidades de forma gratuita, as buscas na internet evidenciaram que haviam muitos projetos comunitários, acontecendo sem cadastro em quaisquer uma das entidades. Diante disso, e, somado à dificuldade de acesso às informações sobre alguns projetos e, ao possível desvio que abranger outras possíveis ecovilas poderiam ocasionar no rumo da pesquisa, optou-se por considerar para o estudo somente ecovilas cadastradas em alguma rede.

O contato com as comunidades foi realizado via *e-mail* e/ou pelo WhatsApp disponível no *site* das comunidades. Diante dos panoramas, foram selecionadas seis ecovilas para serem convidadas a participar da entrevista semiestruturada. A fim de preencher a lacuna de uma ecovila que não retornou, outras cinco ecovilas foram contatadas, mas, entre *e-mails* não respondidos e o aguardo da apreciação do convite levado à assembleia geral das comunidades, optou-se por fazer as entrevistas com apenas cinco ecovilas iniciais. No total, foram contatadas 11 ecovilas, e apenas uma delas foi encontrada nas buscas na internet e que não estava filiada a nenhuma das redes de apoio mencionadas anteriormente, mas sim na ABRASCA²¹. Segue abaixo um quadro (Quadro 4) que apresenta as ecovilas que aceitaram o convite para serem entrevistadas e alguns dados básicos sobre cada uma.

²¹ Não se sabe ao certo a real designação de ABRASCA, pois como não parece existir um *site* oficial da associação, foram encontradas diversas menções na *internet* para se referir ao órgão, tais como: Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis; Associação Brasileira das Comunidades Alternativas; Associação Brasileira de Comunidades Aquarianas.

Quadro 4 – Ecovilas contatadas e que retornaram com aceite positivo para a conversa

Ecovila	Filiação	Localização	Fundação	Status
Montanha Iluminada	GEN	RJ	1989	Consolidada
Coletivo Floresta	ABRASCA	BA	1991	Consolidada
Vale Encantado	GEN	RS	2005	Estabelecida
SitiOm	GEN	SP	2012	Estabelecida
Jardim de Transição	GEN	SP	2018	Aspirante

Elaboração própria (2021)

Após o aceite das ecovilas, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi encaminhado para o *e-mail* institucional de cada ecovila, para que o aceite de participação ficasse registrado. Essa primeira etapa da pesquisa, que consistiu na aproximação e nas entrevistas das comunidades, foi feita no âmbito da disciplina de Métodos Qualitativos de Pesquisa, cursada no Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC/UFSC) na qual não foi solicitada a aprovação do TCLE (Apêndice B) pelo Comitê de Ética da Universidade.

As entrevistas foram realizadas de forma remota por meio da plataforma *Google Meet*, o que além de ampliar a possibilidade de contato com qualquer ecovila do Brasil, foi o meio mais viável, uma vez que elas ocorreram enquanto a pandemia da covid-19 no Brasil ainda estava exigindo que medidas de disseminação do vírus, dentre elas, o isolamento social, fossem mantidas. Como não houve critérios para entrevistar um perfil específico de informante, na maioria dos casos, a pessoa-moradora entrevistada que respondeu em nome da comunidade foi quem recebeu o meu contato. De acordo com o direcionamento que algumas respostas das informantes ocorriam, as ordens das perguntas iam sendo realocadas, de modo a colaborar para a continuidade da linha de pensamento da entrevistada. O período de duração de cada entrevista foi em média uma hora e meia.

Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas, a fim de se revisitar as respostas coletadas com maior facilidade. Diante disso, observou-se que a própria fala das moradoras carregava em si muito do que elas entendiam como o habitar da ecovila a qual pertencia. Entendendo a relevância disso para o rumo que o trabalho tomou, foi considerado pertinente apresentar as entrevistadas e um pouco de suas visões a respeito do modo de viver da comunidade a qual pertencia.

DA FALA DAS PESSOAS MORADORAS AOS INDÍCIOS DE UM HABITAR

As pessoas que colaboraram na parte inicial deste estudo, por meio da entrevista, são pessoas com histórias e percursos de vida únicos. A maioria das entrevistadas são brasileiras, apesar de, em algumas comunidades, residir também moradores de outras nacionalidades. Vários sotaques evidenciaram que a escolha por um modo de vida diferente não se restringe a uma região brasileira, mas sim que permeia diferentes indivíduos de todo o Brasil e até mesmo pessoas estrangeiras.

Abaixo, apresento um pouco sobre cada uma das pessoas que gentilmente cederam seu tempo e sua presença para contribuir na consolidação desse trabalho. Ainda nesta seção, busco evidenciar as principais motivações ou acontecimentos que fizeram essas pessoas quererem e permanecerem vivendo no modo de vida comunitária, além dos indícios de um habitar que permeiam suas falas. Os nomes utilizados, tanto das informantes quanto das comunidades, são codinomes e foram escolhidos pela autora, a fim de assegurar o sigilo da identificação das pessoas entrevistadas e das ecovilas.

LÍRIO – JARDIM DE TRANSIÇÃO

Lírio tem 30 anos, nasceu e viveu boa parte de sua vida em São Paulo e teve, segundo suas próprias palavras, “uma vida muito comum para esse sistema corporativo que a gente conhece”. Estava seguindo na direção de estudar, fazer faculdade, trabalhar, casar e ter filhos, até que foi percebendo que esse caminho já não estava mais fazendo sentido e, então, ainda bem jovem, dos 23 aos 26 anos, estruturou a sua saída do mundo corporativo: “[...] algumas coisas foram acontecendo, eu fui tendo algumas percepções de que o caminho que eu tava seguindo não fazia mais sentido para mim”.

Lírio teve conhecimento de alguns movimentos que aconteciam em mundos paralelos ao que estava habituado na cidade, como as comunidades intencionais, permacultura, ecovilas e agroecologia: “[...] na cidade, a gente fica muito alienado ao que está acontecendo e a outras alternativas de viver e conviver, então eu comecei a me deparar com essas outras alternativas”. Após sair do mundo corporativo, fez uma viagem pela América do Sul e pelo sul do Brasil, na qual planejou que 90% da viagem fosse realizada na base de trocas por meio de trabalho voluntário em projetos permaculturais, comunidades, ecovilas e projetos familiares menores. A viagem durou, aproximadamente, um ano e sete meses.

Ao retornar para São Paulo, Lírio encontrou sua companheira e, então, começaram a buscar por um terreno, procuraram durante seis meses até que encontraram, e com a ajuda de

seu avô e seu tio, compraram um espaço que hoje é o Jardim de Transição. Lírio considera o lugar “um livre espaço de transformação”:

[...] ele não tem a intenção de ser uma comunidade, não tem a intenção de ser uma ecovila, essas duas coisas acabam sendo uma consequência de as pessoas virem, vivenciarem o espaço e terem a mesma intenção e se identificarem com o propósito do espaço.

[...] A gente procura não usar esses termos muito, pela confusão que as pessoas ainda fazem, acaba criando um estereótipo. A gente passa por vários estereótipos, do hippie, do Movimento Sem Terra, tem um monte né [...].

Desde o primeiro contato, Lírio teve o cuidado de deixar claro esse propósito maior do espaço, de ser um lugar de transformação de pessoas que pode se concretizar por meio da permacultura, da bioconstrução, da agrofloresta, das vivências, dos voluntariados e da educação. E que, apesar de estarem em poucos moradores no momento em que a entrevista foi realizada, o projeto tem uma base de comunidade intencional, pois só ficam as pessoas que realmente se identificam com o propósito do espaço.

Ao ser questionado sobre as principais motivações e acontecimentos que o fizeram querer outro estilo de vida, Lírio pontuou dois processos pelos quais passou, o processo racional e o não racional:

O processo não racional é esse que a gente já falou um pouquinho do chamado, uma coisa que começa lá dentro, você começa a sentir um incômodo e esse incômodo faz você olhar no seu entorno e aí começar o processo racional, pelo menos para mim foi assim. No processo racional eu comecei a perceber isso da alimentação, perceber que eu trabalhava muito mais por uma coisa que eu não via sentido, que não se encaixava para mim no que eu gostaria, e aquilo nem me motivava [...].

[...] a minha alimentação não era a que eu queria, qualidade de vida tava atribuída a morar perto do trabalho e ter uma academia perto de casa, isso se resumia a qualidade de vida.

Então, depois desses processos, da sua viagem e de alguns questionamentos: “‘Como assim, as pessoas plantam a sua própria comida?’ ‘Como assim, a comida que a gente come tem veneno?’ ‘Como assim, a gente mora num condomínio e não conhece nosso vizinho e tem gente que vive num espaço no meio da natureza [...]?’”. Em 2018, Lírio começou a viver no Jardim de Transição e, desde então, muitas pessoas já se transformaram ao passarem por lá.

AURORA – SITIOM

Aurora é mulher, mãe, nasceu e cresceu em São Paulo, formou-se em jornalismo, tem 36 anos e há oito mora no SitiOm, onde, geralmente, atua na área da cozinha. Trabalhou como

assessora de imprensa durante cinco anos, mas logo percebeu que o ritmo de trabalho no universo do jornalismo era muito acelerado e que aquilo estava lhe fazendo mal e influenciando na sua qualidade de vida. Então, resolveu pedir demissão e foi trabalhar em um Centro Cultural que tinha um restaurante vegano.

O universo do jornalismo é muito legal, eu acho que tem muita coisa boa, mas, também, é um universo muito do tempo rápido, as coisas têm que ser muito para ontem, você tem que estar sempre muito ligada, tem que tá ligada o tempo todo em mídias sociais, é muito computador, muito tempo sentada. Então eu decidi que isso eu não queria mais, não queria mais esse estilo de vida [...] uma qualidade de vida muito ruim né, me alimentando mal, sem tempo, sempre meio estressada. Assim, não digo sempre estressada, mas, sempre muito agitada, precisando tá sempre fazendo alguma coisa e não sei o quê. E eu via que isso tava me fazendo mal, então eu resolvi sair disso.

Paralelo a sua vida na cidade, Aurora sempre frequentou o sítio que pertence a sua família há várias gerações, mais precisamente há 230 anos. Contudo, nos últimos anos, mais ninguém da família estava indo para o sítio além de Aurora, que ia de vez em quando. Apesar disso, Aurora sempre teve uma forte conexão com ele, sonhava muito que estava lá: “E aí eu acordava e ficava com essa imagem do sítio aqui sem ninguém, meio que essa coisa da casa abandonada, fechada, e eu falava ‘Gente, preciso fazer alguma coisa’”.

Com a possibilidade de trabalhar no Centro Cultural de forma mais espaçada, Aurora começou a frequentar mais o sítio, até que se viu passando a maior parte do seu tempo lá. E, então, no final de 2012, decidiu se mudar de vez para o sítio. “Eu sempre busquei sair da cidade, mas, eu sempre tive esse olhar para cá também né, então eu sempre tive essa conexão com esse lugar de não deixar ele parado”.

Apesar de Aurora já saber um pouco sobre comunidades, a decisão de ir morar no sítio não teve, inicialmente, seus esforços direcionados nesse sentido, foi mais uma ajuda mútua entre ela e o sítio, pois ela estava sem vida na cidade e o sítio abandonado e, também, sem vida.

[...] não foi uma coisa que eu falei "Eu vou para o Sítio montar uma comunidade", eu vim para cá e deixei o Sítio me contar qual que era a história dele.

[...] chegando aqui as coisas foram acontecendo mais naturalmente mesmo, eu fui deixando as coisas acontecerem porque, eu também não tenho esse perfil rural né, cresci na cidade, sempre morei em cidade e tudo então, eu também tinha que me encontrar aqui dentro disso [...] eu tinha que entender como que a gente se encontrava aqui né, eu e o sítio. E aí aos poucos foi indo.

Ao ser questionada sobre qual momento ou acontecimento que contribuiu para ela perceber que não estava bem como vivia, a resposta de Aurora foi, no mínimo, curiosa: “Na verdade verdadeira, eu sempre soube [risos]”. Nesse sentido, Aurora trouxe pontos importantes

que estabeleceram um pano de fundo para o rumo que a sua vida tinha tomado e que contribuíram para que ela permanecesse nele durante algum tempo:

[...] eu já sabia disso, mas, ao mesmo tempo, eu tinha um lado da insegurança, do medo e da questão financeira porque, eu fui criada para ser bem sucedida, para estar nas empresas, carreira e tal. Então eu sempre tive isso "Ah, eu preciso ter o meu dinheiro, a minha independência, a minha casa, minhas coisas e tal". Então, isso sempre me prendeu nesse trabalho também, eu falava "Meu, tudo bem, esse é um trabalho que eu tenho que me esforçar e tal, mas, tudo bem, eu sei fazer, eu estou indo bem" e fiquei um pouco nessa zona de conforto aí, chegou uma hora que eu falei assim "Meu, eu não aguento..." [...] não teve um grande marco na minha vida que me mudou foi uma coisa que eu já sabia, só faltou coragem, faltava coragem.

Outra motivação de Aurora ao optar pelo estilo de vida ao qual tem hoje no SitiOm é a questão do cuidado com a terra, com as águas e da preocupação de deixar esse meio saudável para as próximas gerações: “[...] a gente tá garantindo que a floresta vai ficar em pé, a gente vai garantir que o solo é fértil, a gente vai garantir que tem água, esse é o objetivo”.

Quando Aurora decidiu ir para o sítio foi ela, seu ex-companheiro e dois amigos, porém sempre teve muitas outras pessoas frequentando a casa só que não como moradores, nas palavras de Aurora: “A gente sempre teve uma rede muito forte, tanto com esse pessoal do Centro Cultural quanto com outros amigos que começaram a fazer parte dessa família”. O primeiro ano foi uma experiência dessa vida coletiva. Durante esses oito anos de SitiOm, muitas pessoas passaram por lá, algumas permaneceram, outras saíram, outras retornaram. Aurora continua lá, desde sempre.

LIAM – COLETIVO FLORESTA

Liam é do nordeste do Brasil, tem 30 anos, formou-se em Comunicação Social, gosta de trabalhar com comunicação, linguagem e expressão, mas, atualmente, dedica-se “ao que eu chamo de transição planetária para modos de vidas comunitárias, sustentáveis, permaculturais, agroecológicos, autônomos, libertários, emancipadores etc.”. Nesse sentido, Liam colabora em várias redes que atuam por esse caminho.

Desde muito jovem, Liam articulou-se em vários movimentos sociais, projetos populares, Extensão Universitária e grupos de diversas áreas: ambiental, comunicação, direitos humanos, política. Aos 17 anos, começou a participar de uma Rede Nacional, onde atuou por oito anos, e lá teve a oportunidade de se conectar com pessoas do Brasil todo e, para Liam, a participação nessa Rede foi a sua primeira experiência com a ideia de comunidade:

[...] eu comecei a me relacionar com essa ideia de comunidade de pessoas, comunidade de rede na verdade né, para mim a Rede é uma comunidade expandida, transterritorial mas, quando você tá conectado em rede, rede no sentido mais orgânico do termo né, onde as pessoas realmente estão ali juntas, fazendo coisas juntas e se encontrando sempre [...] essa coisa de conviver com pessoas muito constantemente durante anos e tal, é uma coisa que fez parte né. Na adolescência, na época da escola, já comecei a participar de coletivos e grupos para fazer coisas, então assim, participar de grupos e coletivos já também é um tipo de experiência Comunitária, ainda que não seja *Stricto Sensu*, é um tipo de comunidade [risos] você faz parte de um coletivo, que você trabalha junto, e faz coisas juntas o tempo inteiro.

Suas primeiras experiências, na direção da vida comunitária de forma mais efetiva, aconteceram quando Liam saiu da casa de sua família, aos 22 anos, e foi morar em casas coletivas na cidade, termo que Liam se refere como Babilônia. Depois de alguns anos vivendo coletivamente no meio urbano, Liam se mudou para uma região periurbana, onde foi “tentar fazer uma comunidade lá”, porém acabou se frustrando: “[...] as pessoas não estavam realmente em condições, em vontade concreta de fazer essa transição e viver de forma comunitária de uma maneira mais plena né [...]”. Após o acontecimento, Liam voltou para a casa coletiva que morava anteriormente: “[...] esses últimos dois anos que eu passei na Babilônia já foi assim de declínio, digamos assim né, da minha intenção de estar na cidade, foi só mesmo para eu ir me desfazendo das minhas raízes [...]”.

Ao questionar sobre as motivações ou os acontecimentos que fizeram Liam querer viver e morar em uma comunidade, Liam revelou que sempre buscou por isso:

[...] na minha vida toda na verdade, eu sempre busquei viver de forma comunitária [...] eu fico brincando que acho que vem de várias vidas, eu não comecei agora nessa encarnação a fazer esse trabalho e fazer esse movimento, é algo que eu já trago, já nasci com esse propósito, desde a adolescência que eu já estudo e participo de movimentos e busco viver de formas comunitárias.

Em 2015, Liam participou pela primeira vez do Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (ENCA) e foi lá que ouviu falar pela primeira vez do Coletivo Floresta. Nesse momento de sua vida, dedicava-se mais à permacultura, então começou a articular em projetos que tinham essa finalidade, até que, em 2018, decidiu se mudar para o Coletivo Floresta. Liam queria morar no nordeste, então, tomou a decisão: “[...] ‘Poxa, de todas as comunidades que eu conheço e ouvi falar do nordeste, que eu queria muito morar no nordeste, o Coletivo Floresta era a mais antiga, a que parecia mais estável, mais tradicional e tal, a que parecia mais ser uma comunidade mesmo’ e aí por isso eu resolvi vir para cá né”.

Liam mostrou ter bastante conhecimento e um posicionamento estabelecido sobre o que acredita a respeito de comunidades intencionais:

O Coletivo Floresta, como eu gosto de dizer, é uma comunidade no sentido *Stricto Sensu* [risos] no sentido de que, tem muitos lugares que chamam comunidade, *Lato Sensu*, que se chamam né, que tem algumas intenções, mas que na prática, muitas vezes, não é tanto né. Tem muitos lugares que são condomínios na verdade né, cada um tem a sua casa, cada casa é totalmente autônoma, cada um faz as suas refeições, as pessoas só se encontram quando querem, não é uma coisa do cotidiano e a gente não, o nosso cotidiano é comunitário, a gente faz todas as refeições juntas numa cozinha comunitária, todo mundo participa de fazer as refeições [...] a gente realmente convive todo mundo junto a todos os dias, e tem muitos lugares que se chamam comunidade, ecovila, etcetera, que na verdade, não, cada um tem a sua casa, vive a sua vida, tem o seu trabalho e uma vez no mês as pessoas se reúnem, troca uma ideia etcetera. Então, esse universo das comunidades, das Ecovilas é um pouco complexo né, porque os termos são livres, cada um pode usar qualquer palavra para definir qualquer coisa e muitas vezes, elas não se atem realmente ao significado real oficial, objetivo daquele termo, e acaba desvirtuando [...].

No Coletivo Floresta, Liam tem consolidado a sua busca de viver de forma plena comunitariamente, desde 2019.

MAIA – MONTANHA ILUMINADA

“A Maia é uma pessoa que na época da juventude saiu a procurar respostas no mundo para uma sociedade que não há conformava e queria fugir desse sistema, dessa sociedade de consumo [...]” e assim começa o relato da argentina Maia que vive no Brasil há 31 anos. Maia é artista plástica de rua e ainda muito jovem, com 19 anos, queria vir para o Brasil: “[...] quando eu aprendi o meu primeiro artesanato eu me senti livre para viajar pelo mundo [...]” mas como ainda era muito jovem e “entre um medo e outro dos meus pais”, acabou indo para França, pois tinha família lá.

Aos 20 anos, já tinha claro o desejo de “morar fora da sociedade” e, segundo suas palavras: “teve a sorte de encontrar um companheiro que também quis fazer as mesmas aventuras”, e esse encontro com seu companheiro alemão aconteceu ainda com 20 anos, no sul da França. Devido ao desejo de ambos de morar no Brasil e outras circunstâncias pessoais, em pouco tempo, estavam em terras brasileiras “[...] com 22, já estávamos comprando o sítio e começando essa aventura de plantar e produzir alimentos, morando no campo, na montanha [...]”.

Maia e seu companheiro estão vivendo há mais tempo no Brasil do que fora dele e, apesar de suas raízes culturais diferentes, ambos se encantaram: “[...] a gente se encantou com

a cultura brasileira, e com as terras, e com a biodiversidade, com toda essa energia fantástica e foi isso, aí a gente ficou aqui [risos].”

Maia revelou que seu pai acabou lhe dando uma base para que tivesse um olhar para a ecologia, pois, apesar de, na época, ser um professor de física conservador, fez Maia perceber o quão grave era o problema do lixo produzido nas cidades: “[...] a questão da poluição no planeta, do excesso de lixo, a Guerra Fria com todas suas armas nucleares, toda essa perspectiva já nos anos 70 estava golpeando a sociedade, eu era uma criança [...] então, tudo isso já é uma coisa que existia na pauta né”.

Aliado a isso, o fato de Maia ser de uma geração que contestava as coisas, acabou sendo um campo propício para a sua veia revolucionária, então: “[...] todo esse caldo de cultivo que me levou a querer ser uma ecologista, não provocar mais problema para o aquecimento global, tudo isso né”.

Como Maia começou muito jovem na direção do modo de viver que vivência hoje, a sua história pessoal se funde com o desenvolvimento do que se tornou a Montanha Iluminada:

E a Maia é uma pessoa que se encontrou dentro de uma realidade que provocou sem saber o que tava provocando então, o que hoje é esse projeto da gente não é muito mais do que a revelação que a vida foi nos trazendo e a intenção que a gente teve de poder viver uma sociedade diferente, poder viver uma vida diferente, é feita a realidade porque, “n” coisas da vida, lugar magnífico, biodiversidade, amor profundo, essas coisas.

O que Maia e seu companheiro vêm desenvolvendo na Montanha Iluminada desde que chegaram ao Brasil tornou-se um projeto referência de uma forma mais harmônica de se viver junto ao meio ambiente. Contudo, ao receber o convite, Maia foi bastante cuidadosa em esclarecer, desde o primeiro contato, que o projeto começou com ela e seu companheiro como uma iniciativa particular e que durante mais de 20 anos foram apenas o casal.

A cerca de nove anos abriram o espaço para parcerias, de modo que a Montanha Iluminada começou a tomar um formato de ecovila e, desde então, passaram por várias propostas e desconstruções mas, no momento em que a entrevista foi feita, o espaço já não se configurava mais como ecovila²². Apesar disso, Maia e seu companheiro continuam abertos para parcerias, porém são apenas os dois que tomam as decisões. Atualmente, o espaço tem sido um lugar de incentivo para a vida sustentável, para que as pessoas possam se inspirar, iniciar seus projetos ou inserir práticas no seu dia a dia.

²² Tal informação chegou a pesquisadora no momento da entrevista.

Com todas as experiências vividas nesse caminho de se tornarem ecovila, Maia teve vários aprendizados e um deles foi a respeito do entendimento que as pessoas criaram em suas cabeças sobre o que é de fato ecovila e concluiu que há uma ilusão. Maia entende o termo ecovila como algo mais global, pelas suas palavras deu a entender que é quase um modo de agir perante a vida:

[...] é uma coisa bem mais complexa tudo isso porque as pessoas procuram realmente, uma redenção, as pessoas têm muita ilusão em cima da Ecovila. E na verdade o que eu tirei a limpo de todos esses anos é que não é um espaço, sério, ecológico – sim, é muito bom, mas –, na verdade, o que a gente tem que construir é a consciência de ecovila para que vire planetária né, se eu tô numa rua, se tô num prédio, eu tô numa ecovila, é um pouco isso.

Apesar de, atualmente, não se denominarem como Ecovila, o próprio entendimento de Maia sobre o que considera ecovila faz com que as práticas desempenhadas na Montanha Iluminada se configurem como um modo de viver ecovila. É por experiências, como a de Maia e seu companheiro, que as práticas consolidadas em um espaço ‘não considerado’ Ecovila integram este trabalho, pois nos atenta que ‘Ecovila’ transcende os significados atribuídos à palavra e nos leva a reconhecer a importância de práticas concretas em uma realidade que envolve pessoas que vivem integradas entre si e com o meio ambiente.

FLORA – VALE ENCANTADO

Flora é mineira, tem 26 anos, é doula e psicóloga de formação, e conheceu o Vale Encantado em 2015, com 21 anos, quando em viagem para o Uruguai, acabaria passando pelo sul do Brasil e sugeriu ao seu companheiro que fizessem uma parada em outro lugar antes do destino final. Seu companheiro propôs de conhecerem uma Ecovila e, então, Flora pesquisou uma localizada no sul do Brasil para ser parte do trajeto.

Apesar de Flora já ter escutado, em algum momento, a expressão comunidades sustentáveis, ela estava indo a passeio, e seu contato com a natureza era, até então, quase uma relação de turismo: “[...] eu sinto que a minha relação com a natureza era bem essa, era bem do exótico sabe, bem isso de: ‘Nossa, eu adoro a natureza, adoro ir na cachoeira’ mas, como um visitante, estar na natureza, se é que isso é possível, como um visitante”.

Os cinco dias de visita no Vale Encantado foi nas palavras de Flora: “[...] um divisor de águas na minha vida”, e ainda em viagem, quando estavam rumo ao Uruguai, sentiu uma sensação de crise de identidade. Apesar disso, Flora tinha sua vida na cidade, ainda fazia

faculdade e estava muito conectada com o que estava fazendo, naquele momento, ela estava vivendo isso. Contudo, aquela visita lhe possibilitou que vários questionamentos emergissem:

[...] abriu portas para questionar o shampoo que eu usava, a descarga que eu dava, onde eu botava meu lixo sabe, os produtos da prateleira do supermercado que eu comprasse, se eu ia na feira ou se eu ia no supermercado então, tudo assim, uma visão bem integral que se transformou.

Em 2017, Flora voltou para fazer um voluntariado já com um sentimento forte de um “chamado” e os moradores disseram para eles virem novamente no inverno. E Flora e o seu companheiro voltaram pela segunda vez, em 2017, para voluntariar no inverno. Logo após se formar, já no final de 2017, Flora e seu companheiro voltaram para o Vale Encantado para continuar o período de aproximação da comunidade, pois há todo um processo de integração para se tornar morador. Estava fluindo uma reciprocidade entre Flora e seu companheiro com a comunidade e, após 60 dias no Vale Encantado, eles voltaram a Minas para pegarem suas mudanças e voltaram já como moradores da comunidade.

[...] o meu processo com o meu companheiro foi bem isso, a gente sentiu muito forte esse chamado. [...]

[...] "Olha, a gente tá sentindo esse chamado, viemos voluntariar mas é isso, a gente quer morar aqui" e o pessoal tava: "Ai, calma. Faz o voluntariado. Vem para outro voluntariado, vamos sentindo". Mas foi isso, a gente só meio que foi reforçando, foi caindo assim muitas fichas, quebrando muitas ilusões esses tempos que a gente passou aqui, mas nenhum foi de duvidar dessa vontade. Tudo foi tipo, cai ficha de: "Tá né, real, tem um monte de desafio mas, é isso que a gente quer mesmo".

Para Flora, a graduação foi um momento que lhe proporcionou a autonomia de fazer questionamentos e buscas, de acreditar que o mundo diferente era possível. Contudo, tinha clareza de que, depois que se consolida algumas etapas na vida, como ter estabilidade em uma carreira profissional ou ter filhos, acaba se tornando mais difícil de tomar grandes decisões, em que, nas suas palavras seria: “[...] dar o passo da grande transformação [...]”. Então, o fato de se formar e sair da casa dos pais pela primeira vez para ir direto viver no Vale Encantado era seguir o caminho mais coerente na direção de algo que ela acreditava.

Apesar dos vários aspectos que envolvem a complexidade da vida em comunidade, teve um aspecto em especial que tocou Flora. Muito em decorrência da sua formação em psicologia, as relações sociais e forma como as pessoas interagem umas com as outras, assim como o fato de ter um momento na semana em que as pessoas sentam para se escutar, falar de si, foram pontos significativos para Flora:

[...] eu não era das ambientalistas, agricultura não fazia, é lindo né mas, não era algo que me tocava assim "Nossa, é isso que eu quero, já tenho horta e tudo..." não, não tinha nada disso [...] eu sinto que o quê mais saltou aos olhos para mim foram as relações sociais, a forma como as pessoas interagiam umas com as outras, as ferramentas sociais, o fato de existir a partilha [...] as interações interpessoais eu sinto que isso, para mim e para o meu companheiro, foi o que fisgou assim, o resto foi vindo [...].

Para Flora, as relações interpessoais dentro da ecovila foram uma das questões mais importantes e que a fez escolher querer viver em comunidade. Flora, desde 2018, está no Vale Encantado vivendo interações comunitárias e tendo experiências que só são possíveis por estar vivendo comunitariamente no Vale Encantado.

A VIDA EM COMUNIDADES INTENCIONAIS

De acordo com o relato das próprias pessoas-moradoras, observamos diversas possibilidades de como se concretizar a vida em comunidades intencionais, sendo assim as entrevistas possibilitaram um entendimento geral de aspectos inerentes ao modo de viver nas ecovilas. O grupo de ecovilas entrevistadas foi apenas uma parcela simbólica que não esgota ou limita as possibilidades de conformações de ecovilas existentes, mas sim mostra o quão diverso e amplo é o cenário das ecovilas brasileiras.

Buscou-se olhar para as informações obtidas sob uma perspectiva interpretativa e reflexiva sobre as comunidades entrevistadas. Foi por meio desse olhar que ficou evidente indícios de aspectos essenciais desse modo de vida.

Em posse das informações, partimos para duas fases: primeiro definir quantas e quais ecovilas participariam do estudo de campo; e segundo definir qual dimensão do habitar seria observada na experiência vivida, de acordo com o potencial demonstrado nas entrevistas. Com as entrevistas, dois aspectos se mostraram relevantes: a vida comunitária e as manifestações do habitar no espaço habitado. Desses critérios, o que foi observado em cada ecovila é exposto no quadro abaixo (Quadro 5).

Quadro 5 – Características das ecovilas quanto aos critérios estabelecidos

Ecovila/Localização mobilidade	Vida comunitária	Manifestações do habitar no espaço habitado
Vale encantado/RS SC > RS	Existência da vida comunitária: sim -Indivíduos envolvidas no coletivo: 18 adultos e duas crianças -Tomada de decisões: pelo coletivo	-Alterações feitas no espaço: Muitas – casas particulares construídas pelas pessoas, bangalô, centro de triagem, <i>yurts</i> e outras.

		-Preexistências do lugar: Algumas – o terreno já foi comprado com alguns chalés e outras benfeitorias.
Coletivo floresta/BA SC > BA	Existência da vida comunitária: sim -Indivíduos envolvidas no coletivo: em torno de oito pessoas -Tomada de decisões: pelo coletivo	-Alterações feitas no espaço: Muitas – algumas casas, cozinha, oficina, escritório, galinheiro e outras. -Preexistências do lugar: Algumas - o terreno já tinha algumas benfeitorias.
SitiOm/SP SC > SP	Existência da vida comunitária: sim -Indivíduos envolvidas no coletivo: em torno de nove adultos e cinco crianças -Tomada de decisões: pelo coletivo	-Alterações feitas no espaço: Algumas – banheiro ecológico, uma casa construída e uma reformada, instalações ao ar livre. -Preexistências do lugar: Muitas – um casarão, uma antiga capela e outras.
Montanha iluminada/RJ SC > RJ	Existência da vida comunitária: sim -Indivíduos envolvidas no coletivo: em torno de três pessoas permanentes -Tomada de decisões: pelo coletivo	-Alterações feitas no espaço: Muitas – há alguns chalés e espaços para atividades, e outras. -Preexistências do lugar: Poucas – o terreno foi comprado sem haver grandes benfeitorias.
Jardim de transição/SP SC > SP	Existência da vida comunitária: sim -Indivíduos envolvidas no coletivo: quatro adultos e uma criança -Tomada de decisões: pelo coletivo	-Alterações feitas no espaço: Algumas – há ambientes como a cozinha, yurt, chalé de hiperadobe e barracão para cultivo de cogumelo <i>shimeji</i> . -Preexistências do lugar: Poucas – o terreno foi comprado sem haver grandes benfeitorias.

Elaboração própria (2021)

De acordo com o quadro acima, observa-se como cada ecovila se enquadra em um contexto específico que a configura. Todas as comunidades apresentaram potencial para realização da pesquisa de campo, tendo enfoques diferentes de acordo com cada realidade, uma vez que a pesquisa se daria em um conjunto de particularidades de cada contexto, realidade, fase etc., que a tornariam única. Contudo, diante das variantes apresentadas no quadro anterior, a ordem de contato para convite de participação na pesquisa se deu conforme o Quadro 6.

Quadro 6 – Resultado da aplicação dos critérios de seleção para ida ao campo e ordem de contato das ecovilas²³

Ecovila	Vida comunitária	Manifestações do habitar no espaço habitado	Facilidade de mobilidade	Ordem de contato
Vale encantado	Alta	Alta	Fácil	Primeira
Coletivo floresta	Alta	Alta	Difícil	Segunda
SitiOm	Alta	Média	Média	Terceira
Montanha iluminada	Baixa	Alta	Média	Quarta

²³ Foi mantido o anonimato das ecovilas, a fim de garantir a privacidade da pessoa entrevistada da ecovila.

Jardim de transição	Média	Baixa	Média	Quinta
---------------------	-------	-------	-------	--------

Elaboração própria (2021)

De acordo com os relatos das pessoas-moradoras das ecovilas e os critérios de seleção estabelecidos para a realização da etapa de imersão no campo de pesquisa, o quadro acima se consolidou. Porém, antes de adentrar em mais explicações das informações, é preciso fazer algumas considerações.

Com a realização da pesquisa em um momento pandêmico, o estudo de campo acabou sendo adiado diversas vezes, uma vez que as próprias ecovilas tiveram que fechar suas portas devido à Crise Global de Saúde causada pelo coronavírus (Sars-CoV-2) causador da doença infecciosa covid-19. Na espera de um momento onde o contato social não oferecesse perigo para as pessoas, o estudo se postergou, mas, ainda assim, o quadro de insegurança permanecia. Diante do ‘novo normal’, as atividades foram sendo retomadas gradativamente, as ecovilas também reabriram suas portas, adaptadas à nova realidade, medidas de segurança foram estabelecidas, cada qual com o protocolo que considerava pertinente para manter a segurança da comunidade.

Com o adiamento da pesquisa de campo, algumas adaptações tiveram que ser feitas. Dessa forma, a pretensão inicial de experienciar a vida em comunidade de mais de uma ecovila, com a intenção de entender mais globalmente aspectos do habitar, no modo de viver em ecovilas, entendendo melhor suas semelhanças e particularidades, não foi possível. Logo, a pesquisa de campo se restringiu à experiência vivida de apenas uma ecovila.

Dito isso, explico agora como se deu a ordenação das ecovilas exposta no quadro anterior. De acordo com os critérios estabelecidos, duas comunidades empataram, mas seguindo o parâmetro de desempate, a primeira ecovila a ser contatada foi o Vale Encantado, uma vez que, por se localizar no Rio Grande do Sul, estava mais próxima geograficamente da pesquisadora que, naquele momento, residia em Florianópolis (SC). A ecovila retomou os contatos sociais em um novo formato, em que o programa de voluntariado se tornou uma vivência permacultural. A ecovila foi contatada para a vivência que haveria em julho de 2021, mas, por ser inverno, foi informado à pesquisadora que as atividades poderiam acontecer com maior frequência dentro das casas. Com receio de que as condições climáticas do inverno intenso pudessem influenciar o contato com a comunidade e a busca por evidências, a fim de seguir o cronograma estabelecido para a pesquisa, optou-se por recorrer a próxima ecovila elencada.

A segunda ecovila contatada foi o Coletivo Floresta, onde foi informado que a população da ecovila havia reduzido bastante devido à pandemia e que várias pessoas estavam em situações diferentes de isolamento e, por isso, o voluntariado não estava acontecendo. Logo, contatamos a terceira ecovila pela ordem de contato que, felizmente, já tinha voltado a receber voluntárias e que se mostrou disposta a receber a pesquisadora para o programa de voluntariado e, ao mesmo tempo, fazer parte da pesquisa.

Com o aceite da ecovila SitiOm para a etapa de imersão no campo, outros movimentos se fizeram necessários, como entender o protocolo para acesso à ecovila, uma vez que ainda estávamos vivendo um período pandêmico apesar da retomada gradual das atividades. E, também, arrumar a documentação necessária para aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética.

Quanto ao protocolo de entrada na ecovila, as orientações foram que a pesquisadora ao chegar na ecovila usasse máscara durante os três primeiros dias e mantivesse distanciamento social nos ambientes fechados da ecovila e, no quarto dia, fizesse um teste de detecção da covid-19, o que foi realizado conforme as orientações. A etapa da imersão no campo foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFSC, sob o número de parecer 5.001.626.

Tudo o que foi relatado, neste capítulo, retrata o percurso e os percalços trilhados pela pesquisadora rumo à experiência vivida na comunidade. Até aqui, a pesquisa aconteceu fora do campo, ou seja, da realidade vivida, a partir do capítulo seguinte, me dedico às observações feitas na/da experiência vivida na ecovila. A identidade de todas as moradoras será preservada por isso, as fotos que serão mostradas estarão isentas da presença humana, mesmo sabendo que é a existência de pessoas que tornam o espaço um lugar.

5 DA PRESENÇA VIVIDA À PRESENÇA REFLETIDA – TRANSUBSTÂNCIAS DA EXPERIÊNCIA SITIOM

Transubstanciar: transformar uma substância em outra. Um dos grandes aprendizados deste trabalho foi aprender a dar atenção devida ao valor das palavras. Cada uma tem um significado único, que diz muito. Desse modo, o cuidado na escolha de cada palavra se fez presente, a fim de transmitirmos o que almejávamos sem cair nas armadilhas da linguagem, o que não quer dizer que não tenhamos cometido equívocos, deixando de usar termos que transmitiriam melhor a nossa intenção. Logo, a escolha do termo transubstâncias reflete o desejo de transformar a experiência vivida em um texto vivido, ou seja, o agora mediado. No caso desta pesquisa, tento transmitir a experiência vivida na ecovila SitiOm nos parágrafos seguintes, mediada pelo que me atravessa e pelas minhas percepções pessoais, pelas palavras, pelas frases e pelos textos que se conformaram, pelas imagens e pelas formas de representar o vivido que, de alguma forma, me remete à ecovila.

O texto que aqui se apresenta é resultado da experiência vivida e das observações realizadas durante os 30 dias em que estive na Comunidade SitiOm, buscando os significados do habitar no espaço habitado, compartilhando momentos e vivendo experiências comunitárias. Apesar deste trabalho tratar sobre o habitar no/do espaço habitado da ecovila, ressalta-se que, invariavelmente, algumas revelações do habitar, no que tange à esfera humana, também poderão tangenciar as descrições efetuadas.

A comunidade intencional SitiOm localiza-se no estado de São Paulo, fora do perímetro urbano do município de Vargem Grande Paulista, onde era uma antiga fazenda denominada Sítio Maracananduva, na qual se cultivava café. Para muitos moradores de Vargem Grande Paulista, o sítio é popularmente conhecido como o sítio dos escravos, pois há, no terreno, uma espécie do que poderia vir a ser um túnel escavado na terra, que dizem ter sido feito por escravos. Para além do túnel, há outras reminiscências no espaço do antigo sítio, como o Casarão Colonial datado de 1790, o cruzeiro, as jabuticabeiras centenárias, a carvoaria e outras infraestruturas que serão tratadas a seguir.

Originalmente denominado Sítio Maracananduva, o nome SitiOm surgiu como resultado do processo de consolidação da comunidade. No início, o nome original foi utilizado, mas, devido à sua complexidade, ocorriam erros nos contatos via *e-mail*. O nome surgiu da seguinte forma: antes dos primeiros moradores irem morar no SitiOm, eles o chamavam por Sitião, pelo fato de ser grande. Com o tempo e o conhecimento de caminhos mais alternativos,

o Sítio se tornou SitiOm, que, por coincidência, é como se fosse a abreviação de Sítio Maracananduva, uma vez que o nome é palavra sítio acrescida da letra M.

Os primeiros membros da comunidade foram quatro pessoas, sendo elas: M α , que tinha uma ligação forte com o lugar, dado o fato que o terreno pertence a sua família e ela frequentava o lugar desde criança, o seu ex-companheiro e dois amigos, desses dois, um é o atual M β . Apesar de apenas essas quatro pessoas estarem morando no local, havia sempre outras pessoas frequentando o lugar. O primeiro ano foi de muita experimentação, em que buscaram entender melhor a vida coletiva não tendo uma rotina comunitária preestabelecida. A princípio, não havia a pretensão de se tornarem uma comunidade, mas as coisas foram acontecendo e em um fluxo natural de como as coisas teriam que ser, aconteceu o SitiOm.

A existência de um bom espaço físico já estabelecido não exigiu mudanças para que ali pudessem morar. O casarão colonial de 1790 abrigou os primeiros moradores e ali aconteciam as principais atividades, como dormir, comer e higienizar. Até hoje, o casarão é a sede dos principais espaços, das atividades e dos momentos coletivos na comunidade, e abriga as voluntárias e a grande maioria das moradoras.

O terreno em que a comunidade está situada é extenso possuindo, aproximadamente, 170 mil metros quadrados. E cada metro quadrado diz muito sobre como a comunidade habita essa terra. Apesar do foco principal do trabalho ser as manifestações construídas do habitar humano no espaço, o não fazer ou, como diria Heidegger, o “deixar as coisas em seu vigor de essência”, deixando-as serem (n)aquilo que são, também se constitui uma maneira de habitar, uma vez que isso também se configura como uma escolha.

Apesar da grande extensão do terreno, as instalações que oferecem apoio às atividades humanas estão concentradas na região onde se localizam as infraestruturas preexistentes do antigo Sítio. Essas edificações são utilizadas pela comunidade e outros edifícios de apoio estão localizados nas imediações. Dessa forma, o estudo foca, principalmente, nessa área que está apontada na Figura 10.

Tendo em vista o panorama de como a comunidade se organiza espacialmente, optou-se por apresentar os espaços observados de forma individual, como uma tentativa, não de fragmentar o todo, mas sim de esmiuçar como cada parte contribui na formação da totalidade da comunidade e suas atmosferas. Para isso, é preciso pormenorizar os detalhes para que as qualidades de cada elemento sejam honradas, sem perder de vista a sua inserção no todo. Transitar entre essas duas escalas – parte e todo – se mostrou essencial, uma vez que há a interdependência entre ambos.

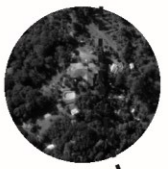
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO



CRUZEIRO



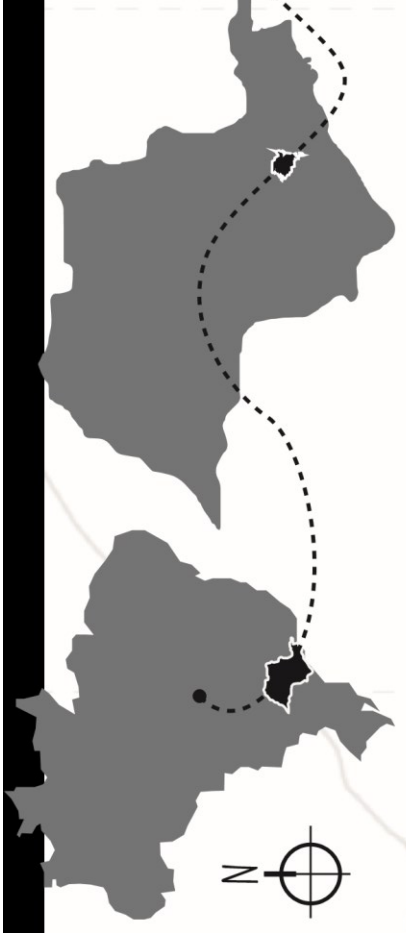
- CIRCUITO DAS PALMEIRAS
- MUNDO DO M3
- BOSQUE DAS JABUTICABEIRAS
- BANHEIRO ECOLÓGICO
- VERDINHO



Elaboração própria (2021).

alização

covila e espaços habitados



CARVOARIA

CASA M3

BOSQUE BRINCANTE

TOCA

CASA DE MÁQUINA

ESTUFA COGUMELOS

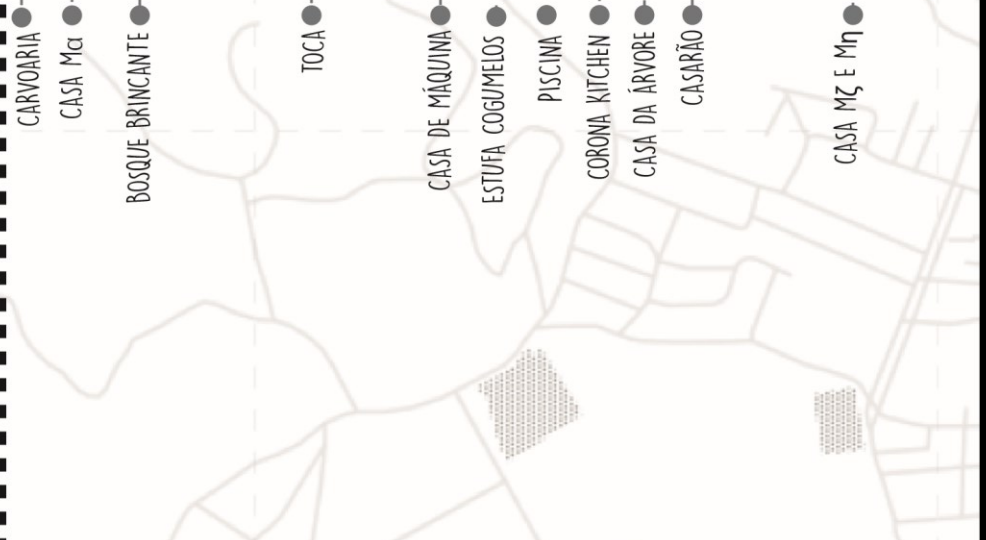
PISCINA

CORONA KITCHEN

CASA DA ÁRVORE

CASA RÃO

CASA M3 E M1





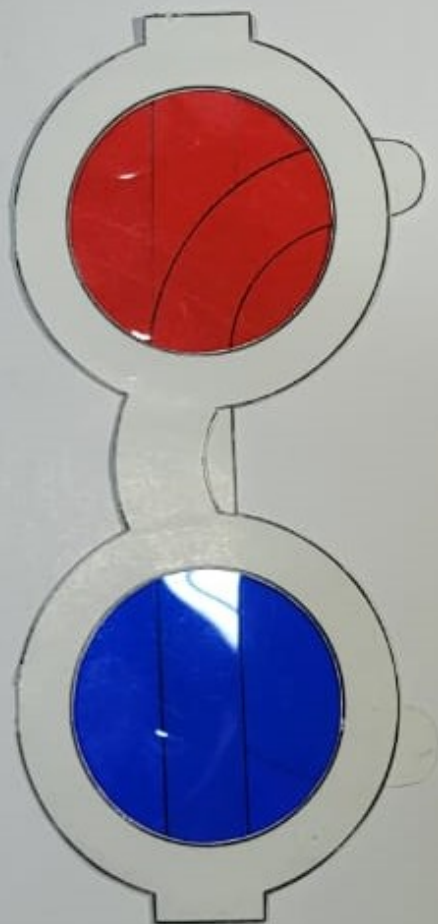
**TRANSUBSTÂNCIAS DA
EXPERIÊNCIA SITIOM**

Fonte: acervo próprio

Nesta seção do trabalho te convido a ver com as lentes que eu enxergo o mundo, em especial, o espaço habitado SitiOm.

Nas páginas seguintes haverá imagens identificadas como anáglifos que deverão ser visualizadas com o óculos anexo a esta folha.

Obs: a lente azul é para o olho direito e a lente vermelha para o olho esquerdo.



CIRCUITO DAS PALMEIRAS

O circuito das palmeiras é um conjunto de brinquedos que contempla *slacklines* a paredes de escalada. Talvez o circuito das palmeiras seja um dos brinquedos mais complexos de se explicar. O conjunto de brinquedos se insere no espaço como um elo entre edificação e natureza, uma vez que se apoia no casarão existente, assim como utiliza as palmeiras como pilares para sustentar alguns brinquedos. O circuito dispõe de tantas possibilidades para o brincar que oferece às crianças a oportunidade de utilizarem suas imaginações e decidirem como e em qual ordem querem brincar, criando, assim, um circuito personalizado para si, de acordo com suas capacidades e/ou seus desejos.

Os principais materiais utilizados no circuito são madeira e bambus, que já existiam na comunidade, e corda e mangueira, usada de hidrantes. Para os travamentos, foram realizadas amarrações, utilizando tubetes coloridos de cano de Policloreto de Vinila (PVC), e parafusos e porcas. O acabamento da estrutura foi feito com tinta e *spray*. Para além disso, seis palmeiras estão no circuito e, também, duas estruturas esguias e cilíndricas já existentes.

Pensado para os corpos de seres pequenos – crianças –, sempre há disponível algo a uma altura confortável ou desafiadora para se pisar, escalar e/ou dar impulso. O circuito é um convite ao uso do corpo, da força e do equilíbrio, da atenção, da busca por formas de se completar o percurso ou de se testar novas possibilidades, de se aventurar à independência ou reconhecer que algo ainda não pode ser executado e pedir ajuda, de se defrontar com o medo e/ou a insegurança, de se mostrar para os mais novos, mas também, de os encorajar. Também é um convite ao brincar desprezioso com outras crianças, entre risos, olhares e conversas, paradas ao devaneio e às observações. É um brinquedo que proporciona o estar junto em suas inúmeras possibilidades.

Uma parte do brinquedo foi acrescentada quando eu estava lá, que foi a inserção das fitas de *slacklines* no circuito. Parte da fita está localizada onde era o ninho de uma cobra coral que, por não saber se era uma cobra coral verdadeira – venenosa, ou uma cobra coral falsa – sem veneno –, ela foi retirada de seu ninho e colocada na mata distante do casarão, uma vez que o seu ninho ficava em um lugar onde as crianças brincavam. A inserção da fita de *slackline* nesse local respeitou o fenômeno ocorrido no lugar, já que a fita, no caso era uma mangueira de hidrante usada, foi pintada com tinta *spray* nas cores preta, vermelha e branca, com o padrão da pele da cobra coral trazendo à memória e honrando, dessa forma, o ocorrido que se transformou em história do lugar.

É possível fazer uma aventura nas alturas quando se sobe a alta escada levemente inclinada e esta convida a uma travessia até o outro lado, uma vez que a escada, que antes estava na vertical, está agora na horizontal, evidenciando que um objeto pode ter mais

funcionalidades do que a que estamos habitualmente acostumadas. Há um guarda-corpo de bambu que auxilia o seu usuário a ter maior estabilidade e chegar do outro lado, contudo olhar para baixo pode causar medo, devido à altura que se está do chão. Nesse momento, as crianças sempre escutam palavras de estímulo e de encorajamento das pessoas que as estão cuidando. Às vezes, é preciso pedi-las para prestarem atenção, quando do alto decidem observar o que acontece aos arredores. Ao chegar do outro lado, a um nível mais alto do que o que estava antes, a criança desce a escada que é das adjacências da casa, mas que, nesse momento, se torna brinquedo e desce um escorregador que ali está apoiado, chegando novamente nas outras possibilidades do circuito das palmeiras.



Figura 11. Circuito das Palmeiras. (Anág

A CASA DA ÁRVORE

A casa da árvore se eleva do chão sobre quatro pilotis de madeira que se apoiam em pedras, que estão diretamente sobre o solo, e dois destes estão ao nível do piso da varanda de entrada do casarão e os outros dois em nível inferior. As vedações seguem sendo de madeira, assim como o madeiramento da cobertura. A entrada acontece por meio de uma escada apoiada no tronco da árvore que se bifurca em dois troncos, que configuram o portal de entrada à casinha. Chega-se em uma pequena sacada em balanço protegida por um guarda-corpo de bambu. A escala da casa é pensada para seu principal habitante: as crianças. O espaço é único e não há uma simetria rígida em seu partido, uma vez que as paredes não formam ângulos retos e algumas são até inclinadas para acompanhar o limiar da cobertura. O piso, na parte central do ambiente, é de madeira e nas duas laterais de aço que, aparentemente, eram portões que foram reaproveitados. No interior, as madeiras que vedam o ambiente são majoritariamente verdes, um verde sutil e ameno que dá uma atmosfera agradável ao lugar. Todas as paredes possuem janela, exceto aquela da porta de entrada, por isso o ambiente está sempre bem iluminado. A cobertura é um telhado metálico único com baixa inclinação sustentado por caibros e terças de madeira. Por cima do telhado, a natureza emerge fazendo nascer um teto vivo de vegetação, que, em alguns pontos, pendem. A natureza também parece querer brincar na casa da árvore, na medida em que um cipó sobe pelo piloti da casa fazendo parte dela. No interior, a cobertura metálica é aparente, onde lua e estrelas foram desenhadas lembrando que estamos sob o céu e seus elementos mais belos. Na parte externa da casa da árvore, tem instalada uma tabela de basquete infantil que me diz que a casa quer alguém para brincar.

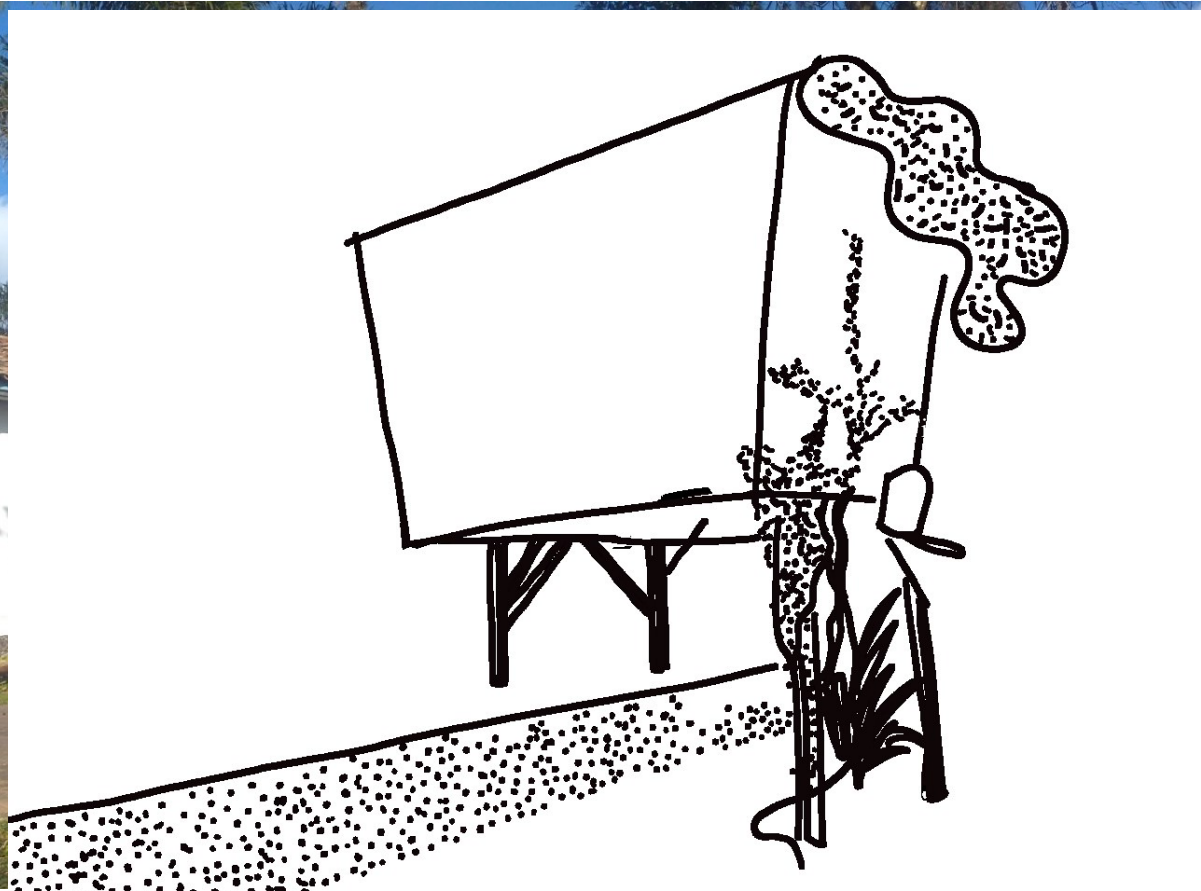




Figura 13 – Teia da uva negra

O bosque é um verdadeiro universo para crianças e sua proposta vai ao encontro do brincar livre na natureza. Não há edificações para o brincar, a própria mata abriga, conduz e compõe as brincadeiras, sendo a natureza a própria ‘estrutura’ que sustenta o brincar. Galhos fortes possibilitam a existência de balanços, de tecidos, de barras e de tramas, enquanto troncos resistentes funcionam como pilares para *slacklines*. As copas das árvores sombreiam parte do bosque e os raios solares penetram por entre as copas, trazendo uma chuva de luz cristalina sobre os que ali estão.

Os brinquedos do bosque são feitos com materiais simples, como cordas, mangueiras usadas de hidrante, bambus, madeira e tecido. As ligações, as amarrações e os travamentos são efetuados por nós e entrelaçamentos que revelam a expertise humana. Para além disso, a cor se revela no espaço em aspectos sutis, como fitas e bandeirinhas coloridas nos galhos das árvores, tubetes coloridos de cano PVC revestem as cordas e pinturas de tinta *spray* alegam as fitas das *slacklines*.

Basicamente seis antigas árvores abrigam os brinquedos do bosque. A primeira é uma grande jabuticabeira que abriga o tão querido brinquedo Teia da Uva Negra, alguns balanços e também é um ponto de fixação da fita de uma *slackline*. A segunda é uma mangueira que tem sob a bifurcação de seus galhos uma trama em que se pode deitar, em outros galhos, um tecido acrobático, uma barra e um balanço. A terceira árvore, devido ao seu próprio formato, possibilitou a existência de uma grande trama entre seus galhos e um balanço, essa árvore juntamente com mais três formam um circuito de *slackline*, que também acabam delimitando o espaço do bosque e da mata.

A Teia da Uva Negra com certeza é um dos brinquedos do bosque mais adorados pelas crianças. Hospedada por uma jabuticabeira centenária, a teia convida à descoberta e à aventura. Apesar da sua permeabilidade visual, é preciso atenção diante das diversas possibilidades para descobrir o melhor caminho. A teia acontece em vários níveis e o primeiro é relativamente baixo, fazendo com que até as crianças mais pequenas instintivamente queiram subir. Para crianças maiores e mais aventureiras, há outra forma de adentrar a Teia, por meio de uma escada do outro lado da jabuticabeira, mas, para alcançar a escada, é preciso subir primeiro no apoio da *slackline* para pegar altura para escada. A teia foi urdida por cordas, e nós sendo, em alguns pontos, revestida por tubetes coloridos de PVC, o que faz com que o apoio para o pé seja mais confortável. À medida que se sobe os níveis da teia a sua extensão e complexidade aumentam, uma vez que acompanham a abertura da copa da árvore. O último ‘andar’ da teia é protegido por um guarda corpo também de teia, onde uma grande cama-teia possibilita deitar e contemplar as folhas dançando com o vento, e as bandeirinhas e as fitas balançando em harmonia no azul do céu.



Figura 15 – Mangueira com instalação de brinquedo

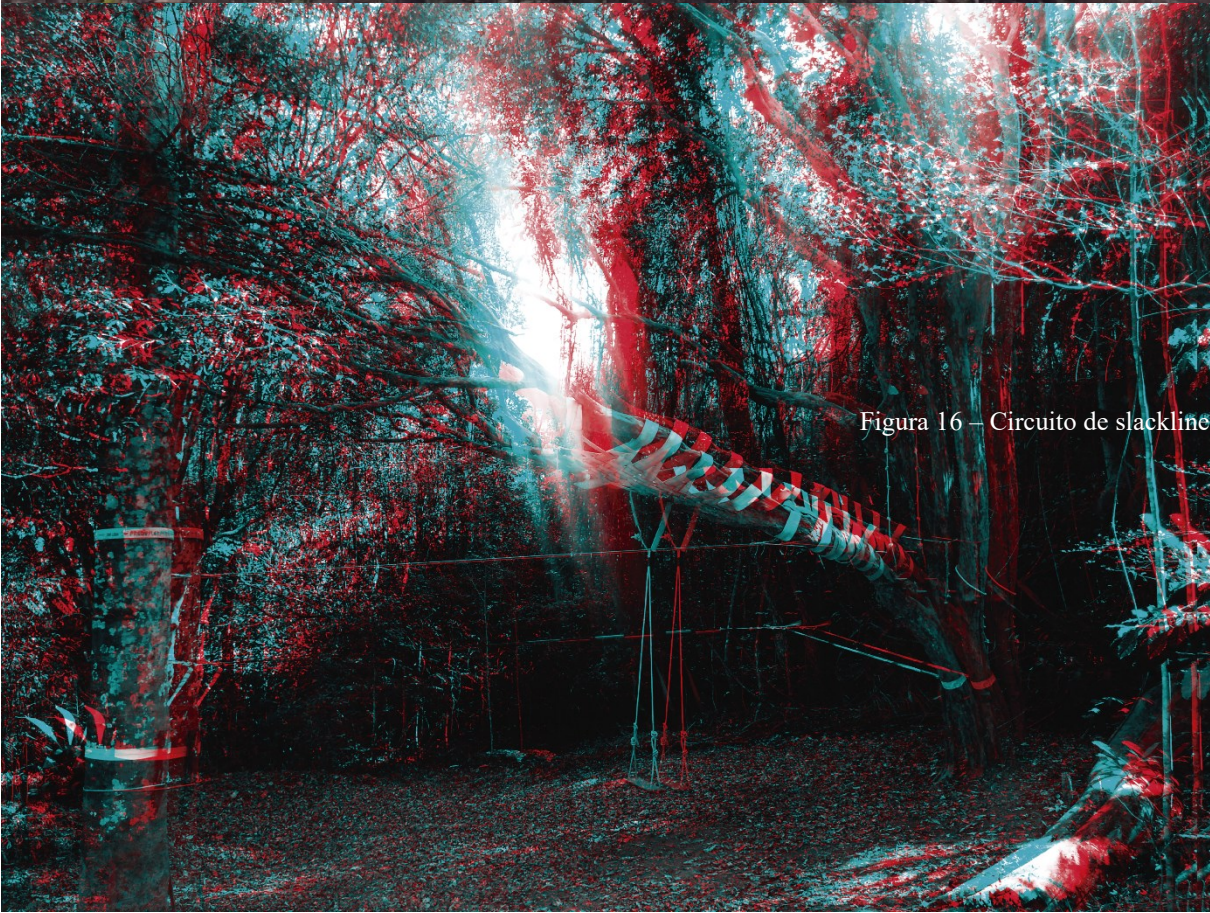


Figura 16 – Circuito de slackline

BANHEIRO ECOLÓGICO

O banheiro ecológico é um convite a ressignificar o valor atribuído as dejeções humanas comumente tratadas como rejeitos. No banheiro ecológico, elas se tornam um recurso, à medida em que se transformam em adubo e é assim inserida no meio ambiente, como parte que se integra ao ciclo natural deste. Nós, enquanto seres humanos que defecam, acabamos por nos integrar na natureza, através de nosso recurso, de forma positiva.

A edificação se insere no terreno próxima ao casarão principal (onde a maioria dos residentes moraram), na margem da estrada de acesso à uma das entradas secundárias da casa. Apesar da sua proximidade com a estrada, as fachadas que podem ser vistas pela estrada não contemplam a entrada do edifício, apenas o lado posterior sinaliza, por meio de uma placa de madeira em letras escritas cuidadosamente por uma mão humana, os dizeres: banheiro ecológico.

Com partido retangular, a edificação se ergue nesse volume elementar, sendo suavemente achatada na parte superior pela leve inclinação da cobertura de telha metálica, que avança o perímetro da edificação formando um beiral. A cobertura é sustentada por caibros de bambus, que se apoiam em vigas de madeira que descarregam o peso para os quatro pilares de eucalipto de apoio nas extremidades. O forro, localizado entre telha e caibros, é composto por tecidos finos em duas estampas florais de cores vibrantes, que emanam alegria e, ao mesmo tempo, reflete o zelo e o carinho que alguém teve pelo lugar, ao cuidadosamente propor um forro que contribui para a atmosfera do lugar.

A edificação parece emergir do chão como uma coisa que dali é/nasceu/sempre foi, uma vez que não há trajetos predefinidos que indicam uma rota específica para acesso ao banheiro, suas adjacências são gramas, plantas, árvores e mata. Dessa forma, o acesso pode acontecer por onde o usuário desejar ou lhe for mais conveniente, incitando sempre o desvendar de uma nova perspectiva, um novo olhar da paisagem e do caminho ao encontro de sua ida ao ambiente. Talvez, em algum momento, um determinado caminho seja marcado pela recorrência de um acesso comum, mas isso só o tempo revelará. O piso, feito de concreto e revestido com tinta de terra, está ligeiramente acima do nível do solo, contudo a transferência entre externo e interno é suavizada pela leve inclinação de 45° que o piso faz de encontro ao solo.

Apesar das várias possibilidades de acesso à edificação, a entrada é única e extensa. O convite para entrar é ousado, se comparado ao que nos é convencional, mas, ao mesmo tempo, traz uma sensação leve e fluida para a edificação, por meio da inesperada cortina de entrada que forma suaves ondas no tecido que balançam com o vento. A cortina, para além de propiciar a entrada ao banheiro, acaba sendo também a ‘vedação’ da fachada principal da

construção. O tecido, que é sustentado por um varão de bambu, é espesso e tem uma estampa floral colorida, em um fundo branco e não chega rente ao chão, o que possibilita notar se tem alguém usando o banheiro. A entrada se abre para mata e a localização da ‘bacia sanitária’ presenteia o seu usuário com a oportunidade de contemplar a natureza. Às vezes, de forma sutil, se vê pelas frestas entre as cortinas o verde da vegetação da mata, às vezes, de maneira mais intensa, os ventos esvoaçantes balançam a cortina e deixam a mata e os raios de sol invadir os olhos e o ambiente.

Com exceção da fachada principal, que é vedada com tecido, as outras três vedações do banheiro são paredes de bambu a pique barreadas com acabamento em terra. Contudo, esse barreamento acontece até uma determinada altura, que oferece privacidade aos usuários do banheiro, nesse ponto, o que antes eram vedações, se tornam janelas, uma vez que, sem a presença do barro, a trama de bambu fica a mostra e seus entremeios possibilitam que iluminação e ventilação entrem para dentro do ambiente. A estratégia promove ventilação e iluminação constantes no banheiro, contudo não oferece a experiência de “abrir” a janela. Todavia, é possível abrir todo o banheiro, com as cortinas abertas, a impressão que dá é que o ambiente é apenas mais um lugar da mata, onde se pode chegar, entrar, permanecer e retornar. A não existência de uma “parede” faz com que o lugar seja do terreno, de forma que esteja sempre aberto, não necessitando de portas e de janelas para tal.

O banheiro possui três peças sanitárias: a pia, a “bacia sanitária” e o bidê. O esgotamento sanitário do banheiro é efetuado por meio de uma alternativa ecológica, chamada banheiro seco. Esse sistema se difere do convencional por não misturar fezes e água limpa, mas sim por coletá-las e depositá-las, separadamente da urina, em um local onde possam descansar, de modo que aconteça o processo de decomposição natural das fezes por meio das próprias bactérias presentes nelas. Com o passar do tempo, elas se decompõem e se transformam em adubo para árvores frutíferas da comunidade. Para além de se gerar adubo, outro ponto positivo desse sistema consiste em não contaminar a água, que, por sua vez, é utilizada somente no bidê e na pia, e essas águas, denominadas águas cinzas são destinadas a um círculo de bananeiras integrando novamente ao seu ciclo natural na natureza.



Figura 17 – Vista posterior ge



Figura 18 – Vista frontal banheira e

Os ambientes e lugares expostos foram apresentados por uma ótica descritiva do espaço e das características que conformam o lugar. Porém, essa apreensão do lugar não é resultado estéril de uma observação passiva e estática da arquitetura, pelo contrário, essas percepções vieram das observações das experiências das pessoas nos lugares analisados e da própria experiência vivida da pesquisadora nos mesmos.

Apesar de não ter sido possível evidenciar as experiências das pessoas no uso dos espaços²⁴ são as experiências delas no lugar que validam a arquitetura e o espaço habitado. Nesse sentido, ressalta-se que a dinâmica das pessoas presentes na ecovila foi variável uma vez que, a ecovila recebe voluntárias e as próprias pessoas moradoras tem atividades ou questões a serem resolvidas fora da ecovila. Diante disso, foi feito um registro da dinâmica e do fluxo das pessoas na comunidade a fim de evidenciar essa mutabilidade das pessoas que compunham a ecovila no período em que a pesquisadora esteve lá.

Conforme mostra o esquema a seguir o fluxo de pessoas na ecovila variou ao longo dos dias. As pessoas moradoras de fato permaneceram a maior parte dos dias na ecovila tendo ausências esporádicas com exceção das pessoas moradoras que estavam em viagem. Já as pessoas voluntárias apresentaram maior dinâmica de entrada e saída na ecovila uma vez, o voluntariado tem um período preestabelecido, mas que poderia ser estendido. Outro fator evidenciado foi a presença de pessoas ex-moradoras que estavam passando um tempo na ecovila, mas não como moradoras, o que revela também um bom relacionamento do coletivo que outrora havia sido estabelecido.


O termo ‘espaço habitado’ utilizado neste trabalho não diz respeito a mera ação de uma pessoa ocupar/residir/morar em um lugar mas sim, ao espaço conformado e decorrente do conceito de habitar proposto por Heidegger. Ou seja, do espaço que se concretiza por escolhas e ações que materializam um modo específico do lugar. Desse modo, os ambientes analisados foram escolhidos por apresentarem características que demonstram a essência do modo como as pessoas moradoras da ecovila edificam seu mundo. O espaço habitado que este trabalho trata é o lugar arraigado da essência humana que o habita.


²⁴ O parecer do Comitê de Ética não permitiu que fosse registrado fotos, vídeos ou quaisquer outros registros que expusessem as pessoas da comunidade.


																																							Vσ		
																																									Vς
																																									VRρ
																																									EXMVπ
																																									EXMVο
																																									* Vξ (EU)
										*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	Vν	
																																									Vμ
	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	Vλ
	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	Vκ
																																									VRι
																																									VRθ
																																									Mη
																																									Mς
																																							*	*	Mε
																																									Mδ
																																									Mγ
																																									Mβ
																																									Mα
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31											


Registro do fluxo de permanência das pessoas-moradoras da comunidade no período em que esteve lá.


LEGENDA

 Pessoa presente na comunidade

 Pessoa ausente na comunidade

 Morador (a) presente na comunidade, mas em isolamento social

 Habitante que foi embora da comunidade

 Habitante ainda não presente na comunidade

No tempo em que estive na comunidade, houve algumas mudanças no *status* de alguns habitantes:

Mε foi embora da comunidade

VR0 passou de voluntário residente para morador

Vμ passou de voluntária para voluntária residente

M = Morador (a): pessoa gestora de algum projeto da comunidade e que, por isso, tem direito a um quarto individual no casarão coletivo.

VR = Voluntária (o) residente: pessoa que vai para a comunidade voluntariar em uma área específica, por um período de tempo mais longo do que no sistema de voluntariado normal.

V = Voluntária (o): pessoa que experiencia a vida em comunidade em seus diversos setores, sendo o período mínimo de permanência sugerido de um mês, para que a pessoa possa ter uma experiência mais completa.

EXMV = Ex-morador visitante: pessoa que, em algum momento, já foi moradora da comunidade, mas que, neste momento, não é, porém está passando algum tempo na comunidade.

Obs.: As crianças moradoras ou filhas de moradores não foram colocadas no quadro, uma vez que considerou-se que monitorar a ida ou a vinda das crianças para a casa dos pais poderia violar suas privacidades.

6 A ESSÊNCIA DO HABITAR NO ESPAÇO HABITADO SITIOM – DESVELANDO SIGNIFICADOS

Nesta seção do trabalho, apresentam-se significados que emergiram do/no espaço habitado da ecovila SitiOm. Os significados não resultaram de categorias de análise preestabelecidas, mas sim nos cruzamentos das qualidades dos ambientes experienciados e vividos. Pensar o que os significados dizem nos leva a desvelar aspectos sobre o modo como a ecovila enquanto coletivo habita. Os aspectos que foram recorrentes nos ambientes serão desenvolvidos durante a explanação que seguirá adiante. Apesar dos significados apresentados serem pensados na esfera do espaço habitado, eles se comunicam diretamente com outras esferas do habitar da ecovila. Segue abaixo cada um dos significados que foram consideráveis para o desvelamento do habitar no/do espaço habitado da ecovila SitiOm.

O FAZER COM AS PRÓPRIAS MÃOS

“Eu sou edificado e cuidado pelas mãos de quem me habita.”

Espaço habitado SitiOm

Fazer com as próprias mãos é deixar permanecer no lugar um pouco de si. ‘O fazer’ aqui mencionado diz respeito a toda ação que constitui e faz prover o espaço habitado, enquanto ‘as próprias mãos’ se referem às pessoas da ecovila como agentes transformadores do lugar. Os dois configuram uma doação ao espaço habitado, onde cada pessoa coloca um pouco de si, seja na forma de tempo, de energia ou de dom. Os aspectos e suas nuances percebidas que configuram o fazer com as próprias mãos serão tratadas nos parágrafos que se seguem, com intuito de tecer o conjunto de qualidades e de características do espaço habitado da Ecovila SitiOm.

O fazer com as próprias mãos dialoga e, em certo grau, retoma o lado mais natural e intuitivo do ser humano, que, na ausência de ferramentas, de máquinas e de tecnologias construtivas, era o próprio criador e artesão do seu espaço habitado e de apetrechos que facilitassem a sua sobrevivência. A necessidade era a força motriz que atuava por meio do uso da imaginação e da inteligência no desvelamento dos potenciais dos materiais disponíveis no sítio em que vivia. Dessa forma, pensa-se o fazer com as próprias mãos como resgate a um instinto que é natural e primário e, por isso, de nossa própria natureza humana, o que não quer dizer que esse fazer seja rudimentar e tampouco alheio ao tempo em que se vive. Todavia, é no sentir dos materiais, no exercício da imaginação e no aprender fazendo que as pessoas se tornam

criadoras e artífices de seu mundo, estabelecendo uma conexão do sujeito com a própria coisa em si, de forma direta, sem intermédios. Logo, essa dimensão do fazer que aqui se fala revela um habitar que reconecta o ser humano a seu potencial criador e gerador, além de conferir um certo grau de autonomia na construção de seu mundo.

A liberdade que o fazer com as próprias mãos proporciona não quer dizer que as decisões tomadas sejam arbitrárias, pelo contrário, elas são resultadas de reflexões coletivas em alinhamento com o propósito comunitário da ecovila, o que exige considerar aspectos, positivos e negativos, de uma escolha em detrimento de outra. Nesse sentido, o fato do coletivo estar orientado sob a luz de um propósito comum corrobora para o encontro de modos coerentes para se realizar o fazer no espaço habitado. Todavia, pensar a autonomia do fazer pode nos soar estranho e até causar certo espanto no primeiro momento, uma vez que nos é habitual a terceirização quase que completa dos espaços que habitamos, então, ‘Por que haveria de ser diferente?’. Sob a ótica da autonomia do fazer, o habitar da ecovila caracteriza-se pela busca da autossuficiência, não com intenção de negar a ajuda e os saberes de outros, mas sim como forma de assumir sua responsabilidade na construção de seu mundo, possibilitando o encontro genuíno com modos de manifestá-lo.

Pensar a autonomia do fazer nos induz a outros caminhos. Suas dimensões integram pontos importantes do fazer na construção do espaço habitado. Nesse sentido, ao pensar um fazer feito pelas próprias mãos de quem habita o lugar, é preciso considerar como esse fazer se torna acessível, enquanto técnica e praticabilidade, a todas as pessoas integrantes na ecovila; uma vez que todas e todos são agentes efetivos no feitio e na transformação do lugar. A participação integral de todas as pessoas faz com que o espaço habitado seja resultado de uma construção coletiva que edifica o mundo conforme decidiram habitar. Nesse aspecto, também se observa dons da ecovila que emergem na forma de aptidões que cada pessoa tem ou desenvolve na construção do lugar. Retomemos antes disso a questão de que no habitar da ecovila todos são considerados, independente de gênero ou de conhecimentos preliminares, todos fazem acontecer e é, nesse sentido, que avançamos no parágrafo seguinte, pensando a acessibilidade do fazer no habitar e como ele possibilita a todas e todos participação efetiva na construção do lugar.

Ao refletir um fazer acessível que propicie condições para todos edificar o espaço habitado de fato, observou-se que os materiais e as técnicas que compõem os ambientes estudados da ecovila têm qualidades e características praticáveis que não oferecem grandes riscos, nem impõem limitações consideráveis quanto a sua exequibilidade aos habitantes-

construtores. Muitos dos materiais utilizados nos ambientes observados são naturais como madeira, bambu, terra e elementos da própria natureza, todavia há também materiais que não advêm diretamente da natureza, como cordas, mangueiras de hidrantes, tintas, telhas metálicas e outros. O manuseio de materiais naturais oportuniza o contato entre natureza e essência humana, que também é natureza, esse encontro não oferece risco quanto à toxicidade da matéria constituinte, mas é preciso estar atenta a sua manipulação. Os materiais citados anteriormente produtos da invenção humana também não expressam riscos potenciais ao manuseio, o que oportuniza aos habitantes-construtores expandir os horizontes da imaginação para as formas possíveis de uso dos materiais. A materialidade do espaço habitado, no que diz respeito à matéria que o compõe, se constitui por materiais naturais e sintéticos, contudo ambos não oferecem riscos potenciais em sua manipulação.

Para além dos materiais que configuram a materialidade do lugar, nos atentemos agora para as técnicas utilizadas, para que os materiais se tornem elementos arquiteturais nos ambientes. O próprio fato de que tudo o que se incorpora no espaço habitado ser feito pelas mãos das pessoas-moradoras, faz com que o lugar enalteça a expertise humana, seja pelo pensar criativo envolvido, quanto pela habilidade manual revelada na relação entre material, habitante-artífice e propósito do ambiente/lugar. Quanto à técnica, observou-se a utilização de princípios da bioconstrução, sendo o mais notável o baixo impacto gerado pelo espaço habitado, tanto no que diz respeito a sua implantação quanto pelos materiais utilizados. As técnicas de bioconstrução são acessíveis a todos, uma vez que utiliza materiais naturais e procedimentos ‘artesanais’ de feitiço; o que não oferece grandes riscos se comparadas ao uso dos materiais convencionais produzidos pela indústria da construção civil. Vejamos, a seguir, como a bioconstrução constitui e configura o habitar do espaço habitado da ecovila.

De todos os ambientes observados, acredita-se que a bioconstrução é mais explícita e será melhor compreendida tendo como exemplo o banheiro ecológico, principalmente pela nitidez de seu processo cíclico no decorrer da sua vida útil. A principal característica inerente a esse ciclo fechado é a não geração de resíduos durante a sua vida útil e ao findar da necessidade de sua existência. Exemplifiquemos melhor: o banheiro é utilizado para fins de higiene pessoal, contudo, para a bioconstrução, não interessa somente a finalidade do ambiente, mas sim como ocorre todo o processo que o constitui, visando sempre a sua coexistência em harmonia ao meio. Desse modo, a bioconstrução pergunta: ‘Ok, mas para onde vão os resíduos humanos?’, responder que eles são levados por água limpa até uma rede de tratamento de esgoto não é, em muitos casos, vista pela bioconstrução como a melhor opção. Pois o que consideramos como

resíduos é tido pela bioconstrução como recursos, possuindo qualidades que possibilitam a sua inserção no ciclo de vida do ambiente. Dessa forma, os dejetos humanos sólidos se inserem no processo do banheiro ecológico, por meio da técnica do banheiro seco que o transformam em adubo, que fertilizam a terra, que geram alimento, que nos alimentam, e que viram recursos novamente.

No caso de nossos dejetos líquidos, mais conhecidos por xixi ou urina, estes são levados para um círculo de bananeiras, em que as águas cinzas são tratadas de forma natural pelas raízes das bananeiras, alimentando-as, fazendo com que gerem alimentos, que nos alimentam e que viram recursos novamente. As paredes de bambu a pique que edificam o banheiro ecológico se vierem algum dia a não serem mais necessárias, elas são reinseridas no meio ambiente sem qualquer impacto. De mesmo modo, as madeiras podem ser reutilizadas na construção de outro ambiente ou mobiliário, ou ainda serem recursos na produção de fogo para beneficiamento de alimentos, e suas cinzas se transformarem em fertilizante para enriquecimento do solo.

Em contramão ao que foi exposto, estão os materiais produzidos pelo ser humano que não se integram ao meio ambiente novamente, sendo esse o caso das telhas metálicas e das louças sanitárias; contudo, apesar de não se reinserirem no meio ambiente, poderiam ser reutilizadas, doadas ou terem seus usos ressignificados. Sob essa perspectiva, soma-se também o contrapiso de concreto que seria o elemento em que sua remoção geraria resíduos de difícil reaproveitamento, tendo potencial de vir a causar impacto ao meio caso haja necessidade de sua retirada do lugar.

Apesar de o banheiro ecológico não ser inteiramente reintegrável no meio ambiente, observa-se que houve cuidado no habitar que constituiu este como espaço habitado, uma vez que desvela um modo de viver integrado e de baixo impacto na natureza e no meio em que se insere. Assim como no banheiro ecológico, os outros ambientes e as instalações observadas também apresentam, tanto pelos materiais utilizados quanto pela forma que foi executada, a característica de se, porventura vierem a ser desinstalados, as suas remoções não gerariam danos consideráveis e impactos ao meio. Essa questão será melhor compreendida durante a explicação de outro significado complementar a esse que será tratado posteriormente.

Outro aspecto que qualifica o fazer com as próprias mãos o espaço habitado é seu caráter artesanal e intuitivo, e é nessa característica que o aprender fazendo se torna algo natural e espontâneo nos entremeios do feitio. A ecovila se torna um campo experimental, onde possibilidades são testadas em tempo e escala reais, admitindo a vida e o viver como condição

efêmera e, por isso, nada é rigidamente perfeito, permanente ou imutável. Percebo isso na atmosfera do espaço habitado, na busca por uma observação profunda do que o espaço me transmite, não por mera racionalização, mas pelo sentir na sensibilidade do meu corpo e da minha alma, no reconhecimento de meus aspectos humanos intrincados também nos ambientes. O aprender fazendo aqui exposto não foi um aspecto que me pareceu tão óbvio, afinal, a mim, foi incrível ver instalações e ambientes edificados por pessoas que não necessariamente tinham estudado formalmente para isso, o que, aos olhos de uma recém-formada e ainda agora depois de alguns anos, é de uma grandeza inestimável, pois percebi, na ecovila, um canteiro experimental vivo que se faz tão ausente em muitos cursos de arquitetura das universidades brasileiras.

O aprender fazendo transmuta aprendizado prático na coisa em si. A junção do aprender e do fazer pela primeira vez faz com que a pessoa feitora estabeleça prontamente uma relação com a coisa que se edifica durante o aprendizado, e, aqui, não me refiro ao apego, mas à conexão e ao reconhecimento de que existe um pouco de si no lugar. Penso que essa sensação também se estenda para a segunda, a terceira e as demais vezes que venha a ser praticada, vindo a se transformar em um sentimento de pertencimento ao lugar. Uma vez que o fazer estabelece uma sensação de pertencimento, este a propicia um manifestar mais íntimo, expresso em aspectos que demonstram nuances profundas da essência da pessoa e/ou do coletivo. Essa sensação humana se reverbera no espaço habitado por meio dos aspectos que personalizam os ambientes. Contudo, quando penso a personalização do espaço habitado de uso coletivo do SitiOm, a percebo prontamente como o próprio habitar coletivo da ecovila, uma vez que um modo de viver pensado e efetuado pelas mãos de quem habita já incrusta muito de si por meio das decisões e das escolhas.

Para além de aspectos coletivos partilhados, cada indivíduo carrega consigo particularidades em seu ser advindos do meio e da cultura experienciadas desde seu nascimento. Nesse sentido, as observações no espaço habitado revelam uma personalização do lugar de caráter coletivo e partilhado pela comunidade, o que é coerente, uma vez que foram observados, para este trabalho, apenas espaços de uso comum da ecovila. Consideremos ainda que a afinidade ao propósito coletivo é alinhada, em maior ou menor grau, com aspectos íntimos de cada pessoa que compõe a comunidade. Reconheço que este aspecto é digno de aprofundamento maior, a fim de entender onde as esferas do habitar e da personalização dos ambientes se tangenciam e/ou se distanciam, assim como as relações destes com os aspectos coletivos e individuais que identificam os ambientes, contudo isso não é melhor desenvolvido por extrapolar o escopo deste trabalho.

O fazer com as próprias mãos também diz respeito ao cuidado e à manutenção constante do lugar que habitamos, ou seja, ser autorresponsável pela gestão do espaço habitado e do que precisa ser feito para mantê-lo em ordem e em boas condições de uso. Este significado dialoga com a dimensão do proteger e do cultivar contida no sentido próprio do habitar exposto por Heidegger, explanado nas raízes teóricas-conceituais deste estudo, logo o cuidado inerente a este significado revela um habitar prático que perpetra a essência do habitar teórico. O cuidado e a manutenção do espaço habitado da ecovila acontecem de forma conjunta, principalmente quando a atividade não é promissora de ser efetuada sozinha, mas também ocorre de modo individual para o coletivo. Não há regras. Há o sentir, a disposição de se doar aos outros, ao lugar e ao propósito, mas fazer as coisas juntas, na maioria das vezes, é sempre mais prazeroso. O cuidar oportuniza uma relação íntima entre a pessoa cuidadora e o espaço habitado. Este significado tem a mim uma nuance interessante.

Na minha experiência e nas observações, percebi, na ocorrência do cuidado, um cuidar que deixa permanecer, um cuidado não higienista e ceifador, mas que admite o demorar-se da essência da/na coisa em si. Um cuidar que deixa os elementos constituintes mostrarem que também são vivos, que também padecem aos efeitos do tempo, um tempo que revela a resistência das coisas e a essência de sua matéria constituinte. Um cuidar que nos coloca em contato com a natureza, com nossos instintos, com a potência dos astros e seus efeitos em nós. Um cuidar que faz parar, observar, admirar e contemplar as coisas belas. Não se trata de um cuidar mecânico, mas um cuidar com medida, em que o apreço do cuidado é colocado onde é considerado essencial. O cuidar que aqui me refiro não diz respeito apenas ao cuidado observado, mas também ao cuidar praticado por mim durante a estadia na ecovila, as minhas percepções e o meu sentir no cuidado e na manutenção do espaço habitado, ou seja, do que agora está impregnado e refletido em mim em virtude do ato de cuidar praticado.

As qualidades, as nuances e os aspectos aqui apresentados constituem e configuram o que nomeei como o fazer com as próprias mãos. Dar nome as coisas não faz do rótulo dado a coisa em si, pois é na convergência das dimensões da coisa que esta existe em si própria. Dessa forma, os significados são nomeados na tentativa de condensar a complexidade que lhe é inerente, observada e desvelada na experiência no/do espaço habitado da Ecovila SitiOm. As qualidades e os aspectos tratados nesta seção perfazem o fazer com as próprias mãos e revelam os diferentes âmbitos que são tocados e que convergem no significado.

INTEGRAÇÃO COM A NATUREZA

“Eu me integro à natureza e ao meio que me abriga.”

Espaço habitado SitiOm

Integrar-se à natureza é fundir-se a ela. Este significado se revela no espaço habitado SitiOm de dois modos mais explícitos: por meio da implantação e/ou pelos materiais utilizados. No primeiro caso, observa-se como o construído se funde à natureza e ao meio, enquanto no segundo essa integração se dá pela similaridade dos materiais que compõem o espaço habitado e que também estão presentes na natureza do próprio meio e/ou do entorno próximo. Esses dois pontos foram considerados os mais determinantes na construção deste significado e serão aprofundados nos parágrafos que seguem.

O espaço habitado se integra à natureza fazendo com que esta não seja apenas mera integrante, mas sim parte fundamental da instalação ou da edificação. Os elementos naturais componentes transmutam seus papéis originais compartilhando-os com as necessidades do que se deseja construir. Dessa forma, o espaço habitado é pensado juntamente com os elementos da própria natureza e o espaço conformado por ela, um pensar intencional que reaproxima, por meio do espaço habitado integrado, para as pessoas à natureza. As copas das árvores se transmutam em cobertura que oferecem sombra protegendo contra a grande incidência solar; troncos de árvores e de palmeiras atuam como pilares sustentando estruturas e arranjos espaciais; galhos fortes são como vigas naturais que sustentam balanços e outros brinquedos. Dessa forma, a natureza se torna elemento arquitetural no espaço habitado sem deixar de ser aquilo que é uma integração harmônica que faz com que as pessoas que usam o lugar estejam também em contato com a natureza.

Já é sabido que estar em contato com a natureza traz muitos benefícios para a saúde e para o bem-estar humano. E, apesar da ecovila estar localizada em meio a uma abundante e exuberante mata, este é um aspecto importante a se destacar pois, ainda assim, o espaço habitado integrado à natureza do SitiOm chama/incentiva as pessoas a experienciarem o que aumenta o contato das pessoas com o meio ambiente. A natureza nos eleva tanto no sentido abstrato/subjetivo quanto prático, uma vez que, assim como o espaço habitado se integra à natureza, nós, seres humanos, também, pois, do mesmo modo, somos natureza, logo, o modo como o espaço habitado é edificado propicia um encontro de essências.

Quando penso como nós, seres humanos, experienciamos a natureza, e aqui me refiro a todos os elementos naturais que a compõe, percebo que isso se dá pelo modo que as pessoas desejam utilizar e experienciar o lugar. Nesse sentido, para alguns, a natureza pode parecer um campo desconhecido e assustador, para outros, uma oportunidade de aventuras e de surpresas.

As percepções individuais das pessoas já moldam uma certa tendência ao modo de como cada uma tende a experienciar o lugar. Dessa forma, quando as edificações ou as instalações estão integradas à natureza, elas acabam indicando um caminho para se vivenciar o espaço habitado, o que sugere uma certa segurança, uma vez que outra pessoa por ali passou. Desse modo, a integração que ocorre nos ambientes observados oferece condições de experienciar, de algumas formas, os lugares edificados e, ainda, experimentar um certo nível de aventura. Quando espaço habitado e natureza se fundem, na junção de seus próprios atributos em consonância com a expertise humana que edifica o espaço habitado, lugares incríveis são criados na mata. Ao mesmo tempo que as instalações oferecem aventuras, elas também acolhem e nos convidam a admirar o céu, a tocar nossa pele suada quando fazemos uma pausa, a contemplar ou simplesmente sentir corporalmente os efeitos da experiência no uso do lugar.

A integração com a natureza não se dá somente pelo incrustamento das instalações aos elementos naturais do meio ambiente, mas, também, pela forma como a edificação se funde a natureza devido à similaridade dos materiais que a compõe. O uso de terra, de bambu, de madeira configura um aspecto que constitui o significado da integração com a natureza, uma vez que a afinidade dos componentes de ambos, por serem equivalentes, se fundem na paisagem e no meio. Este aspecto do uso de materiais naturais já foi abordado no significado anterior, e aqui cumpre papel diferente, mas igualmente importante, enquanto no primeiro ele se destaca pela acessibilidade de seu manuseio e de sua biodegradabilidade, aqui ele se configura como componente estabilizante na harmonia do lugar e da paisagem.

Como exposto, o significado de integração com a natureza é observado no espaço habitado SitiOm em dois níveis, a natureza como próprio elemento integrante do lugar e a harmonia dos materiais das coisas edificadas com a paisagem e o lugar em que se insere. Quando eu digo integrar, está implícito nele um permanecer. Uma coisa se integra quando ela acresce ao já existente. Observo ainda que os elementos da natureza e a existência de seu caráter original permanecem e, ao mesmo tempo, transmutam na composição do espaço habitado. Natureza e lugares edificados se fundem, a primeira serve à segunda, à medida que estes se adaptam àquela, ambos se permeiam, se tocam, numa composição harmônica tornando-se um.

REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS

“Eu me constituo no/do reaproveitamento e resignificação de materiais.”

Espaço habitado SitiOm

Reaproveitar: aproveitar de novo. A mim, essa palavra remete a pensar inícios de novos ciclos. E, de certo modo, é isso que acontece no espaço habitado SitiOm, quando materiais já utilizados, e que seriam descartados por não servirem mais ao seu uso original ou por refugo, são vistos como elementos potenciais na criação e na transformação do lugar. Aqui me refiro aos materiais sem uso da própria ecovila e aos materiais rejeitados por terceiros. Nesse sentido, um dos aspectos do reaproveitamento de materiais é a valorização do já existente, o que permite ao material o prolongamento de sua vida útil e o retardamento de sua transformação em resíduo. Viver em uma sociedade do consumo e do descarte torna esse aspecto singular, pois, geralmente, as pessoas tendem a valorizar o novo, o que está na moda, o recém-lançado, o que está na revista. Em contrapartida, o já existente, apesar de muitas vezes estar em boas condições de uso, é tido como velho, feio, inadequado e obsoleto. O espaço habitado observado se constitui de vários elementos e de materiais que foram reaproveitados e que, em alguns casos, tiveram seus usos ressignificados, o que releva que, em algum momento, se enxergou beleza e/ou potencial naquilo que já estava dado ou que foi rejeitado por outros.

É, nesse sentido, que o reaproveitamento de materiais provoca o exercício da imaginação, que é induzido na convergência das necessidades do lugar e a descoberta das possibilidades extraordinárias e/ou inusitadas de um material em que, intermediados pela ação e fazer humano, transformam o lugar propiciando que atividades aconteçam. É no uso da imaginação que a finalidade dos materiais é ressignificada, na qual descobrimos que uma coisa pode se transformar em várias outras, às vezes até inusitadas, no emergir da criatividade de pensar como um material pode contribuir na construção de determinado ambiente e/ou instalação. Nesse sentido, penso que um material/elemento tem sua essência original transmutada de acordo com a maneira como aquele material é empregado no lugar, pois, apesar de ter sido criado com uma determinada finalidade, a criatividade humana em consonância com as necessidades das atividades que precisam ser realizadas concebe novos modos de uso e de propósito do material/elemento reaproveitado no lugar.

Para além dos aspectos já citados, reaproveitar algo já existente toca diretamente no âmbito econômico, uma vez que, se o material reaproveitado é da própria comunidade, não gerará custos e se o material, mobiliário ou elemento usado, é adquirido de segunda mão, o preço ainda assim é muito mais acessível do que se comprar um novo. Além disto, alguns materiais podem ser obtidos por meio de doações, principalmente quando o elemento não serve mais para sua finalidade original, como observado no caso das mangueiras de hidrantes usadas nas instalações existentes. A economia no insumo de materiais poupa recursos que poderão ser

empregados de outras maneiras e, olhando sob outra perspectiva, possibilita ainda que a construção do espaço habitado aconteça simplesmente na junção do material usado existente, tempo e disposição humana. Entretanto, ao contrário do que se poderia pensar, este aspecto não compromete negativamente a estética e a composição do lugar, os materiais reaproveitados, muitas vezes com seus usos ressignificados, associados à criatividade e à expertise humana, conferem ao lugar um caráter único e vestígios da identidade e dons de seus habitantes-construtores. Esse aspecto é de grande importância quando se pensa a edificação de lugares, pois, como observamos na prática profissional da arquitetura, notamos que este é um entrave inicial e, na maioria dos casos, o principal fator que dificulta/impede muitas pessoas de edificarem seus sonhos.

Outra questão importante quando se pensa o reaproveitamento de materiais é que isso, por si só, retarda o depósito de resíduos no meio ambiente, além de dar continuidade ao seu ciclo de vida, o que reforça o primeiro aspecto deste significado, além disso, não contribui diretamente na cadeia exploratória dos recursos naturais, uma vez que opta pelo já existente. Esses aspectos, assim como outros já citados, trazem dimensões que extrapolam o espaço habitado, mas que reforçam a congruência existente entre ações e escolhas para a construção do lugar e o impacto gerado por ela. Os aspectos aqui mencionados a mim foram desvelados nas esferas mais sutis da reflexão da experiência do/no espaço habitado. Eles foram reconhecidos por meio da reflexão sensível e não da mera visão/observação no/do lugar; quando penso o espaço habitado como parte integrante de um todo e como aquele se relaciona com este.

A continuidade de vida dos materiais reaproveitados é desvelada no espaço habitado na mudança de seu uso original, pelas marcas do tempo ou pela própria condição do material. Os aspectos que integram o significado do reaproveitamento de materiais são permeados por dimensões que extrapolam a concepção física do lugar, mas não teria como ser diferente, uma vez que pensar os significados que desvelam o habitar da ecovila é pensar o que o espaço diz. Pontua-se, ainda, como os aspectos do significado tratado começam a tangenciar aspectos de outros significados, o que corrobora e reforça a importância e o entrelaçamento de ambos na condição coerente do lugar.

O PERMANECIDO COMO ESPAÇO HABITADO

“Eu sou espaço habitado naquilo que sou.”

Espaço habitado SitiOm

Procurar o habitar no espaço habitado nos leva prontamente a pensar sobre transformações, mudanças e/ou acréscimos no lugar, contudo o habitar do espaço habitado SitiOm também se desvelou no deixar permanecer das coisas, deixar a história do que aquele lugar, outrora tinha sido, estar impregnada em si. Nesse sentido, penso o espaço habitado nessa dimensão do deixar estar, deixar permanecer. O habitar também se manifesta nessa dimensão quase sutil, da abdicação da interferência no lugar, o que me toca como um respeito e generosidade com aquilo que ele foi. O deixar estar propicia uma aproximação e uma integração, lenta e progressiva, quase um flerte entre o lugar e as pessoas que ali se instauram. Não existe uma imposição, mas sim uma familiarização, uma afeição mútua, um relacionar-se com o lugar, entendendo-o, compreendendo-o, dando tempo para que o envolvimento entre pessoa e lugar se transforme em intimidade, onde habitante e habitado se permeiem, falem a mesma língua. Essa aproximação gradativa parece estar envolta de um pedido implícito para que o lugar abrace o novo propósito que ali se lança, como se fosse necessário que o lugar também se dispusesse e aderisse as novas intenções e os propósitos do modo de viver que ali se inicia.

Esse não interferir imediato possibilita, ainda, a adesão ao lugar, tal como ele está, ou seja, torná-lo espaço habitado não por transformações e alterações no espaço, mas sim pela simples presença, contemplação, cuidado e uso no/do lugar. Nesse sentido, observo no habitar da ecovila a própria natureza como espaço habitado, o que se desvelou a mim de duas formas. A primeira se relaciona com a dimensão do cuidar inerente ao habitar, que se manifesta no espaço habitado por meio do cuidado da terra, dedicando e prezando pela fertilidade do solo. A terra fértil/cuidada permite a manifestação de sua essência em plenitude, onde a vegetação existente se impacta positivamente e o solo rico em nutrientes apresenta grande capacidade produtiva, que propicia o plantio e o cultivo de alimentos. Na ecovila, este cuidar da terra acontece por meio da Agrofloresta, um modo de uso e de manejo que regenera o solo, onde espécies são plantadas em sistemas de consórcio se beneficiando mutuamente. No Sistema Agroflorestal, não há uso de agrotóxicos, uma vez que é espelhado na dinâmica dos ecossistemas das florestas, em que a própria natureza, no findar de sua vida ou por manejo, se reintegra ao solo doando vida e fertilidade a este. O habitar intencional na natureza a torna espaço habitado, gera caminhos, áreas de plantio e áreas de estar na natureza, transforma a paisagem e o lugar. Na medida em que o zelo da terra acontece, deixando ela ser em sua essência, é possível estabelecer uma relação harmônica, em que o cuidado gerado propicia

condições para que o solo ofereça bons alimentos, evidenciando, dessa forma, um habitar coexistente entre meio e modo de viver humano.

Às vezes, é preciso tempo e um certo afastamento para entender algumas coisas e foi assim que a segunda dimensão da natureza como espaço habitado se desvelou para mim. Pensar a natureza e seus elementos como espaço habitado extrapolou o cuidar inerente ao habitar, e a dimensão que aqui exponho diz respeito ao ato de estar, de permanecer e de utilizar a natureza tal como ela se apresenta. Isso foi uma das últimas coisas que a mim ficou evidente, pois, a princípio, admitir esse aspecto era quase um contrassenso ao que eu ainda não tinha percebido; mas estava enraizado em mim, como o ideal de espaço habitado, e que eu não havia me desvinculado. Percebi, então, que a ideia da ‘necessidade’ de alguma transformação ou de adequação humana no meio para que este se tornasse então espaço habitado estava internalizada em mim e, no primeiro momento, ir contra isso me parecia quase um afronto, mas a realidade vivida não mente, ela é naquilo e simplesmente aquilo que é. Admitir isso foi permitir um estranhamento para as minhas próprias concepções, ao que, de algum modo, a mim, já era dado como certo, mas: ‘Quem disse que modificações e transformações humanas no espaço eram irremediavelmente necessárias para que ele se tornasse espaço habitado?’ Assim como os significados aqui nomeados, ‘espaço habitado’ é apenas um rótulo que compreende as qualidades do habitar no espaço físico da ecovila, logo a natureza e seus elementos também configuram como próprio espaço habitado.

Contudo, nada disso me ocorreu enquanto eu estava na ecovila, a escalar uma jabuticlaibe²⁵ ou quando eu estava aprendendo a subir em uma árvore de tronco esguio com a peconha²⁶. Foi em uma tarde quente de outono, quando eu estava na casa dos meus pais, no interior de Minas Gerais, a digitar os devaneios que emergiam de minhas lembranças, memória, mente e coração do que havia experienciado na ecovila. Meus pensamentos intermediados por minhas mãos digitavam sem muito filtro, o que já fazia parte do meu ser. Talvez o que me aconteceu é o que Van Manen (2014) chama de presença refletida ou agora mediado, reflexões e entendimentos que acontecem após a experiência. Retomando a dimensão da natureza como espaço habitado, destaca-se que ela não se caracteriza pelo estar arbitrário, por exemplo, uma jabuticabeira é escolhida para se escalar em detrimento de outra devido ao grau de dificuldade que ela impõe. A natureza não só oferece frutos, sombra, madeira, ela, como espaço habitado,

²⁵ Jabuticabeira centenária de grande porte que, devido à disposição e à resistência de seus galhos, oferece condições propícias para escalar.

²⁶ Consiste em uma peça feita de saco de ráfia, semelhante a uma cinta, que é entrelaçada aos pés para auxiliar na escalada de árvores que não possuem galhos, geralmente de troncos esguios e lisos.

oferece contato, aventura, descanso, paz, uma academia viva ao ar livre, ela te permite exercitar seu corpo e seu condicionamento, ela te desafia, ela te ensina. A natureza nos afeta quando reciprocamente nos deixamos afetar por ela, na simplicidade de sua existência, ela se torna espaço habitado, quando nós, seres humanos, estabelecemos qualquer relação com seus elementos.

O deixar permanecer, tanto da natureza quanto de outras preexistências do lugar, permite que este conte sua história, mostrada em si mesmo do que perdurou ao tempo. Honrar a história vivida anteriormente, como parte intrínseca ao lugar, é permiti-lo existir naquilo que foi, sem negação do passado, o que não significa uma reverência ao que aconteceu e o constituiu, mas sim o reconhecimento de suas marcas que incita a imaginação de possíveis ações, a partir de como ele está. Deixar o lugar contar a sua história é deixar-se apaixonar por ele e as evidências de sua trajetória, ou não, é compreendê-lo e cuidá-lo de acordo com o que ele foi e suas emergências do agora, é permiti-lo e ajudá-lo a se regenerar, é reconhecer como se constituiu enquanto lugar para outros e se faz sentido aquela predestinação para o modo de viver da ecovila. Esse aspecto associado ao anterior possibilita o desvelamento da vocação do lugar diante do novo propósito e habitar que ali se inicia. É no deixar permanecer das coisas que o lugar consegue contar a sua história e no entremeio desses dois está o tempo, decurso fundamental para que os novos habitantes humanos consigam assimilar os significados do lugar. É um habitar que respeita a história e a origem do lugar.

DOS SIGNIFICADOS QUE CONSTITUEM A ESSÊNCIA DO LUGAR

Os significados acima expostos emergiram do espaço habitado da ecovila em estudo, logo constituem a essência do lugar e desvelam características do habitar coletivo da comunidade. Apesar deste trabalho se deter ao habitar que configura o espaço habitado, observei que os significados apreendidos no/do espaço habitado muitas vezes se refletem em outras dimensões para além do espaço físico da ecovila, o que a mim se revela como uma coerência do modo de viver que se reverbera em todas as dimensões do habitar. Como já dito anteriormente, o que importa não são os significados enquanto nome, mas sim o que eles de fato dizem, significam e são. Quando penso nos significados do espaço habitado, percebo que todos são imbuídos de alguma ação que se dá de uma certa maneira, é este ‘como’ que qualifica o habitar, é o ‘como’ cada ação que o configura acontece. Este ‘como’ se constitui por diversas questões e escolhas, e é esse arranjo de decisões que configuram um habitar.

Os significados desvelados pelo espaço habitado nos revelam que este se configura como um feitiço artesanal qualificado, por meio das expertises e dos dons dos habitantes-construtores, revelando certa autonomia do fazer. Reflete coerência entre o/a propósito/intenção da ecovila e as escolhas que constituem o espaço habitado, seja na inserção integrativa ou na não interferência no lugar. O lugar desvela a sua paixão pela natureza, à medida em que está imbricado a ela ou permeando-a e, ainda, quando busca se assemelhar a ela, entoando e compondo com a paisagem e o meio. O espaço habitado convida ao uso, à experiência, ao toque e ao sentir. As suas texturas são vivas, e quando não o são, têm cores, têm história, têm ressignificação. Os lugares decorrentes do espaço habitado ressoam a melodia da natureza, são acariciados pela brisa do vento, são palco para o festejo de vagalumes e de danças das folhagens que esvoaçantes pairam suas sombras no espaço habitado, configurando estampas únicas e personalizadas, que só podem ser vividas e sentidas daquela forma, naquele momento. Os lugares se integram com a natureza, na qual se tornam um, essa união pede uso, permanência, risos, reflexões, cuidado, ou seja, a presença humana no lugar.

7 CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E SUGESTÕES FINAIS

Pensar o habitar não diz respeito ao seu estado intelectual e teórico, mas sim ao modo como o habitar acontece na realidade. Desse modo, a teoria e a abordagem fenomenológica ancoraram a tessitura deste trabalho. O que revelou o quão estamos afastados desse modo fenomenológico de nos defrontar com a vida, o quanto enxergamos a arquitetura enquanto espaço habitado sob uma perspectiva superficial. Experimentar um habitar é envolver-se em sua atmosfera em uma imersão completa e total do ser na própria coisa em si. Experimentar o habitar se mostrou irremediavelmente necessário para o estudo, pois, sem o ato de experimentar, as descobertas jamais seriam as mesmas.

Neste trabalho, em que filosofia e arquitetura se tangenciaram, ficou evidente um rico conhecimento interdisciplinar entre as duas disciplinas. Repensar o habitar e como ele ocorre se mostrou um campo emergente de estudo para o momento que vivemos, além de possibilitar interessantes reflexões sobre a contemporaneidade e a disciplina arquitetônica. Para além disso, entender o habitar na perspectiva do espaço habitado parece ser um bom caminho na direção de tecer um conhecimento mais completo dos aspectos que permeiam a arquitetura enquanto próprio habitar.

Este trabalho parte do princípio de que as coisas são entendidas pela via da experiência vivida. É desse entendimento que a necessidade de experienciar fenomenologicamente o modo de viver de uma ecovila emerge, não só como parte procedimental da pesquisa, mas também como propósito de evidenciar as características e os desafios dentro da investigação fenomenológica no campo da arquitetura. Como não se tratava da experiência como mera experiência, era preciso trazer o vivido para o campo das ideias, logo a descrição da experiência vivida no espaço habitado da ecovila se fez presente, não como exposição rasa da vivência, mas sim como uma transubstância do que foi vivido. Com a experiência no/do espaço habitado e a descrição dela foi possível identificar significados do espaço habitado da ecovila, marcado temporal e espacialmente pelo momento e pelas circunstâncias em que foi vivido, assim como pelas pessoas que compunham a ecovila na ocasião da vivência e, também, pela própria pesquisadora. Todo esse cenário foi configurado, a fim de tornar possível a compreensão de significados do habitar no espaço habitado da ecovila SitiOm. Esta seção do trabalho confronta as intenções iniciais da pesquisa e seu alcance real, apresentando as principais considerações, algumas sugestões e reflexões acerca do estudo desenvolvido.

Experienciar fenomenologicamente. A princípio, qualificar o verbo experienciar me incomodou, parecia redundante, uma vez que a mim era certo a inteireza do ser em qualquer experiência. Contudo, ao refletir um pouco mais profundamente, e até nas minhas próprias experiências, percebi que quase diariamente temos experiências superficiais que se assemelham mais a uma existência rasa no espaço-tempo. Era preciso de fato qualificar o tipo de experiência que se buscou neste trabalho, como uma lembrança que diz: “Não experiencie no modo automático, esteja presente, sinta, observe, interaja”. A busca por experienciar com o corpo e com a alma também trouxe seus assombros, em forma de questionamentos insistentes como: “Será que estou presente o suficiente?”, “Estou observando e dando atenção ao que de fato importa?”. O desvencilhar dessas vozes que me faziam retroceder acontecia pela própria sensação do corpo e pulsar da alma durante a experiência, o único sinal de que eu estava fazendo o que devia ser feito.

O experienciar fenomenológico se mostrou parte essencial para uma efetiva apreensão fenomenológica do espaço habitado da ecovila, pois as percepções advindas do estar no lugar não foram as mesmas que emergiram durante uma conversa prévia com uma moradora da ecovila, nem mesmo as fotos e os vídeos me fizeram aflorar o que eu senti na experiência do lugar. A experiência me revelou um espaço habitado para além do que eu poderia ter imaginado, ela me fez perceber que cada ecovila é única e que está diretamente relacionada às pessoas

habitantes e ao modo que elas decidem habitar o lugar, assim como as próprias condições inerentes ao sítio. A experiência me proporcionou estar presente nas conversas cotidianas e entender como seus habitantes pensam e o que levam em consideração na edificação do lugar, de que forma as intenções do modo de viver se materializam na comunidade enquanto espaço físico ou não. A vivência me fez perceber ainda implicâncias do espaço habitado para a comunidade e seu dia a dia.

A experiência na ecovila se demonstrou parte inegociável para a pesquisa em questão. Somente por meio dela foi possível entender aspectos do modo de viver cotidiano, dos desafios e das sutilezas diárias que constroem o habitar da ecovila. A experiência também me permitiu perceber a diferença entre a ecovila imaginada, entendida por meio de livros, de vídeos e de entrevistas, e a ecovila vivida – aquela da realidade, do tangível, do ser presente, das emoções, dos conflitos, dos sorrisos e das cantorias. São ecovilas diferentes. Quanto ao espaço habitado, antes da experiência, foi possível identificar características físicas e materiais do lugar, porém não consegui arquitetar na minha mente como era o lugar, por mais que eu tivesse descrições, fotos e vídeos. Com a experiência descobri que o que me faltava eram os cheiros do lugar, o farfalhar das folhas das palmeiras dançando com o vento, o burburinho de crianças alegrando as tardes, o calor do fogo da lareira nos reunindo e nos aquecendo nas noites frias, e tantas outras sensações que emergiam. Me faltava a atmosfera do lugar e todas as suas nuances, me faltava a energia e a aura que cada pessoa habitante compartilhava com o lugar. Tal aspecto me reforçou a essencialidade da experiência fenomenológica no processo de entendimento do espaço habitado.

Minha experiência vivida está ancorada em um lugar, atrelada a um conjunto de pessoas, marcada por um momento, um contexto e circunstâncias que a tornam única. Essa mutabilidade inerente à experiência me fez questionar, a princípio, seu cunho científico. Com o tempo, percebi que cada tipo de pesquisa tem sua validade, de diferentes formas cada uma contribui na evolução do conhecimento. Talvez aquela ecovila experienciada só exista agora na minha memória e daquelas que também a vivenciaram junto a mim, e, quem sabe, eu tenha conseguido transubstanciar um pouco dela aqui nessas páginas. A experiência tem dessas coisas, a ecovila é movimento assim como nós seres humanos.

A experiência fenomenológica também trouxe consigo desafios que envolveram desde aspectos de logística para ir até a ecovila, inserção e adaptação no meio ao ‘desvencilhamento’ da lente enviesada dos meus olhos. Com a experiência, foi possível perceber os significados da dimensão sutil do habitar, aquele que não está expresso em uma forma física em si, mas nas conversas despreziosas de café da manhã sobre planos futuros para o lugar e o impacto deste

na educação vivida das crianças. A experiência permitiu, por meio da escuta ativa, dos questionamentos sobre o lugar, e a própria experiência corpórea a junção de aspectos sutis que originaram significados. A experiência fenomenológica foi imprescindível na busca de significados do espaço habitado, configurando uma etapa essencial na consolidação de uma fenomenologia da arquitetura e mostrou grande potencial para a construção de uma efetiva arquitetura fenomenológica.

Descrever a experiência vivida no espaço habitado da ecovila também trouxe desafios. A descrição pode acontecer de forma escrita ou oral, para uma pesquisa científica, a primeira cabe melhor. Contudo, até que ponto a descrição teórica é suficiente para se fazer entender em um trabalho de arquitetura cuja disciplina é do campo da experiência? Essa foi uma inquietação que emergiu quando esta etapa do trabalho estava sendo desenvolvida. Sim, é fato que a escrita pode nos levar a lugares incríveis, contudo a imaginação de cada pessoa acaba criando o que “quer”. Em vista disso, e em busca de fazer entender a experiência vivida em questão, somou-se a descrição escrita à representação visual, como forma complementar do entendimento do espaço habitado. Ainda assim, eu me questionava: “Como aproximar as nuances da experiência que não seja por meio desta?” “Transsubstanciar uma experiência no sentido original da palavra é de fato possível?”. Diante tais questionamentos, a descrição desenvolvida neste trabalho buscou se aproximar ao máximo da experiência vivida pela pesquisadora por meio do relato escrito acrescido da representação visual do lugar.

A descrição se fez essencial para trazer a experiência vivida para o campo das ideias, a apreciação do que foi vivido diariamente foi reunido gerando um panorama, uma visão do todo que possibilitou observar onde as partes se assemelhavam e /ou se tangenciavam. Contudo, a descrição, neste trabalho, se mostrou não como mera compilação do vivido, mas evidenciou a escrita como um meio de fazer emergir a alma e não como mero fim de apresentação de um trabalho acadêmico, claro que esse entendimento não tornou o escrever algo simples, mas possibilitou experienciá-lo como um meio e não como um fim. O escrever enquanto meio fez emergir *insights* e percepções não notadas durante a experiência, desse modo a descrição constituiu uma etapa que revelou coisas não percebidas sobre o espaço habitado durante a vivência. A descrição teórica fez com que eu observasse tudo mais criteriosamente, fazendo com que um aspecto mais presente em um ambiente fosse lembrado de ser observado em outro, por mais que neste o grau de importância não fosse o mesmo. Enquanto a experiência pulsou para algumas coisas, a descrição me fez olhar para outras não tão evidenciáveis durante o vivido.

Descrever a um modo fenomenológico me aproximou da escrita poética, aquela que diz com o coração e aprecia com a alma. Aquela que visa tocar e fazer sentir no coração daquela que lê. A descrição buscou ser uma transubstância da experiência vivida em presença refletida. Descrever a experiência vivida no espaço habitado SitiOm se mostrou um ótimo meio de transubstanciar o vivido ou o mais próximo de se conseguir isso, visto que, na experiência, o que importa não é a esterilidade do cenário que a comporta, mas sim as sensações e os sentimentos emergidos graças a atmosfera do lugar. E, para transmiti-la, é preciso fazer a outra pessoa entender tudo o que a configura e os efeitos corpóreos e sinestésicos advindos dela.

O habitar marca o espaço e lhe dota de significado. Logo, os próprios significados do lugar são expressões do habitar. Os significados do espaço habitado desvelaram em si o habitar da ecovila. Os significados encontrados têm grande potencial de serem recorrentes em outras ecovilas, no entanto alguns aspectos que o compõem talvez se detenham exclusivamente à ecovila SitiOm, assim como outras ecovilas muito provavelmente têm aspectos unicamente ímpares da comunidade em questão. Isso revela a singularidade da existência de cada comunidade intencional e, por isso, generalizar os achados obtidos nesta pesquisa seria questionável, pois, para isso, a experiência em todas ecovilas se faria necessária.

Identificar os significados do espaço habitado só foi possível graças à experiência vivida e à descrição desta. Dos significados encontrados, alguns emergiram exclusivamente da experiência vivida, outros da descrição e outros, ainda, da junção dos dois. Os significados do espaço habitado é parte do lugar, está incrustado nele como parte inerente, mas não necessariamente como forma física e visível, às vezes se configura nos aspectos mais sutis do seu existir. Os significados do habitar evidenciaram como o espaço habitado de uma ecovila transcendem as dimensões físicas e/ou espaciais do lugar. Os significados emergiram da junção complexa de fatores que agregados os compuseram. Contudo, mais importante que apenas identificar significados, era compreendê-los em essência.

Compreender significados do habitar no espaço habitado de uma ecovila é se aproximar da essência da intenção da comunidade por meio da sua reverberação no espaço habitado, entender traços de como esse habitar se concretiza, quais aspectos e dimensões lhe moldam. É agregar coisas diferentes, mas que culminam na mesma finalidade, buscar entender profundamente cada aspecto e como ele se relaciona com o habitar.

REFERÊNCIAS

- ANDO, Tadao. Por novos horizontes na arquitetura. *In*: NESBIT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 10, p. 493-498.
- BEE BREEDERS. **History Of Communal Architecture**. Disponível em: <https://architecturecompetitions.com/history-of-communal-architecture/>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic Analysis. *In*: COOPER, H. (Editor). **APA Handbook of Research Methods in Psychology**. V. 2, 2012, p. 57-71.
- BULA, Natalia Nakadomari. **Arquitetura e fenomenologia**: qualidades sensíveis e o processo de projeto. 2015. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- CHRISTTIAN, Diana Leaf. **Creating a Life Together**: practical tools to grow ecovillages and intentional communities. Gabriola Island: New Society Publishers, 2003. 250 p.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. Tradução de: Sandra Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Dirceu da Silva.
- CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The "Anthropocene". *Global Change Newsletter*, [s. l], n. 41, p. 17-18, maio 2000. Disponível em: <http://www.igbp.net/download/18.316f18321323470177580001401/1376383088452/NL41.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.
- FOUNDATION for Intentional Community. **About FIC**. 2020. Disponível em: <https://www.ic.org/foundation-for-intentional-community/>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. *In*: NESBIT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 9, p. 474-481.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILMAN, Robert. **The Eco-village Challenge**: The challenge of developing a community living in balanced harmony - with itself as well as nature - is tough, but attainable. *In*: Context Institute. Publicado originalmente em *Living Together*, 29 (Summer 1991) p. 10. Disponível em: <https://www.context.org/iclib/ic29/gilman1/>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- GLOBAL Ecovillage Network. **About GEN**. 2020. Disponível em: <https://ecovillage.org/about/about-gen/>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- GLOBAL FOOTPRINT NETWORK (org.). **Nosso Passado e Nosso Futuro**. Disponível em: <https://www.footprintnetwork.org/about-us/our-history/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento humano). p. 125-141. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Título original: *Bauen Wohnen Denken* (1951).

HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e Conferências**. Traduções Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano).

HOLMGREN, David. **Permacultura: Princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Tradução Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens. 2013. Título em inglês: *Permaculture: Principles & Pathways Beyond Sustainability*.

JACKSON, H. **What is an Ecovillage?** 2016. Com base em um documento apresentado no Seminário Gaia Trust Education, Thy, Dinamarca em setembro de 1998, com atualizações. Disponível em: https://gaia.org/wp-content/uploads/2016/07/HJackson_whatIsEv.pdf. Acesso em: 11 mar. 2021.

LOPARIC, Zeljko. **Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LUBOCHINSKI, Lilian Avivia. Comunidades Intencionais. *In*: MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Raphael; VALLE, Isabel (org.). **Ecovilas Brasil: caminhando para a sustentabilidade do ser**. Rio de Janeiro: Bambual, 2017. p. 32-35.

MATTOS, Taísa. Ecovilas: Tecendo a Cultura Regenerativa. *In*: MAJEROWICZ, Ilana; TOGASHI, Raphael; VALLE, Isabel (org.). **Ecovilas Brasil: caminhando para a sustentabilidade do ser**. Rio de Janeiro: Bambual, 2017. p. 20-27.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Tópicos). p. 1-20.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco (CA): Jossey-Bass. 1998. Cap. 1, p. 3-25.

METCALF, B. Utopian Struggle: Preconceptions and Realities of Intentional Communities. **RCC Perspectives**, n. 8, p. 21-30, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/26240431>. Acesso em: 23 fev. 2021.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. *In*: NESBITT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 9, p. 443-461.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. *In*: NESBITT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 9, p. 481-489.

PALLASMAA, Juhani. Identidade, intimidade e domicílio: observações sobre a fenomenologia do lar. *In*: PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. p. 11-43.

PALLASMAA, Juhani. O espaço habitado: a experiência incorporada e o pensamento sensorial. *In*: PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. p. 57-86.

PALLASMAA, Juhani. O senso de cidade: a cidade percebida, recordada e imaginada. *In*: PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. p. 45-56.

PAPANEEK, Victor. Sentir a habitação. *In*: PAPANEEK, Victor. **Arquitetura e Design: ecologia e ética**. São Paulo: Edições 70, 1995. Cap. 4, p. 83-115.

PERISSÉ, Camille; LOSCHI, Marília. Mais perto da natureza. **Retratos: a revista do IBGE**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 14-21, jan. 2019. Mensal. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/9195164a0e8db3cba3dfe5c2178056f1.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

PEZATTI, E. G. A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores de substantivos abstratos. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 34, 1990/2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3837>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record, 2018. Tradução de: Clóvis Marques.

SHARR, Adam. **Heidegger for Architects**. New York: Routledge, 2007. (Thinkers for architects series).

STEIN, Edith. **O que é fenomenologia?** Tradução de Ursula Anne Matthias. Argumentos: Revista de Filosofia, ano 10, n. 20, p. 215-219, jul.-dez. 2018. Título original: Was ist phänomenologie? (1924) *In*: ESGA (Edith Stein Gesamtausgabe), v. 9, texto 5, p. 85-90. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/download/39802/95782/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods: a guidebook and resource**. 3. Ed. New York: John Wiley, 1997, Cap. 4 (p. 87-116).

Timeline of intentional communities. **Intentional Communities Desk**, 2021. Disponível em: <http://www.communia.org.il/index.php/en/component/content/article/Itemid=239>. Acesso em: 25 fev. 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983. Tradução de Livia de Oliveira.

VAN MANEN, Max. **Phenomenology of practice: meaning-giving methods in phenomenological research and writing**. Nova York: Routledge, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi - 2. ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – Estratégias de busca e buscas realizadas em algumas bases de dados

As buscas em bases de dados foram realizadas com o intuito de investigar, na literatura existente, o que já foi produzido a respeito da temática estudada. O critério utilizado para escolha das bases de dados foi o caráter do banco de dados, uma vez que trabalhos de arquitetura são encontrados majoritariamente em bases de caráter multidisciplinar, incluindo, também, bancos de teses e de dissertações, a nível nacional e mundial.

No quadro abaixo, estão expostos as bases consultadas, as características dos acervos dos bancos de dados e o tipo de acesso de cada base.

Quadro 7 – Base de dados selecionadas e resultados obtidos

Bases de dados	Características do acervo	Acesso
Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	Teses e dissertações do Brasil	Gratuito
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Teses e dissertações do Brasil	Gratuito
Networked digital library of theses and dissertations (NDLTD)	Teses e dissertações de abrangência mundial	Gratuito
Open Access Theses and Dissertations (OATD)	Teses e dissertações; abrangência mundial	Gratuito
ProQuest Dissertations & Theses Global (PQDT Global)	Teses e dissertações; abrangência mundial	Restrito
SciELO	Multidisciplinar; principalmente revistas latino-americanas, de Portugal e da Espanha	Gratuito
Scopus	Multidisciplinar; abrangência mundial	Restrito
Web of Science	Multidisciplinar; abrangência mundial	Restrito

Elaboração própria (2021)

Como mostrado no quadro acima, nem todas as bases de dados consultadas eram de acesso gratuito. As bases de dados de acesso restrito, ou seja, pago, foi acessado via Rede Privada Virtual (VPN) ou via Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), ambas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A busca foi executada com base nos dois principais assuntos que norteiam o trabalho: habitar e comunidade intencional, nos idiomas português, espanhol e inglês. Além de utilizar os termos citados, foram acrescentados seus plurais e palavras sinônimas aos assuntos, com o intuito de abranger a busca. No quadro abaixo, estão expostos os termos e as estratégias elaboradas para as buscas nas diferentes bases de dados.

Quadro 8 – Termos e fragmentos para busca nas bases de dados

Termos de busca		
Assunto: Habitar		
Português	Espanhol	Inglês
“Habitar” “Habitar heideggeriano” “Modo de viver” “Modo de ser-no-mundo”	“Residir” “Habitar heideggeriano” “Modo de vivir” “Manera de estar-en-el-mundo”	“Dwell” “Inhabit Heideggerian” “Way of living” “Way of being-in-the-world”
Fragmentos de busca do assunto Habitar		
<p><u>Português</u>: "Habitar" OR "Habitar Heideggeriano" OR "Modo de viver" OR "Modo de ser-no-mundo"</p> <p><u>Espanhol</u>: "Residir" OR "Modo de vivir" OR "Manera de estar-en-el-mundo")</p> <p><u>Inglês</u>: "Dwell" OR "Inhabit Heideggerian" OR "Heidegger" OR "Way of living" OR "Way of being-in-the-world"</p>		
Assunto: Comunidade intencional		
Português	Espanhol	Inglês
“Comunidade intencional” “Comunidades intencionais” “Comunidade autossustentável” “Comunidades autossustentáveis” “Comunidade alternativa” “Comunidades alternativas” “Assentamento humano sustentável” “Ecovila” “Ecovilas” “Eco-comunidade” “Eco-aldeia”	“Comunidad intencional” “Comunidades intencionales” “Comunidad autossuficiente” “Comunidades autosuficientes” “Comunidad alternativa” “Comunidades alternativas” “Asentamiento humano sostenible” “Ecoaldea” “Ecoaldeas” “Eco-comunidad” “Eco-pueblo”	“Intentional community” “Intentional communities” “Self-sustaining Community” “Self-sustaining communities” “Alternative community” “Alternative communities” “Sustainable human settlement” “Ecovillage” “Ecovillages” “Eco-community” “Eco-village”
Fragmentos de busca do assunto Comunidade intencional		
<p><u>Português</u>: "Comunidade intencional" OR "Comunidades intencionais" OR "Comunidade autossustentável" OR "Comunidades autossustentáveis" OR "Comunidade alternativa" OR "Comunidades alternativas" OR "Assentamento humano sustentável" OR "Ecovila" OR "Ecovilas" OR "Eco-comunidade"</p> <p><u>Espanhol</u>: "Eco-comunidades" OR "Eco-aldeia" OR "Eco-aldeias" OR "Comunidad intencional" OR "Comunidades intencionales" OR "Comunidad autossuficiente" OR "Comunidades autosuficientes" OR "Comunidad alternativa" OR "Asentamiento humano sostenible" OR "Ecoaldea" OR "Ecoaldeas" OR "Eco-comunidad" OR "Eco-pueblo"</p> <p><u>Inglês</u>: "Intentional community" OR "Intentional communities" OR "Self-sustaining Community" OR "Self-sustaining communities" OR "Alternative community" OR "Alternative communities" OR "Sustainable human settlement" OR "Ecovillage" OR "Ecovillages" OR "Eco-village" OR "Eco-community"</p>		

Elaboração própria (2021)

Com os fragmentos de busca dos dois assuntos prontos nos três idiomas, montou-se a estratégia de busca de acordo com as especificidades de busca de cada base de dados. As buscas foram realizadas no dia 4 de agosto de 2021, com exceção da OATD, pois, neste dia, o *site* da base estava dando erro, dessa forma, a busca nessa base foi realizada no dia 5 de agosto de 2021.

No quadro abaixo, estão descritas as estratégias utilizadas e a quantidade de documentos encontrados, além de algumas particularidades dos resultados obtidos.

Quadro 9 – Estratégias de busca utilizadas nas bases de dados

Estratégia de busca utilizada no Banco de Teses e Dissertações da Capes
("Habitar" OR "Habitar Heideggeriano" OR "Heidegger" OR "Modo de viver" OR "Modo de ser-no-mundo") AND ("Comunidade intencional" OR "Comunidades intencionais" OR "Comunidade autossustentável" OR "Comunidades autossustentáveis" OR "Comunidade alternativa" OR "Comunidades alternativas" OR "Assentamento humano sustentável" OR "Ecovila" OR "Ecovilas" OR "Eco-comunidade" OR "Eco-comunidades" OR "Eco-aldeia" OR "Eco-aldeias")
Resultados: 49 mas, apenas um da área de arquitetura
Estratégia de busca utilizada na BDTD
("Habitar" OR "Habitar Heideggeriano" OR "Heidegger" OR "Modo de viver" OR "Modo de ser-no-mundo") AND ("Comunidade intencional" OR "Comunidades intencionais" OR "Comunidade autossustentável" OR "Comunidades autossustentáveis" OR "Comunidade alternativa" OR "Comunidades alternativas" OR "Assentamento humano sustentável" OR "Ecovila" OR "Ecovilas" OR "Eco-comunidade" OR "Eco-comunidades" OR "Eco-aldeia" OR "Eco-aldeias")
Resultados: 4 mas, nenhum da área de arquitetura
Estratégia de busca utilizada na NDLTD
("Dwell" OR "Inhabit Heideggerian" OR "Heidegger" OR "Way of living" OR "Way of being-in-the-world") AND ("Intentional community" OR "Intentional communities" OR "Self-sustaining Community" OR "Self-sustaining communities" OR "Alternative community" OR "Alternative communities" OR "Sustainable human settlement" OR "Ecovillage" OR "Ecovillages" OR "Eco-village" OR "Eco-community")
Resultados: 21 sendo que 3 desses resultados estavam duplicados restando dessa forma 18 resultados dos quais apenas um é da área de Arquitetura e Urbanismo.
Estratégia de busca utilizada na OATD
("Dwell" OR "Inhabit Heideggerian" OR "Heidegger" OR "Way of living" OR "Way of being-in-the-world") AND ("Intentional community" OR "Intentional communities" OR "Self-sustaining Community" OR "Self-sustaining communities" OR "Alternative community" OR "Alternative communities" OR "Sustainable human settlement" OR "Ecovillage" OR "Ecovillages" OR "Eco-village" OR "Eco-community")
Resultados: 7 dos quais 2 resultados são reincidentes das bases de dados já consultadas NDLTD e BDTD, somando dessa forma, 5 novos resultados sendo apenas um da área de Arquitetura.
Estratégia de busca utilizada na PQDT Global (Busca avançada, no campo: Qualquer lugar, exceto texto completo – NOFT)
("Dwell" OR "Inhabit Heideggerian" OR "Heidegger" OR "Way of living" OR "Way of being-in-the-world") AND ("Intentional community" OR "Intentional communities" OR

"Self-sustaining Community" OR "Self-sustaining communities" OR "Alternative community" OR "Alternative communities" OR "Sustainable human settlement" OR "Ecovillage" OR "Ecovillages" OR "Eco-village" OR "Eco-community")
Resultados: 2, um mestrado em Artes e um doutorado em filosofia.
Estratégia de busca utilizada na SciELO (Busca em todos os campos)
("Dwell" OR "Inhabit Heideggerian" OR "Heidegger" OR "Way of living" OR "Way of being-in-the-world" OR "Habitar" OR "Habitar Heideggeriano" OR "Modo de viver" OR "Modo de ser-no-mundo" OR "Residir" OR "Modo de viver" OR "Manera de estar-en-el-mundo") AND ("Intentional community" OR "Intentional communities" OR "Self-sustaining Community" OR "Self-sustaining communities" OR "Alternative community" OR "Alternative communities" OR "Sustainable human settlement" OR "Ecovillage" OR "Ecovillages" OR "Eco-village" OR "Eco-community" OR "Comunidade intencional" OR "Comunidades intencionais" OR "Comunidade autossustentável" OR "Comunidades autossustentáveis" OR "Comunidade alternativa" OR "Comunidades alternativas" OR "Assentamento humano sustentável" OR "Ecovila" OR "Ecovilas" OR "Eco-comunidade" OR "Eco-comunidades" OR "Eco-aldeia" OR "Eco-aldeias" OR "Comunidad intencional" OR "Comunidades intencionales" OR "Comunidad autossuficiente" OR "Comunidades autosuficientes" OR "Comunidad alternativa" OR "Asentamiento humano sostenible" OR "Ecoaldea" OR "Ecoaldeas" OR "Eco-comunidad" OR "Eco-pueblo")
Resultados: um artigo, cuja temática trata da igreja enquanto comunidade de fé e seu posicionamento frente a desafios sociais como a pobreza e o HIV.
Estratégia de busca utilizada na Scopus (Busca nos campos: Título/Resumo/Palavras-chave)
("Dwell" OR "Inhabit Heideggerian" OR "Heidegger" OR "Way of living" OR "Way of being-in-the-world") AND ("Intentional community" OR "Intentional communities" OR "Self-sustaining Community" OR "Self-sustaining communities" OR "Alternative community" OR "Alternative communities" OR "Sustainable human settlement" OR "Ecovillage" OR "Ecovillages" OR "Eco-village" OR "Eco-community")
Resultados: 16, dentre artigos, livros e capítulo de livro dos quais, um resultado já havia sido obtido na base de dados SciELO, resultando dessa forma apenas 15 novos resultados.
Estratégia de busca utilizada na Web of Science (Busca nos campos: Título/Resumo/Palavras-chave [TÓPICO])
("Dwell" OR "Inhabit Heideggerian" OR "Heidegger" OR "Way of living" OR "Way of being-in-the-world") AND ("Intentional community" OR "Intentional communities" OR "Self-sustaining Community" OR "Self-sustaining communities" OR "Alternative community" OR "Alternative communities" OR "Sustainable human settlement" OR "Ecovillage" OR "Ecovillages" OR "Eco-village" OR "Eco-community")
Resultados: 5 dos quais 2 resultados já foram encontrados nas bases de dados da SciELO e Scopus restando assim, apenas 3 novos resultados.

Elaboração própria (2021)

Com a recorrência de alguns resultados em mais de uma base de dados, a quantidade inicial de 105 trabalhos encontrados caiu para 97 sem duplicação. Destes, foram analisados título, área da pesquisa e resumo de cada documento, a fim de identificar os que mais tinham afinidade com a proposta deste trabalho. Apesar da quantidade significativa de resultados,

apenas cinco documentos tinham uma proximidade maior, seja por um assunto ou pelo outro, com as temáticas que tratam este trabalho. Dessa forma, os cinco estudos foram selecionados para um aprofundamento maior, com o intuito de entender se e como os assuntos foram tratados de forma a entender um pouco sobre o estado da arte dos assuntos estudados.

No quadro abaixo, estão listados os estudos selecionados.

Quadro 10 – Documentos selecionados das bases de dados consultadas

Referência	Base de dados
Brandão, Gabriela Gazola. Naturezas do habitar: da metrópole à pequena cidade. 2016. 195 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.	CAPES
Santos Jr., Severiano José. Zelosamente habitando a Terra: ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas. 2016. 443 f. Tese (Doutorado no Instituto de Geociências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.	BDTD
Britto, Ana Luiza Rodrigues de. Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2018.	NDLTD
Algarvio, Iuri Cristóvão Cavaco. Ecoaldeias: práticas para um futuro sustentável. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010.	OADT
MORAD, Munir. Poetic architectural intentions: a brief assessment of the role of eco-phenomenology in urban design. Local Economy: The Journal of the Local Economy Policy Unit, [S.L.], v. 26, n. 4, p. 232-235, jun. 2011. SAGE Publications. http://dx.doi.org/10.1177/0269094211407424 .	SCOPUS

Elaboração própria (2021)

Apesar dos resultados encontrados e da pouca efetiva contribuição deles para o trabalho em questão, apresentou-se a pesquisa feita nas bases de dados em vista à deixar registrado os descritores utilizados. Uma vez que, esse registro pode vir a auxiliar outras pesquisadoras que façam investigações em assuntos correlatos e até mesmo uma comparação futura da evolução de pesquisas dedicadas as temáticas pesquisadas.

APÊNDICE B – TCLE Entrevistas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO | CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Campus UFSC – Trindade | Caixa Postal 476 | 88040-900 Florianópolis – SC



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa "A vida em comunidades intencionais: entendendo o modo de viver por meio de relatos dos próprios moradores". A Comunidade foi selecionada intencionalmente com base em levantamentos realizados previamente sobre as comunidades intencionais brasileiras existentes e suas características. A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora. O objetivo deste estudo é entender como acontece a vida nas comunidades intencionais mediante relatos de seus próprios moradores a fim de, alcançar um entendimento do panorama geral da vida na comunidade.

O instrumento para coleta de dados será a entrevista semiestruturada onde se buscará captar o entendimento dos entrevistados sobre o modo de viver em comunidades intencionais e as motivações que os levaram a essa escolha em detrimento ao estilo de vida convencional. A entrevista será realizada pela plataforma do Google Meet e a mesma será gravada para uma subsequente transcrição e análise dos dados.

Esse trabalho constitui parte da disciplina de Métodos Qualitativos de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC) e integrará também a pesquisa de mestrado da autora.

As informações obtidas durante essa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Durante a análise dos dados, tanto os registros sonoros das entrevistas quanto os textos resultantes das transcrições serão arquivados. Apenas as pesquisadoras envolvidas com o projeto terão acesso aos dados. Qualquer característica, nome ou evento que possibilite a identificação dos participantes será modificado.

Com a sua participação, você estará contribuindo para que possamos aprofundar nossos conhecimentos na condução de entrevistas em profundidade e nos estudos sobre a temática. Nesse termo constam e-mail, telefone e endereço institucional da pesquisadora principal e do programa a qual está credenciada, com eles, você pode tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento.

Pesquisadora
E-mail: gislaine.carolina@posgrad.ufsc.br
Fone: (48) 99671-8739 | (34) 991597739 (Whatsapp)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome

Assinatura

Local

____/____/____
Data

Caso você concorde em participar da pesquisa, por favor, envie esse documento assinado (pode ser assinatura digital) para o e-mail da pesquisadora até o dia da entrevista.

APÊNDICE C – Carta de anuência**CARTA DE ANUÊNCIA**

Eu _____, na qualidade de responsável pelo espaço onde acontece a **Comunidade SitiOm (Sítio Maracananduva)**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **“Um olhar fenomenológico sobre o habitar em comunidades intencionais: estudo de casos em ecovilas no Brasil”** a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Gislaine Carolina da Silva, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Declaro que a pesquisadora pode estar e observar os espaços da comunidade assim como, realizar registros fotográficos e/ou desenhos dos ambientes. Atesto que tenho conhecimento de que o estudo desenvolvido pela pesquisadora atende a resolução 510/16 e foi submetido para apreciação ética junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) cuja solicitação é identificada pela numeração 49990721.9.0000.0121.

_____, _____/_____/_____
Local Data

Assinatura

APÊNDICE D – TCLE Estudo de campo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO | CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Campus UFSC – Trindade | Caixa Postal 476 | 88040-900 Florianópolis – SC



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você morador (a) / voluntária (o) / voluntária (o) residente / visitante na Comunidade SitiOm (Sítio Maracananduva) está sendo convidada (o) para participar da pesquisa de mestrado intitulada **"Um olhar fenomenológico sobre o habitar em comunidades intencionais: estudo de casos em ecovilas no Brasil"**, onde a coleta de dados ocorrerá por meio da técnica de observação participante, sob responsabilidade da pesquisadora Gislaine Carolina da Silva.

A Comunidade foi selecionada intencionalmente com base em levantamentos realizados previamente sobre as comunidades intencionais brasileiras existentes e suas características. À vista disso, você está sendo convidada (o) a participar da pesquisa por estar residindo e/ou fazendo uso do espaço, de maneira permanente ou temporária, da comunidade que está sendo observada pela pesquisadora.

Segue abaixo um panorama geral sobre a pesquisa que está sendo realizada. A você é assegurada (o) uma via deste documento (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Ainda, lhe é garantida a plena liberdade para decidir sobre sua participação ou recusa, estando a pesquisadora à disposição para sanar quaisquer dúvidas ou esclarecimentos sobre a pesquisa e/ou sua participação. De todo modo, você pode, em qualquer fase da pesquisa, retirar seu consentimento, sem penalização alguma, independente do motivo, neste caso, é só entrar em contato com a pesquisadora pelos meios de comunicação mencionados abaixo neste documento.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como o habitar se manifesta no espaço de comunidades intencionais do tipo ecovilas. O procedimento metodológico utilizado para a coleta de dados é a observação participante na comunidade. O dados obtidos serão registrados em diário de campo constando descrições e informações sobre o espaço. Registros fotográficos do lugar poderão ser feitos mas, sem a presença das (os) participantes. A escolha da metodologia se justifica por estar alinhada com a perspectiva fenomenológica adotada na pesquisa uma vez que, só é possível entender o espaço vivenciando-o.

As informações obtidas são de uso exclusivamente acadêmico e para preservar a privacidade das (os) participantes asseguramos o sigilo de sua identificação durante a análise dos dados e posteriores publicações. Dessa forma, as (os) participantes não serão identificadas (os) assim como, quaisquer indícios que possibilitem a sua identificação serão confidenciais, apenas as pesquisadoras envolvidas com o projeto terão acesso aos dados.

Você, enquanto participante voluntária (o), não terá nenhuma despesa ao participar da pesquisa assim como, não haverá qualquer forma de remuneração pela sua cooperação com o estudo. Contudo, caso haja quaisquer despesas decorrentes da participação na pesquisa haverá o seu ressarcimento. Ademais, caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da sua participação no estudo, as (os) participantes poderão pleitear indenização.

Como possível risco da sua participação na pesquisa, pontua-se o desconforto pela presença da pesquisadora na comunidade. Contudo, a fim de minimizar esse eventual risco, a pesquisadora estará indo como voluntária onde e se integrará na rotina da vida comunitária participando de todas as atividades propostas e designadas pelo projeto de voluntariado da comunidade. A sua participação na pesquisa contribuirá para que possamos aprofundar nossos conhecimentos sobre como o habitar se manifesta em Comunidades Intencionais colaborando



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO | CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Campus UFSC – Trindade | Caixa Postal 476 | 88040-900 Florianópolis – SC



assim, no avanço de estudos sobre a temática. É garantido aos participantes o acesso aos resultados da pesquisa à qualquer momento.

Este documento cumpre as exigências contidas nas resoluções sobre pesquisas com seres humanos (466/12 e 510/16) e foi submetida para apreciação ética junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) cuja solicitação é identificada pela numeração 49990721.9.0000.0121.

O contato com Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) pode ser realizado no Prédio Reitoria II, rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, bairro Trindade, CEP 88040-400, Florianópolis, SC. O contato também pode ser não presencial através do telefone: (48) 3721-6094 ou pelo e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br.

O contato com a pesquisadora responsável pode ser realizado através dos telefones: (48) 99671-8739 ou (34) 99159-7739 (Whatsapp) ou pelos e-mails: gislaine.carolina@posgrad.ufsc.br e gislainecarolina@outlook.com.

Assinatura da pesquisadora responsável

Eu _____, declaro, por meio deste termo, que concordo em participar desta pesquisa de mestrado desenvolvida pela pesquisadora Gislaine Carolina da Silva, a quem poderei contatar e consultar a qualquer momento que julgar necessário por meio dos contatos mencionados anteriormente. Afirmo que aceito participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada (o) dos objetivos acadêmicos do estudo assim como, dos riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Fui também esclarecida (o) de que a pesquisa foi submetida às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma indireta e anônima, por meio da minha presença e uso do espaço da Comunidade SitiOm (Sítio Maracanduva) e de que a minha identidade será preservada. Tenho conhecimento de que apenas as pesquisadoras envolvidas com a pesquisa terão acesso aos dados e análise. Fui ainda informada (o) também, de que posso, a qualquer momento, me retirar da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou sanções. Atesto que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

_____, _____/_____/_____
Local Data

Assinatura da (o) participante

APÊNDICE E – TALE Estudo de campo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO | CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Campus UFSC – Trindade | Caixa Postal 476 | 88040-900 Florianópolis – SC



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você, criança que mora na Comunidade SitiOm (Sítio Maracananduva) está sendo convidada para participar de uma pesquisa chamada **"Um olhar fenomenológico sobre o habitar em comunidades intencionais: estudo de casos em ecovilas no Brasil"**, onde eu Gislane Carolina da Silva, estarei observando, participando e vivenciando o espaço da comunidade, isso é chamado de observação participante.

Depois de estudar sobre várias comunidades como a que você mora eu escolhi vir observar os espaços do SitiOm para fazer parte do meu estudo. Como você mora aqui, eu te convido a participar da pesquisa.

Eu vou te dar um documento igual a esse para que você possa guardar contigo e caso você esqueça alguma coisa pode pedir seu responsável para ler. Além disso, você pode decidir se quer ou não participar da pesquisa, e sempre que tiver alguma dúvida é só pedir o seu responsável para me procurar que posso tirar as suas dúvidas. E se, em qualquer momento, você não quiser mais fazer parte da pesquisa, está tudo bem, é só pedir seu responsável para falar comigo pelos contatos que estão escritos abaixo neste documento que você será retirada.

Vou te contar um pouquinho sobre o que eu estou estudando e o que vou observar no SitiOm. Eu estudo como o habitar se manifesta no espaço de comunidades intencionais do tipo ecovilas. E para descobrir como isso acontece eu preciso ir para as comunidades e observar o seu espaço. Tudo o que observo eu escrevo em um caderninho chamado diário de campo. Eu também tirarei algumas fotos do lugar mas, somente quando nenhuma pessoa estiver presente. Eu estudo as comunidades na própria comunidade porque acredito que a gente só consegue entender o espaço quando estamos nele.

Tudo o que eu observar aqui será somente para fins acadêmicos e você pode ficar tranquila pois, no trabalho você não será identificada, ou seja, o seu nome não irá aparecer, ele será secreto, somente eu saberei.

Você, não terá nenhum gasto para participar da pesquisa e também não receberá nada por isso mas, se for comprovado que houve alguma despesa ou dano causado pela sua participação na pesquisa, haverá o seu ressarcimento.

Talvez, você possa se sentir desconfortável com a minha presença na comunidade mas, para que isso não aconteça eu serei uma voluntária aqui como qualquer outra então, eu vou participar da vida comunitária e de todas as atividades que as voluntárias fazem. A sua participação é muito importante pois, ajudará a entender melhor como o habitar se manifesta em Comunidades Intencionais. Você terá acesso aos resultados da pesquisa sempre que quiser.

Este documento cumpre as exigências contidas nas resoluções sobre pesquisas com seres humanos (466/12 e 510/16) e foi submetida para apreciação ética junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) cuja solicitação é identificada pela numeração 49990721.9.0000.0121.

O contato com Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) pode ser realizado no Prédio Reitoria II, rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, bairro Trindade, CEP 88040-400, Florianópolis, SC. O contato também pode ser não presencial através do telefone: (48) 3721-6094 ou pelo e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO | CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Campus UFSC – Trindade | Caixa Postal 476 | 88040-900 Florianópolis – SC



O contato com a pesquisadora responsável pode ser realizado através dos telefones: (48) 99671-8739 ou (34) 99159-7739 (Whatsapp) ou pelos e-mails: gislaine.carolina@posgrad.ufsc.br e gislainecarolina@outlook.com.

Assinatura da pesquisadora responsável

Eu _____, responsável legal por _____, declaro, por meio deste termo, que autorizo a realização da observação participante com a minha filha, e que tenho conhecimento de que esta configura uma etapa da pesquisa de mestrado desenvolvida pela pesquisadora Gislaine Carolina da Silva, e que poderei procurá-la a qualquer momento para esclarecer as minhas dúvidas por meio dos contatos escritos neste documento. Afirmo que autorizo a participação da minha filha por sua própria vontade, sem receber qualquer coisa por isso, com único objetivo de colaborar com a pesquisa. Fui informada sobre o que é a pesquisa e também dos riscos e benefícios de sua participação e autorizo minha filha a participar. Fui também informada de que a pesquisa foi submetida às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. A atuação da minha filha na pesquisa será de forma indireta e secreta, e ocorrerá por meio da sua presença e uso do espaço da Comunidade SitiOm (Sítio Maracanduva). Tenho conhecimento de que apenas as pesquisadoras envolvidas com a pesquisa terão acesso aos dados da minha filha. Fui ainda informada que posso, a qualquer momento, retirar a autorização de participação da minha filha na pesquisa, sem que haja qualquer prejuízo por isso. Eu recebi uma via assinada deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

_____, _____/_____/_____
Local Data

Assinatura da responsável legal pela criança

Assinatura da pesquisadora responsável